



NA PARAÍBA

## Aumenta número de denúncias de irregularidades trabalhistas

No 1º trimestre, MPT registrou 458 reclamações, 17% a mais em comparação com igual período de 2022. **Página 5**



Foto: Evandro Pereira

### Parque Arruda Câmara encanta pela diversidade da flora

Bica possui, num espaço de aproximadamente 25 hectares, uma vasta vegetação, com ambiente aconchegante que convida a tranquilos passeios. **Página 20**

### Alteração em lei pode frear “epidemia” de violência familiar

Especialistas comemoram medidas protetivas automáticas e acreditam em redução da violência.

**Página 3**

### Presidente da Funesc anuncia novos editais neste semestre

Bia Cagliani vai reforçar interiorização das ações culturais e garantir inclusão de pessoas com deficiência.

**Página 4**



Foto: Arquivo pessoal

### Consumidor do interior adere a cartões de crédito

Vendas aumentam com a facilidade do parcelamento de pagamento. Empresários comemoram.

**Página 17**

### Cidades paraibanas capricham na criatividade dos portais

Representações simbólicas de identidade de alguns municípios chamam a atenção dos visitantes e apresentam, com orgulho, referências históricas, culturais e econômicas locais. Um convite ao retorno.

**Página 7**



Foto: Prefeitura de Sousa/Divulgação

■ “Hoje vejo um novo empenho de restauração de relíquias como a antiga Alfândega, a Casa da Mouraria, o Convento, a Praça Álvaro Machado”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Segredo deixa de ser das quatro paredes, quando se bem lembramos, a porta deixa de ser uma porta, para viajar de boca em boca”.

Kubitschek Pinheiro

**Página 10**

Foto: Roberto Guedes



### Memórias

#### As histórias e os ensinamentos do jornalista Rubens Nóbrega

De tradutor de telegrama a redator da primeira página, a trajetória em A União e os voos para outros órgãos da imprensa com o drama de um cadáver na redação.

**Páginas 14 e 15**



### Correio das Artes

As músicas, as controvérsias e a trajetória de Zé do Norte, compositor de mais de 150 canções, entre elas o clássico “Mulher Rendeira”, que será homenageado no Festival de Música da Paraíba 2023.



# Editorial

## Mapas em mudança

O mapa do mundo vem sofrendo modificações ao longo da história. Entre os séculos 19 e 21, as inúmeras alterações impactaram milhões de pessoas. As fronteiras de várias nações foram redesenhadas de acordo com as marés da política, da economia e das guerras. As novas linhas imaginárias traçadas criaram países que se expandiram enquanto outros sumiram. A estabilidade das dimensões de estados e territórios é sensível e depende dos ânimos dos líderes de plantão.

Atualmente, o mundo assiste ao conflito entre Rússia e Ucrânia, uma guerra iniciada oficialmente em fevereiro de 2020, mas que possui capítulos anteriores, como a ocupação e anexação russa da Crimeia em 2014 ou o período em que a Ucrânia integrava a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Os mapas alterados, só para citar os períodos mais recentes, produziram milhares de mortos e feridos, além de deslocar outros tantos.

E como ficará o mapa europeu após as armas silenciarem nas terras ucranianas? A resposta é uma incógnita. O mais provável é que ocorra uma nova mudança no traçado das fronteiras.

Independente do que será decidido, uma coisa é certa: a luta armada, opção escolhida pela Rússia de Vladimir Putin, cada vez mais parece estar num impasse. Também é consenso que a guerra é prejudicial para os negócios de todos, exceto os fabricantes de armas, apesar de muitos silenciarem sobre os efeitos nocivos do conflito.

Outro ponto importante: qualquer negociação de paz necessariamente exigirá o silenciar das armas. E os dois lados em conflito e todos os seus fiadores terão que aceitar discutir demarcação de fronteiras. O início do diálogo exige disposição para ceder. A questão é saber até que ponto os beligerantes aceitam a cessão de espaços.

A história mostra que a parte mais fraca costuma ter que abrir mão de áreas ocupadas militarmente pelos inimigos. A própria Rússia tem experiência em ganhar nacos de terrenos dos adversários. A Finlândia e a Polônia são testemunhas da “fome” russa por territórios.

Certamente, os Estados Unidos, a Europa e outros países engajados em manter a Ucrânia viva na luta têm na memória o início da Segunda Guerra Mundial, quando os pedidos feitos por Adolf Hitler, o ditador que comandava a Alemanha Nazista, eram atendidos um após o outro com a promessa de ser o último. Relembrando esse capítulo recente da história essas nações devem estar cientes de que aceitar as reivindicações territoriais da Rússia, para garantir a paz, será lido como sinal de rendição sem a certeza de que outras solicitações não serão feitas pelos russos.

Ou seja, o mundo caminha para um impasse e mergulha, aparentemente, numa nova polarização. Porém, desta feita, há o componente China, cada vez mais poderoso. Há sempre o risco do conflito se alastrar, o que seria uma tragédia ainda maior para a humanidade.

O que se faz necessário é que os dois lados se disponham a dialogar. E que surja uma alternativa para se calar as armas e percorrer uma estrada rumo à paz duradoura. As mudanças nos mapas serão consequências das conversas. Enquanto isso, a guerra consome riquezas que poderiam ser usadas em proveito coletivo e as incertezas sobre o futuro só aumentam.

## Artigo

Rui Leitão  
ruileitao@hotmail.com

### O romantismo literário no Brasil

O movimento literário conhecido como o “Romantismo no Brasil”, teve início em 1936, com o lançamento do livro de poemas “Suspiros poéticos e saudades”, de Gonçalves de Magalhães, e publicações na Revista Niterói. O romantismo em nosso país buscava resgatar as tradições e valores da cultura popular e do folclore, explorando temas como os índios, reconhecendo-os como os fundadores de nossa nação; os regionalismos; a realidade social do país na época e exaltações à natureza. Era o desejo de criar uma identidade nacional. Após o grito do Ipiranga foi despertada uma nova mentalidade no povo brasileiro, buscando adequar-se à realidade que o contexto histórico apresentava, no desejo de negar tudo o que tinha origem na cultura portuguesa. Havia um ânimo de liberdade, na necessidade da construção da nova nação, valorizando o conceito de pátria.

Os autores mais destacados desse estilo da literatura brasileira foram: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves. Esses escritores romperam com os modelos clássicos greco-romanos, sem obediência ao formalismo e tradicionalismo das escolas anteriores, inconformados com as regras que estabeleciam o fazer artístico. Passaram a utilizar versos sem rima e sem métrica. O ufanismo produzia uma exaltação aos valores culturais, históricos e artísticos do Brasil. A idealização da mulher como representante da beleza, da pureza e da delicadeza. Apresentava-se como uma literatura romântica focada nos sentimentos e emoções dos autores, expressando, então, um sentimentalismo exacerbado.

A arte romântica, antes exclusiva da nobreza, após a nossa independência conquistou um público anônimo, ganhou as ruas, rompendo as muralhas da Corte. No país, o movimento foi dividido em três fases: (1836 a 1852) geração nacionalista-indianista; (1853 a 1869) geração ultrarromântica, ou geração do “mal do século” e (1870 a 1880) geração condoreira. A geração do mal do século foi fortemente influenciada pela poesia de Lord Byron e Musset. Foram obras marcadas pelo negativismo, o tédio, a desilusão da adolescência, a boemia e o egocentrismo. Já a geração condoreira sofreu a influência da poesia político-social de Victor Hugo. O termo condoreirismo é consequência do símbolo de liberdade adotado pelos jovens româ-

nticos: o condor, águia que habita o alto da cordilheira dos Andes.

Com a chegada da imprensa em nosso país, gerando a publicação de folhetins, uma técnica de escrita e textos literários, tornou a produção cultural mais barata. Podemos dizer que a liberdade de expressão que o Brasil tem hoje em sua literatura deve-se grande parte aos idealistas românticos. As obras publicadas, a partir desse movimento, abriram oportunidades de se discutir o país, promovendo ideias e questionamentos que se direcionavam a contribuir na transformação da sociedade em nação, num momento em que o Brasil vivia o seu apogeu nacionalista, carregado de lusofobia. Surgiu, então, um novo estilo de escrever, pensar e manifestar. Um movimento libertário que fez com que o brasileiro passasse a se reconhecer como pessoa e como nação. Nascia uma crítica engajada que se libertava do jugo colonial. Em síntese o Romantismo deu personalidade ao povo brasileiro.

Antônio Cândido, no livro “Formação da literatura brasileira”, editado em 1959, faz um balanço do “romantismo literário”, destacando sua relação com a sociedade, observando a poética de cada escritor a partir dos aspectos mais gerais da teoria romântica.

“

**A arte romântica, antes exclusiva da nobreza, após a nossa independência conquistou um público anônimo, ganhou as ruas, rompendo as muralhas da Corte**

Rui Leitão

## Foto Legenda

Ortilo Antônio



Em Oitizeiro, o chamado da feira

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### Fim feliz

Estava escrevendo para hoje motivado pela criação da Secretaria do Meio Ambiente, quase no mesmo dia em que a TV Cabo Branco serviu, no café, a ruína, desde muito exposta, do lugar descrito como nosso Ponto Zero, o Porto do Capim. Porto que serviu à fundação, ao estabelecimento da cidade com o desembarque e embarque de seus possuídos até 1932, quando Gratuliano Brito inaugurou o de Cabedelo.

Enquanto o foco da tevê trazia a lume os desmoronamentos a partir da Alfândega e de velhos armazéns de mistura com os barracos da nossa miséria social, em silêncio eu me questionava:

“Por que somos assim? Pobreza material, apenas?”

E me lembrava de São Luiz do Maranhão, quando lá estive, há cinquenta anos, cumprindo pauta do BNH sobre os enterrâneos de Gonçalves Dias e Ferreira Gullar a morar com lama pelos beijos nas palafitas que margeiam a colina histórica da cidade, seu mirante principal para a entrada e saída do tráfego colonial.

Que não se agastem os honores pessoenses com lembrança tão inusitada... Subimos a colina, saindo das águas do rio Anil, para encontrar, lá no alto, as ruas assobradadas com seus mirantes, o Ponto Zero da cidade, tudo bem varridinho, lavado e esfregado sabe por quem? Pelas mulheres solteiras, meretrizes benfazejas a quem eram cedidas as casas para morar e viver desde que assumissem a conservação, o zelo da casa inteira, do quintal à fachada.

Cedo da manhã, sol de outubro, não faltava escada com seus lances bem menos surpreendentes que o trabalho das mulheres na conservação da azulejaria, não sei se de origem portuguesa ou francesa. O governo nem o povo não se desonravam com o intercâmbio providencial. Se a elite abandonara os antigos pagos, largando-se para a cidade nova que nascia e prosperava depois da ponte de Sarney, ligando-a ao continente, que mal faria o trabalho restaurador pelas mãos da nova modalidade de servidoras?

Não sei como está hoje, na fase dos passos lentos e arrastados do velho Presidente maranhense. O progresso não deve ter deixado de arribar através da ponte tal como se deu aqui através da

“

**O governo nem o povo não se desonravam com o intercâmbio providencial**

Gonzaga Rodrigues

Epitácio. Sei apenas que, em algum tempo, surgiu uma alternativa barata, prática e imediata para adiar um pouco a morte da História.

Aqui, na gestão passada do prefeito Cartaxo, foi tentado um projeto do que chamam “requalificação” do ambiente. Cogitou-se de um Sanhauá como via turística, é o que li. Mas empacou na política. Antes disso e antes mesmo de Ricardo, Cícero andou olhando para aquelas bandas. E tudo se foi com a correteza.

Agora vejo nas mãos de José William Montenegro Leal um novo empenho de restauração de reliquias como a antiga Alfândega, a Casa da Mouraria, o Convento, a Praça Álvaro Machado e o problema da periferia em situação igual à das palafitas. O tempo não me deixa esperar muito. Mas quem sabe?!

Surge de repente da televisão um forte jorro de luz que me atrai rápido para o “dia de campo” que os sucessores da Extensão Rural monitoravam esta semana em Alagoa Nova. A tela não cabendo do verde que brotava de um milharal didático, com folhas, espigas e cabelos que não mediam terra nem céu para dourar. Verde luminoso abarcando a terra numa copa única de pau-brasil. Suficiente para restituir, na lembrança, o que andei perdendo nessa enfeira longa e seca de anos.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



LEI MARIA DA PENHA

# Mudanças garantem maior proteção para as mulheres

Objetivo é fortalecer o relato da vítima e ampliar o acesso aos meios de proteção

Michelle Farias  
 michellesfarias@gmail.com

Há 10 dias estão em vigor alterações na Lei Maria da Penha que garantem proteção imediata às mulheres vítimas de violência a partir da realização da denúncia. Especialistas afirmam que as mudanças vão assegurar a concessão de medidas protetivas de forma mais rápida, sem a necessidade de um boletim de ocorrência, o que fortalece o relato da vítima e amplia o acesso aos meios de proteção.

A mudança na lei permite que as medidas protetivas sejam concedidas independentemente da tipificação penal da violência, do ajuizamento de ação penal ou cível, da existência de inquérito policial ou do registro de boletim de ocorrência. As medidas protetivas de urgência vigorarão enquanto persistir risco à integridade física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral da mulher ou de seus dependentes.

“Somente este ano o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) já concedeu 1.751 medidas protetivas. No ano passado 7.159 mulheres foram protegidas com medidas concedidas pelo judiciário estadual”, disse a coordenadora da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça da Paraíba, juíza Anna Carla Falcão

“Através dessas mudanças não serão feitas exigências que, em verdade, não estavam

previstas na lei Maria da Penha para a concessão das medidas protetivas, mas que alguns operadores do direito, entendiam necessárias”, explicou a magistrada.

O Tribunal de Justiça implantou recentemente na Paraíba o aplicativo Maria da Penha virtual que iniciou o funcionamento em comarcas pilotos, como: Santa Rita, Campina Grande e Sousa. A juíza explicou que através desse aplicativo, a vítima gera o pedido de medida protetiva por meio do celular ou computador. O estado tem dois juizados especializados em violência doméstica, um em João Pessoa e outro em Campina Grande. Somente este ano foram ajuizados 2.330 novos casos de violência doméstica.

A presidente da Comissão de Combate à Violência e Impunidade contra a Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Paraíba, Ana Beatriz Eufrazino, afirmou que a lei precisou ser ampliada por conta do cenário epidêmico de violência doméstica e familiar atualmente no país.

“Agora a Lei Maria da Penha mostra-se ainda mais ampla em relação às medidas protetivas de urgência e sua concessão. São alterações que vão ampliar, deixar ainda mais forte as medidas protetivas de urgência, que são hoje um dos maiores instrumentos no que concerne à proteção integral da mulher”, avaliou a advogada.

A coordenadora das Dele-

gacias Especializadas de Atendimento à Mulher na Paraíba (Coordeam), delegada Anny Maciel, considerou as alterações importantes, já que garantem autonomia das medidas protetivas tanto no que diz respeito ao seu prazo de vigência ou ainda âmbitos de aplicação legal.

“Busca afastar decisões que por vezes afastavam a incidência legal ou até mesmo negavam a proteção com base na análise dos fatos. Nesse sentido conforme dispõe a norma “as medidas protetivas de urgência serão concedidas em juízo de cognição sumária a partir do depoimento da ofendida perante a autoridade policial ou da apresentação de suas alegações escritas”, explicou a delegada.

A secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura, destacou que outra mudança importante na lei diz respeito ao fim do prazo de validade das medidas protetivas expedidas. Segundo ela, alguns magistrados da Paraíba já adotavam a prática de não determinar um prazo para vigência das medidas.

“Não tem como saber quando aquela violência vai terminar. Tem que ser feita uma avaliação periódica. O prazo de validade era algo que deixava uma fragilidade nas medidas protetivas. Isso é um ganho no enfrentamento à violência. Provando que as medidas protetivas funcionam e salvam a vida das mulheres”, avaliou Lídia Moura.

As alterações na legislação foram propostas pela ex-senadora Simone Tebet e a sancionadas pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 19 de abril. Sancionada em 7 de agosto de 2006, a lei recebeu o nome de Maria da Penha em homenagem à farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, cujo marido tentou matá-la duas vezes e que, desde então, passou a se dedicar à causa do combate à violência contra as mulheres.

■ A mudança na lei permite que as medidas protetivas sejam concedidas independentemente da tipificação penal da violência, do ajuizamento de ação penal ou cível, da existência de inquérito policial ou do registro de boletim de ocorrência

## UN Informe

Ricco Farias  
 papiroeletronico@hotmail.com

### HUGO MOTTA CONDICIONA DISPUTA DO REPUBLICANOS NA MAJORITÁRIA AO DESEMPENHO NA ELEIÇÃO MUNICIPAL

Vice-presidente nacional do Republicanos, o deputado federal Hugo Motta (foto) admite a que o seu partido almeja estar na disputa majoritária de 2026, mas condiciona essa possibilidade às eleições municipais



Foto: Câmara dos Deputados

do próximo ano. Em outras palavras, o parlamentar quer dizer que o fortalecimento municipal da legenda é que determinará se o partido terá musculatura para pleitear espaço numa chapa majoritária ou não. Em entrevista a jornalistas, na reunião do Consórcio Nordeste, em João Pessoa, ele discorreu sobre o que a legenda precisa fazer para alcançar posição privilegiada na eleição majoritária: “O Republicanos primeiro precisa cumprir essas tarefas [eleger o maior número de prefeitos e vereadores possíveis] para que em 2026 possamos discutir a eleição majoritária, o papel que o partido cumprirá na eleição”. Motta, que é líder do Republicanos na Câmara dos Deputados, não quis colocar seu nome como um dos prováveis candidatos em 2026: “No momento correto, faremos a discussão de quem no partido está mais preparado para disputar a majoritária”.

### COM O RADAR SEMPRE LIGADO

Pelas declarações de Hugo Motta, o radar do Republicanos está permanentemente ligado para captar situações políticas futuras: “No nosso partido, não deixamos para cuidar da eleição só no momento eleitoral. Temos a missão de, constantemente, estarmos discutindo sobre os desafios do partido para as eleições municipais”.

### VAI TENTAR A REELEIÇÃO

O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) já se coloca fora do páreo para a disputa pelo Governo do Estado, em 2026. Em entrevista a uma TV, disse que o seu projeto político para daqui a três anos é tentar a reeleição para o Senado. E para fortalecer essa sua pretensão, quer fortalecer o partido, elegendo muitos prefeitos: “Nossa meta é eleger ao menos 50 prefeitos em 2024”.

### “O MAIOR ARCO DE ALIANÇAS”

Do deputado Aguinaldo Ribeiro (PP), reportando-se à estratégia que o Progressistas projeta para levar o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, a ter mais musculatura política para disputar a reeleição, em 2024: “Vamos construir o maior arco de alianças políticas possíveis. E vou participar com muita energia desse processo, com mais intensidade do que na última eleição [em 2020]”.

### DUAS VERSÕES SOBRE 2024

O União Brasil parece estar, como diz a máxima popular, ‘atirando para todos os lados’ para ver se acerta algum alvo na capital. Dias desses, por intermédio do deputado George Morais, acenou com a ideia de apoiar a reeleição de Cícero Lucena em João Pessoa, em troca do apoio à candidatura dele, em Cabedelo. Mas o senador Efraim Filho tem dito que o partido estuda a possibilidade de ter candidatura própria na capital.

### SUPERA O MEDO “RAPIDINHO”

É notório o temor que o presidente da ALPB, Adriano Galdino (Republicanos), tem de viajar de avião. E isso é um problema para ele ser candidato a cargo eletivo federal, porque na hipótese de ter êxito na eleição, teria que estar o tempo todo se deslocando entre Paraíba e Brasília. Mas o irmão dele, deputado Murilo Galdino, agiu com bom humor ao mencionar isso: “Tem medo de avião, mas se for para o Senado, ele supera rapidinho”.

### REFORMA TRIBUTÁRIA: LIRA PREVÊ VOTAÇÃO DE TEXTO ANTES DO RECESSO

Presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP) aposta que a votação da reforma tributária em plenário ocorrerá antes do recesso do meio do ano [marcado para 18 de julho]. “Está tudo bem encaminhado pelo GT, do qual os deputados Aguinaldo Ribeiro e Reginaldo Lopes estão na condução. Tão logo haja votação do arcabouço [fiscal], na primeira quinzena de maio, cumprindo pré-requisitos de algumas matérias que teremos que apreciar, entendo que antes do recesso a reforma tributária vai a plenário”.

## Paraíba conta com rede de serviços eficiente

A Paraíba conta com a Patrulha Maria da Penha, Centros de Referência e Casas Abrigo serviços que juntos foram uma das redes mais eficientes do país para proteção às mulheres vítimas de violência. A secretária de Estado da Mulher e Diversidade Humana, Lídia Moura, avaliou que as mudanças implementadas na Lei Maria da Penha são importantes e que já ficou comprovado que as medidas protetivas de urgência têm real eficácia para proteger e resguardar a vida das mulheres.

“Mesmo sem boletim de ocorrência, as mulheres podem denunciar e solicitar a me-

didada protetiva, desde que seja por escrito. Como a concessão não depende de um boletim propriamente dito isso ajuda muito. Existem as mulheres que não querem denunciar, não querem seguir adiante com um processo judicial. Ela só quer ficar em paz e livre daquele agressor. É importante que haja essa facilidade. A palavra da mulher é levada em consideração. Antes havia necessidade de um levantamento maior de provas”, pontuou a secretária.

A Paraíba possui dois Centros de Referência que funcionam com portas abertas, nas cidades de Campina Grande e Sumé, oferecendo atendimen-

to multiprofissional. Além disso existem as Casas Abrigo que acolhem as mulheres e seus filhos nos casos em que há risco de morte.

Por meio da Patrulha Maria da Penha as mulheres em situação de violência doméstica que possuem medida protetiva recebem visitas periódicas e são fixadas rotas de monitoramento por parte da Polícia Militar, dentro de um perímetro arbitrado pela Justiça, para prevenir qualquer investida do agressor. O serviço é oferecido atualmente em 100 municípios, mas será expandido para todo o estado, conforme determinação do governador João Azevêdo.



Mesmo sem boletim de ocorrência, as mulheres podem denunciar e solicitar a medida protetiva

Lidia Moura

Foto: Ortilo Antônio



Paraíba conta com a Patrulha Maria da Penha, além de Centros de Referência e Casas Abrigo para proteção das mulheres



# Bia Cagliani

presidenta da Funesc

## “Queremos interiorizar e municipalizar as ações de cultura na Paraíba”



Foto: Evandro Pereira

Gestora da Funesc destacou os investimentos em infraestrutura nos equipamentos e as ações de fomento no estado

Lucilene Meireles  
lucilene@epc.pb.gov.br

**B**ia Cagliani de Oliveira e Silva assumiu a presidência da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo (Funesc) em fevereiro de 2023 com uma vasta bagagem intelectual para cuidar das ações de cultura. Bacharel em Ciências Sociais e especialista em representação teatral, ambas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é também professora, bailarina e atriz. Foi servidora da Secult-PB (2011-2023), como gerente de Dança e integrou a coordenação das leis Aldir Blanc e Canhoto da Paraíba (Rema).

A coreógrafa, arte-educadora, gestora e produtora é filha da bailarina argentina Rosa Cagliani e do maestro Carlos Anísio, professor do Departamento de Música da UFPB, e cresceu circulando por espaços de arte e cultura, a exemplo do Teatro Santa Roza. Hoje, comanda um celeiro de eventos com atuação por todo o estado.

Em entrevista ao Jornal A União, ressalta seus planos à frente da Funesc, enumera projetos de destaque e diz o que muda a partir da desvinculação com a Secretaria de Educação e o retorno à de Cultura. Ela comenta ainda as novidades a serem anunciadas em curto prazo e a interiorização das ações.

Pondera ainda sobre o cadastramento dos volumes que compõem a Biblioteca Juares da Gama Batista, avalia a importância da digitalização do acervo e comemora o sucesso das ações desenvolvidas no Espaço Cultural e pela Paraíba.

## A entrevista

■ À frente da Funesc desde fevereiro, quais os seus planos para a Fundação?

Primeiro, manter o que está funcionando e melhorar o que pode ser melhorado em pouco tempo e, claro, com planos a médio e longo prazo. Sou das artes cênicas, bailarina e atriz, e tenho um carinho enorme pelos espaços dedicados a essas artes. A Fundação abriga os teatros de Arena e o Paulo Pontes aqui no prédio; o Santa Roza, no Centro; o Santa Catarina, em Cabedelo; o Cine Teatro São José, em Campina Grande; e o Íracles Pires, em Cajazeiras, e eu queria dar um olhar especial para eles. Alguns passaram por reforma recente e a tentativa é que possam receber cada vez melhor os artistas das suas regiões. Também na Grande João Pessoa porque os teatros daqui recebem ainda do Brasil. Há uma procura alta de grupos de fora e estamos com projetos e propostas que começaram a chegar quando entrei.

■ A quais projetos daria destaque?

Estamos com possibilidade de melhorias nas várias acessibilidades às nossas atividades e espaços. Vamos começar a discutir um plano para apresentar para o governo e com consultorias. O Cine Bangüê tem uns projetos. Temos projetos para salas de concertos, em parceria com a UFPB, de alguns equipamentos para pessoas cegas ou com baixa visão, para surdos ou com baixa audição. Pretendemos tornar esse lugar cada vez mais acessível, porque temos um prédio maravilhoso, mas é um pouco datado arquitetonicamente falando e que precisa se atualizar. Existem várias normas que precisamos estudar e ver como conseguimos aplicar nesse prédio sem perder as suas características originais, mas poder trazer essas pessoas para frequentar. O Espaço Cultural não é só de um grupo de pessoas, é de todos.

■ A Funesc saiu da Educação e agora está vinculada à Cultura. O que muda na prática?

Primeiro, muda no orçamento, de alguma forma, porque passamos por uma migração recentemente, e temos um diálogo mais próximo com a Cultura. A Funesc já foi da Educação, passou a ser da Educação e agora, voltou para a Cultura por determinação do governador João Azevêdo. Acho que as línguas são mais próximas, embora tenham sido frutíferos os anos na Educação, onde os secretários tiveram uma visão muito carinhosa com o Espaço Cultural. Nós abrigamos alguns organismos que são da Educação como o Cearte; parte da Orquestra Sinfônica é vinculada à Educação; a Estação Ciência também; temos o Prima, programa híbrido entre educação e cultura, um polo de piano grande. Na prática, o que muda é que temos um diálogo mais próximo entre Cultura e Fundação.

■ Quais as novidades que a Funesc deve anunciar em curto prazo?

Esse ano vai ser de bastantes editais na Fundação. Uma coisa que o pessoal pede muito é um módulo mais avançado para o nosso curso de teatro. Temos um plano, mas não sei se conseguimos realizar esse ano ainda, que é a discussão sobre o Fenart (Festival Nacional de Arte). Como é a volta, acho que deve ser em grande estilo. O governador tem muito interesse na volta do Festival e o secretário também ventilou isso, mas entendo que precisa de um olhar específico, com tempo, maturação para não se fazer algo que não seja à altura do festival do jeito que ele era. Nossa expectativa é fazer um grande retorno. Mantemos os grandes projetos que o público gosta bastante: a Mostra Estadual, com espetáculos de teatro, dança e circo do estado inteiro. Uma coisa legal do cinema é que vão sair dois

“

Preveremos ações a serem realizadas em cidades onde não temos nenhum tipo de estrutura física do estado e da Funesc

Bia Cagliani

editais nesse semestre para o pessoal do audiovisual, para ocupação de filmes paraibanos no Bangüê.

■ As ações de cultura são mais escassas no interior, mas alguns projetos têm ganhado força como a Caravana Interatos e o projeto De Repente na Estrada, que está sendo retomado. Existe uma atenção maior no que tange à interiorização da cultura?

Queremos tentar interiorizar cada vez mais, municipalizar e não ficar só nos prédios que temos. Preveremos ações em cidades onde não temos nenhum tipo de estrutura física do estado ou da Fundação. Isso veio também de um credenciamento que Pedro Santos (gestor anterior da Funesc) fez quando estava para sair. Ele propôs aos municípios que tivessem interesse em receber atividades que escolhessem três atividades. É óbvio que não temos condições de atender tudo de todos. Então, quando entrei, a primeira coisa que falei foi para avaliarmos todas as propostas. Já estava caminhando um pouco num dos projetos que as prefeituras tinham solicitado e nós começamos a aplicar isso em todos os editais.

■ Ano passado, algumas obras foram anunciadas como a substituição da cobertura do Espaço Cultural, impermeabilização do pé direito do Teatro Paulo Pontes, manutenção da cobertura e do subsolo do Teatro Santa Roza. Esses serviços foram feitos?

Todos estão em processo. Foi aprovada a reforma do telhado do Santa Roza que tem infiltração. Ficamos preocupados e sabemos o quanto a equipe se dedica para fazer funcionar, mesmo com a dificuldade de trabalhar num prédio histórico que tem suas particularidades. Para o Espaço Cultural, não há novidade, mas precisa acontecer o quanto antes. As chuvas estão começando e as telhas, que melhoram a iluminação, precisam ser trocadas com constância porque ressecam, saem do lugar. No Paulo Pontes, iniciamos um diálogo com a Secretaria de Infraestrutura para estabelecer um cronograma. Enquanto não temos

previsão de quando começa o trabalho entre secretarias, faremos agora um trabalho no palco da Praça do Povo que está com vazamentos quando chove muito, o que é perigoso para os artistas que se apresentam.

■ O que a Funesc tem feito para atrair o público ao teatro?

O Santa Roza, apesar de ter toda problemática do Centro da cidade, ainda é bem frequentado. O pessoal de fora, quando vê o teatro, se apaixonou porque ele é lindo dentro e fora. Na equipe tem gente lá há mais de 30 anos. Temos muitas escolas que fazem trabalhos lá. As escolas de dança gostam muito porque tem uma bateria de camarins bem aconchegante. Lá tem uma escola de dança e os próprios funcionários têm a logística de como lidar com crianças, adolescentes e adultos que fazem aula. O pessoal gosta muito de usar o teatro até em horários que não são de apresentação, faz foto de formatura, de 15 anos. É um uso diferente para o espaço. Tentamos sempre puxar para mais cedo a programação por conta da questão de acessibilidade, de ônibus para não deixar as pessoas saindo do teatro muito tarde. O teatro está vivo.

■ Há novidades para o Teatro Santa Catarina, em Cabedelo?

O Santa Catarina vai passar por uma obra na parte interna. É um teatro que fica na praia e, quando venta muito, as telhas desencaixam e acaba entrando água. Estamos sempre procurando colocá-lo nas nossas programações. É um teatro que quase não tem horário livre. O pessoal de Cabedelo e de João Pessoa faz muita apresentação lá. Às vezes, chegamos pedidos e não temos como atender. De programação específica, não há nada agora, mas em março, mês da mulher, incluímos. A ideia é ocupá-lo sem tirar dos artistas para que se mantenha vivo. A direção e a equipe são bem diligentes com as necessidades. Queremos não só usar o prédio, mas temos uma frente muito bacana ali e dá para fazer atividades legais como a oficina de circo, que fizemos recentemente. Estamos cuidando do prédio agora e ele não vai parar de funcionar.

■ A Funesc está à frente do Cine Teatro São José, em Campina Grande, e do Teatro Íracles Pires, em Cajazeiras. Como estão as atividades nesses locais?

As pautas são super cheias. Temos alguns projetos de parceria no Íracles Pires. Inclusive, o pessoal da Empresa Paraíba de Comunicação (EPC) fez alguns trabalhos lá, lançamento de livros, e os artistas do entorno ocupam bem os dois teatros. Tem um pessoal que tem parceria com o Cine São José para ensaios porque o prédio foi reformado e consegue abarcar grupos que não têm espaço para ensaiar. Para o São José, temos a previsão do projeto Espaço Cria, com atividades infantis. Vamos ocupar mais intensamente o Íracles agora por causa do Festival da Música, já que as duas eliminatórias serão em Cajazeiras. Os dois estão bem ocupados e é difícil con-

seguir espaço. Isso é bom, mas às vezes, chegam pedidos importantes e não posso atender porque já foi reservado. Em novembro e dezembro, os teatros não têm mais pauta.

■ Em dezembro de 2022, começou o cadastramento de cerca de 200 mil volumes da Biblioteca Juares da Gama Batista, que inclui livros, periódicos, jornais e vídeos. O trabalho deve se estender por dois anos. A consulta remota dos volumes cadastrados já é possível, assim como reservas e empréstimos para os usuários?

Isso já está acontecendo, mas o cadastramento não é rápido, e chegam livros novos, doações e tem que cadastrar. Continuamos com empréstimo, cabines para estudo, fazendo manutenção na biblioteca, dos computadores para trabalhos acadêmicos, concursos. Muita gente usa a biblioteca como lazer, para pegar livros. Temos visitas de crianças que nunca estiveram numa biblioteca desse tamanho, dentro de um espaço cultural e educativo. Nossa proposta é trazer um público diverso, contemplando a todos de forma equânime. Para ter acesso às cabines e pegar livros emprestados, é preciso se cadastrar na biblioteca. Fizemos também a tradução para Braille da obra “Fogo Morto”, de José Lins do Rêgo, aprovada no Jornal A União.

■ Ainda pegando o gancho da digitalização da biblioteca, como avalia a questão das novas tecnologias somadas à tradição de acervo?

Na biblioteca, temos computadores e não vejo como algo ruim necessariamente. Acho que as duas coisas podem transitar muito bem juntas. Eu prefiro ler um livro de papel, mas acho que as duas coisas se complementam. Hoje conseguimos ter uma biblioteca inteira num celular, kindle, tablet. Esse conhecimento chega mais compacto no sentido físico da coisa, mais longe e mais rápido do que se eu fosse transportar os 200 mil livros que temos aqui para outra cidade. Ao mesmo tempo, tem todo imaginário e a atmosfera de uma biblioteca propícios para a leitura, o estudo. Vemos o pessoal estudando, lendo livros no tablet e, ao mesmo tempo, em livros. Espero que as novíssimas gerações consigam ainda cultivar essa tradição do livro físico. Existem ‘ameaças’ de que algo vai acabar, mas quando se equilibra a balança, uma coisa vai complementar a outra.

■ Como o público tem utilizado o acervo da Biblioteca José Lins do Rêgo? E por que a biblioteca fecha aos domingos, já que seria um dos poucos espaços para quem não tem condições de estudar e ler em casa?

É possível fazer consulta, mas não pode levar para casa. Essas consultas são feitas *in loco*. São livros e documentos antigos e raros. Vem muito professor e estudante universitário, fazer suas pesquisas aqui. A biblioteca fica aberta e não fecha para o almoço. Tem bastante tempo. No domingo não abre porque temos uma equipe pequena para um espaço muito grande, e não temos previsão para algumas ampliações de horários. Gostaríamos muito, mas ainda não temos essa possibilidade.



EM 2023

## Denúncias trabalhistas aumentam

Dados do MPT-PB apontam para crescimento de, aproximadamente, 17% no primeiro trimestre de 2023

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

Trabalhadores da Paraíba estão, cada vez mais, atentos aos seus direitos e lutando por eles. Um dado que comprova essa atenção é o número de denúncias realizadas junto ao Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB) no primeiro trimestre deste ano. Segundo dados do órgão, 458 denúncias foram registradas, somando 471 procedimentos investigatórios, entre janeiro e março deste ano.

Os números apresentam um aumento de 17% em comparativo ao mesmo período de 2022, com 392 denúncias registradas que resultaram em 461 procedimentos investigatórios.

Ao todo, no ano passado, o órgão recebeu 1.661 denúncias e efetuou 1.870 procedimentos investigatórios. As três principais demandas foram referentes à jornada de trabalho, com 393 procedimentos instaurados; atraso ou mora contumaz no pagamento do salário, com 323 procedimentos efetivados; e violência ou assédio psicológico, com 280 procedimentos. O número de procedimentos instaurados é maior do que o de denúncias, porque, em uma única denúncia, pode haver mais de uma irregularidade passível de investigação.

Os dados não são nada animadores neste Dia do Trabalho e demonstram que, após 80 anos de implantação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o cidadão ainda é desrespeitado nos seus direitos básicos.

“Em pleno século 21, o trabalhador tem os direitos básicos desrespeitados, não apenas em nível de Brasil, mas no mundo, em virtude de um padrão cultural de parte do empresariado que não cumpre a legislação, e aguarda uma eventual reprimenda do Ministério Público ou do Judiciário”, comentou a procuradora-chefe do MPT-PB, Andressa Ribeiro Coutinho.

Segundo ela, para reverter essa situação seria preciso uma mudança cultural do setor empresarial que deveria aplicar, antes de tudo, a legislação, para não incorrer em uma ilegalidade.

“Se isso ocorresse, teríamos uma fluidez no ambiente de trabalho muito mais profícua, porque o trabalhador se sentiria efetivamente possuidor dos seus direitos, e isso geraria mais produtividade e com uma melhor qualidade. Um trabalhador que tem seus direitos garantidos, que recebe o salário no dia certo e pode pagar suas contas sem atraso, tem uma qualidade na atividade laboral, infinitamente, maior”, acrescentou.

Andressa Coutinho enfocou que o assédio no ambiente de trabalho, assim como a violência psicológica, são práticas que preocupam bastante o MPT-PB, pois nelas estão contidas ações como o assédio moral, sexual e a perseguição. “Essas práticas, infelizmente, vêm crescendo, sobretudo após o trabalho remoto, o teletrabalho. E isso faz com que tenhamos um número significativo de denúncias”, avaliou.

O superintendente regional do Trabalho na Paraíba, Paulo Marcelo de Lima, também lamentou “Isso é muito triste. A reforma trabalhista e o projeto de terceirização não ajudaram a força de trabalho.”, declarou.



Foto: Marcus Antonius

Demandas mais frequentes no órgão são referentes a reclamações sobre jornada de trabalho, atraso no pagamento do salário e violência psicológica

## CLT, que visa a garantia de direitos aos trabalhadores, completa 80 anos

Há 80 anos, os trabalhadores vivenciavam uma importante mudança nas relações entre empregado e empregador com a implantação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), pelo então presidente Getúlio Vargas. O documento é considerado um marco histórico para a classe trabalhadora, uma vez que regulamentou inúmeros direitos. Apesar de o dia 1º de maio de 2023 marcar as oito décadas de sua implantação, ainda há críticas em relação ao cumprimento dessas normas protetivas.

O superintendente Regional do Trabalho na Paraíba, Paulo Marcelo de Lima, declarou que além da grande disputa por um emprego hoje em dia, o cidadão que conquista uma colocação ainda está sujeito a situações que não condizem com a legislação vigente.

“Depois do desemprego, o pior problema para o cidadão, após estar empregado, são as condições de trabalho, as condições de salário e ambientais. O Ministério do Trabalho vem descobrindo pessoas atuando em situação análoga à escravidão nas fazendas de frutas, em outro tipo de atividade econômica, muito fragilizadas. Com o aumento

do desemprego e a diminuição dos direitos, toda sorte de dificuldade atinge os trabalhadores e deixa-os muito vulneráveis”, frisou.

Apesar das críticas referentes à desobediência à CLT, Paulo Marcelo afirmou que a implantação da norma ainda tem força para garantir direitos que eram impensáveis em 1943, quando foi criada. A historiografia mostra que, antes do documento, trabalhadores exerciam funções em até 18h diárias, em ambientes insalubres e outros agravos. Mulheres e crianças também eram submetidas às más condições laborais e recebiam metade do dinheiro estipulado pelo serviço.

A procuradora-chefe do MPT-PB, Andressa Ribeiro Coutinho, frisou que a CLT é considerada um marco histórico na garantia de direitos individuais e coletivos do trabalhador brasileiro. “Ela unificou as legislações trabalhistas existentes no país. Atravessou vários governos e define os direitos e deveres de empregados e empregadores. E fixa o emprego formal no Brasil”.

Em 2017, porém, a CLT foi impactada com a Reforma Trabalhista, instrumentalizada pela Lei nº 13.467 daquele ano. O intuito da

mudança era tentar conter o crescimento de uma crise econômica instalada, bem como diminuir a alta taxa de desemprego. De acordo com Andressa Coutinho, a Reforma trouxe uma enorme flexibilização aos direitos dos trabalhadores, inclusive aquelas que envolvem a maior possibilidade de acordos entre a entidade jurídica e o colaborador. “Isso faz com que o poder diretivo do empregador cresça demais, e o equilíbrio econômico financeiro do contrato seja abalado com mais facilidade”, enfocou a procuradora.

Já para o superintendente Regional do Trabalho na Paraíba, Paulo Marcelo de Lima, as alterações de 2017 foram um duro golpe. “Depois de 74 anos de vida, em 2017, a CLT foi destruída. Isso foi um golpe duro na sociedade que perdeu direitos conquistados décadas atrás. Criaram-se normas que vêm degradando a classe trabalhadora, que são as atividades por aplicativos, contratos por horas, o trabalho intermitente, e assim por diante. Os trabalhadores têm ainda uma longa estrada para retomar muitos direitos que hoje fazem muita falta, sobretudo no setor privado”, afirmou.



Foto: Arquivo Pessoal



**Trabalhadores têm ainda uma longa estrada para retomar muitos direitos que hoje fazem muita falta, sobretudo no setor privado**

Paulo Marcelo de Lima



Foto: Arquivo Pessoal



**O trabalhador tem os direitos básicos desrespeitados em virtude de um padrão cultural de parte do empresariado que não cumpre a legislação**

Andressa Ribeiro Coutinho



Foto: Marcus Antonius

Reforma trabalhista de 2017 flexibilizou direitos dos trabalhadores, beneficiando os empregadores



## TECNOLOGIA

## Inteligência artificial e o trabalho

Avanços tecnológicos na simulação do raciocínio humano levam ao debate sobre a substituição nos postos de trabalho

Taty Valéria  
tatyavaléria@gmail.com

“Deveríamos desenvolver mentes não-humanas que eventualmente nos superassem em número, fossem mais espertas e nos substituíssem? Devemos arriscar perder o controle de nossa civilização?”. A citação faz parte de uma carta aberta, publicada pelo *Future of Life*, organização internacional formada por especialistas em inteligência artificial e executivos da indústria de tecnologia que busca reduzir o risco de grandes tecnologias para a humanidade e foi publicada em março de 2023, logo após o lançamento do ChatGPT.

Assinada por nomes de grande peso no mundo digital, como Elon Musk, dono da Tesla e do Twitter, e Steve Wozniak, um dos fundadores da Apple, o documento se tornou um grande sinal de alerta para riscos que vão desde a disseminação de propaganda falsa e desinformação, a potencial substituição da mão de obra humana e a perda do controle da civilização.

Ainda é cedo para afirmar qual será o total alcance dessas transformações e qual efeito nas relações pessoais, educacionais, profissionais e até na própria democracia, mas é inegável que o avanço dessas tecnologias desperta dúvidas razoáveis, especialmente diante de um mundo cada vez mais conectado. Mas antes, é preciso entender o que é Inteligência Artificial (IA).

Thaís Gaudêncio, Mestra em Modelagem Computacional, doutora em Ciência da Computação e pesquisadora de Inteligência Artificial na Universidade Federal da Pa-

Os bons profissionais nas suas áreas sempre terão espaço, mas ferramentas de IA podem vir a substituir os menos capacitados, aponta pesquisador

raíba (UFPB), cita Stuart Russell e Peter Norvig, autores do livro “Inteligência Artificial: Uma Abordagem Moderna” publicado em 1995, para explicar o que significa o termo. “Simulando a forma de pensar como um humano; agir como um humano, ou que existe um jeito racional de agir e pensar. Essas duas últimas entendem que existe um jeito ‘certo’ de pensar e agir, que é ensinado para uma máquina, a partir da experiência ou de premissas definidas por humanos”, afirmou.

Já o professor Thiago Moura, Mestre e Doutor em Ciências da Computação e pesquisador do Polo de Inovação do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), em João Pessoa, define Inteligência Artificial como uma área de pesqui-



Avanços de pesquisas visam a inserção da Inteligência Artificial em diversos espaços da vida humana, entre eles o trabalho

sa da Computação que busca construir sistemas que tentam simular a capacidade humana de reconhecer padrões e tomar decisões. “A forma e metodologia de construção de um sistema computacional de inteligência artificial é diferente de um sistema comum ao qual já estamos acostumados (sistema de controle de estoque, cadastro de pacientes etc). Modelos estatísticos são treinados para ficarem aptos a reconhecerem padrões e tomarem decisões”, ressaltou.

Em resumo, IA é uma tecnologia programada para simular a inteligência humana com o objetivo de obter algum nível de autonomia para tomar decisões e resolver problemas. Apesar de ser um conceito relativamente novo, a ideia de uma máquina autó-

noma nasceu com o matemático e criptógrafo Alan Turing, em 1950. A discussão sobre o uso da IA voltou à tona com o lançamento do ChatGPT4 - recurso de inteligência artificial que simula a linguagem humana, criado por um laboratório de pesquisas em inteligência artificial dos Estados Unidos. A utilização do ChatGPT para produzir todo tipo de conteúdo trouxe novamente à pauta a discussão sobre os benefícios e eventuais riscos.

O primeiro grande temor em relação à IA diz respeito ao mercado de trabalho. Um estudo recente, realizado pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, revelou que operadores de *call center* e professores universitários de diferentes disciplinas, incluindo idiomas, História, Di-

reito e Religião, estão entre as 20 profissões que correm maior risco de serem substituídas pela IA no futuro.

Cada vez que a tecnologia cria uma nova ferramenta, surge o mesmo temor: é possível substituir, totalmente, o trabalho humano por máquinas? Thiago Moura avalia que a IA ainda não é capaz de capturar questões subjetivas e/ou que envolvam a criatividade humana.

“Os bons profissionais nas suas áreas sempre terão espaço, a questão pesa para aqueles profissionais menos capacitados, onde sim, as ferramentas de IA podem vir a substituí-los”, afirmou.

Para Thaís Gaudêncio, é preciso entender a ‘ameaça’ da IA como um instrumento para reforçar as reais contri-

buições desses profissionais. “Um professor não é a pessoa que faz um aluno decorar definições, mas aquele que ensina a fazer as perguntas certas, a construir a argumentação e a generalizar e aplicar os conhecimentos adquiridos. Dessa forma, o ChatGPT, por exemplo, serviria como mais uma ferramenta no dia a dia de todos os profissionais e não como um substituto deles”.

Essa visão é compartilhada por Thiago, “Para os bons profissionais, as ferramentas que usam Inteligência Artificial podem ajudar a acelerar a produção de conteúdo. Eu vejo nesse momento a IA podendo substituir as tarefas mais simples. Aquilo que tem intelectualidade e criatividade continuará sendo um desafio para a IA atual”, disse.

## Futuro de cooperação distante do mundo distópico do cinema

A cultura pop está cheia de referências sobre um futuro distópico e apocalíptico causado pela IA. Existe, no imaginário popular, a sensação de que a civilização humana poderá, em algum momento, ser ‘escravizada’ por robôs e máquinas.

“É natural dos seres vivos ter medo do desconhecido. Entender sobre como IA funciona e como já faz parte da nossa rotina, talvez ajude a diminuir essa aversão. Toda descoberta pode trazer benefícios e efeitos adversos. É uma escolha humana que caminho seguir ou, ao menos, minimizar esses efeitos”, afirma Thaís.

Para isso, um maior conhecimento sobre o assunto e portanto, a construção de regras e sistemas de controle desses sistemas, tornarão possível seu uso de forma mais ampla e minimizando seus danos para a sociedade. Como achar esse caminho? Thiago Moura aponta alguns meios.

“Mudanças nos conteúdos curriculares das escolas, inserindo conceitos de tecnologia e IA para que crianças e jovens se adaptem a esse novo mundo que está em transformação. Para os adultos, cada vez mais preci-

saremos nos capacitar e estar sempre atualizados em relação a profissão que abraçamos. Não tem mais como voltarmos atrás em relação as novas ferramentas de IA que estão surgindo”, diz Thiago, reforçando a importância da informação e do conhecimento.

## Tecnologia e desinformação

O uso da IA na manipulação de resultados eleitorais é um tema em discussão desde as eleições de 2018. Naquele mesmo ano, o presidente-executivo do Facebook, Mark Zuckerberg, depôs por mais de 5h em uma audiência no

Senado dos Estados Unidos para explicar como a rede social reagiu ao vazamento de dados de 87 milhões de pessoas pela consultoria política Cambridge Analytica.

Uma ex-funcionária da Cambridge Analytica afirmou que o Facebook utilizou esses dados para manipular eleições presidenciais em vários países e como esse fato foi determinante nos rumos da democracia desses locais. Em 2020, foi lançado o filme-documentário “O dilema das Redes”, onde especialistas em tecnologia apontaram o impacto das redes sociais

na democracia e destrincharam o escândalo da Cambridge Analytica.

“Algumas evidências apontam que houve manipulação das eleições americanas com a vitória do ex-presidente americano Donald Trump e esse é um fenômeno que já está acontecendo. Recentemente, imagens do Papa Francisco e do próprio Donald Trump criadas por IA ganharam as redes sociais e muita gente acreditou que eram reais. Imaginem o que pode acontecer no futuro com a manipulação de imagens, áudios e até vídeos montados

por inteligências artificiais?”, questiona Thiago.

Thaís prevê que poderemos fazer parte de um mundo onde as máquinas terão suas formas “certas” de agir e pensar definidas por um grupo seleto de humanos e traz novas perguntas: “Quem disse que é esse o jeito ‘certo’ de pensar para toda a humanidade? Quem está auditando essas experiências e premissas fornecidas para a máquina? Se IA funciona tão bem, talvez estejamos cada vez mais fazendo parte de um padrão. Onde cabem nossas especificidades nesse futuro? Como sairemos dessas bolhas de padrão?”, questiona.

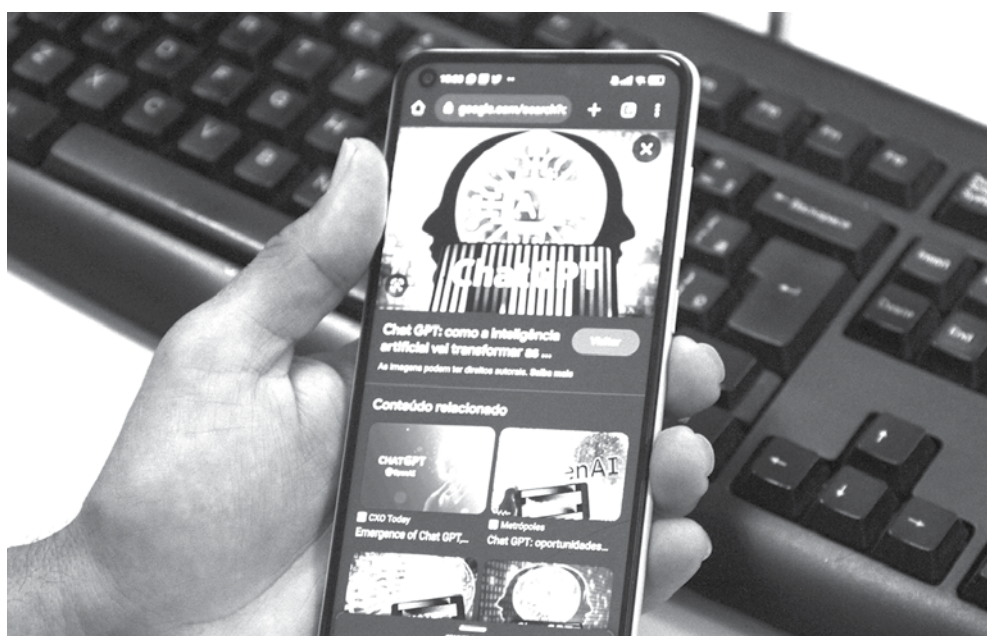
## Mundo harmônico

A União Internacional de Telecomunicações – UIT, ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), irá realizar em Genebra, na Suíça, uma

Cúpula Global sobre Inteligência Artificial. No encontro, que acontece nos dias 6 e 7 de julho, a UIT quer mostrar como as novas tecnologias e as IAs podem ajudar a alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na luta contra a crise climática e o apoio à ação humanitária.

Na ocasião, serão apresentados oito robôs humanóides capazes de realizar tarefas ligadas ao combate a incêndios, distribuição de ajuda humanitária, prestação de cuidados à saúde e no manejo da agricultura sustentável.

“Podemos vislumbrar uma sociedade que esteja apta para um mundo de habilidades humanas e criativas. Talvez as máquinas nos ajudem, finalmente, a enxergar como precisamos investir no nosso lado criativo e humano em nossas vidas”, finalizou Thaís Gaudêncio.



Serviço do ChatGPT tem alarmado profissionais sobre mudanças no mercado de trabalho

**previsul** EDITAL DE LEILÃO MILAN LEILÕES

1º LEILÃO: 15/05/2023 Às 16h. - 2º LEILÃO: 18/05/2023 Às 16h.

Ronaldo Milan, Leiloeiro Oficial inscrito na JUCESP nº 266, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizado pelo intermédio de Companhia de Seguros Previdência do Sul (PREVISUL), inscrita no CNPJ sob o nº 92.751.213/0001-73, representando neste ato a Caixa Consórcios S/A - Administradora de Consórcios, inscrita no CNPJ sob o nº 05.349.595/0001-09, promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas, hora e local infraclados, na forma da Lei 9.514/97. Local da realização dos leilões presenciais e on-line: Escritório do Leiloeiro, situado na Rua Quatá nº 733 - V. Olímpia em São Paulo/SP. Localização do imóvel: **CAMPINA GRANDE - PB, BAIRRO CRUZEIRO**. Rua Professor Emílio de Araújo Chaves, nº 388, (L1 04 da Qd XVIII). Casa. Áreas Totais. Terr. 480,00m² e constr. 128,57m². Matr. 79.310 do 1º RI Local. Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do comprador (AF). 1º Leilão: 15/05/2023, às 16h. Lance mínimo: **R\$ 259.000,00** e 2º Leilão: 18/05/2023, às 16h. Lance mínimo: **R\$ 129.500,00** (Caso não seja arrematado no 1º leilão) Condição de pagamento: à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fidejussante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017. Os interessados devem consultar as condições de pagamento e venda dos imóveis disponíveis no site [www.milanleiloes.com.br](http://www.milanleiloes.com.br).

Inf.: Tel: (11) 3845-5599 - Ronaldo Milan - Leiloeiro Oficial Jucesp 266 - [www.milanleiloes.com.br](http://www.milanleiloes.com.br)



**DIVULGAÇÃO**

# Portais destacam marcos das cidades

Vários municípios da Paraíba aderiram aos arcos que destacam referências históricas, econômicas e sociais

Carol Cassoli  
 carol.cassoli@gmail.com

“A primeira impressão é a que fica”. Algumas cidades paraibanas levam tão a sério este dito popular que buscam causar uma boa impressão àqueles que as visitam já na entrada. Inusitados, os portais desses locais chamam atenção por anunciarem não apenas a chegada à cidade, mas também seus filhos ilustres, os produtos que pautam sua economia e até mesmo sua história. Diante dos mais variados portais que localizam quem circula pelo estado, **A União** destaca os oito mais inusitados e representativos para o quadro sociocultural paraibano.

**Alagoa Grande**

Quem visita a cidade natal de Jackson do Pandeiro se surpreende com o orgulho demonstrado pelos alagoa-grandenses. Embora Jackson não tenha mantido boas memórias do período em que viveu (e sobreviveu) com sua família no Brejo paraibano, o município é grato pelo *status* cultural creditado à cidade, depois de o paraibano ter se destacado como o Rei do Ritmo. É por isso que Alagoa Grande ostenta um imenso portal em formato de pandeiro.

A professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, Suely Maux, é filiada à rede de pesquisa *Folkcom* (que estuda a diversidade cultural e as relações entre cultura globalizada e cultura popular) e explica que monumentos, estátuas, portais e outras manifestações culturais são representações simbólicas identitárias, porque provocam sentimento de pertença. “São narrativas culturais e históricas. Esses monumentos narram e despertam curiosidade. Em Alagoa Grande, por exemplo, a visualização do pandeiro provoca o despertar por esta narrativa: quem é Jackson do Pandeiro?”, diz.

**Sousa**

Elaborado pelo artista plástico Lindberg Almeida, o mais novo portal paraibano foi inaugurado no início deste ano, em Sousa, no Sertão paraibano. A escultura tem 11 metros de altura e retrata dois braquiossauros se encontrando. A instalação, feita pela Secretaria de Turismo, Planejamento e Desenvolvimento de Sousa, é uma referência ao Vale dos Dinossauros (um dos mais importantes sítios paleontológicos do país, locali-

zado na Cidade Sorriso da Paraíba) e, agora, é também um importante identificador cultural para a população.

Quando foi para Caicó cursar Medicina, Raíssa Moreira passou a direcionar um olhar diferente para sua terra natal, Sousa. Enquanto morava lá, a futura médica não se atentava aos pequenos símbolos que, de uma forma ou de outra, compõem sua própria história. Agora, um pouco mais distante, passou a não só valorizá-los, como também apreciá-los e o novo portal faz parte dessa história.

“Hoje, quando eu tenho que voltar, cada detalhe da cidade me desperta uma sensação de saudades, sobretudo, com a criação do portal, já que a cidade ficou muito mais conhecida e a maioria das pessoas que passou por ele param para registrar alguma foto. E eu, quando o vejo, é o primeiro indício que eu retornei para casa. Aliás, a sensação que eu sempre tenho quando passo pelo local é de que estou em um filme, porque o portal e o local onde foi projetado favorece muito isso”, conta a estudante.

**São Bento**

Localizado na microrregião de Catolé do Rocha, o município de São Bento é o maior produtor de redes de descanso e um importante fabricante de mantas do Brasil. São Bento tanto se destaca como polo têxtil que é conhecida como Capital Mundial das Redes e, como tal, não poderia deixar de ter um portal alusivo à matriz de sua economia.

**Brejo do Cruz**

“Bem vindo a Brejo do Cruz, terra de Zé Ramalho”, anuncia o portal de um dos municípios mais antigos do país. No interior do estado, Brejo do Cruz ostenta em seu portal a imagem de um violão, que homenageia um de seus filhos mais ilustres: o cantor, compositor e músico paraibano, Zé Ramalho.

**Mato Grosso**

Em termos de portais inusitados o Sertão paraibano se destaca. Com um imenso ‘M’, o município de Mato Grosso recebe seus visitantes. O portal faz alusão à cidade que, por sua vez, recebe esse nome devido a seu relevo composto por variações rochosas e terrenos sedimentares, bem como à extensa mata que cobria o que hoje é o Centro da cidade, à época de sua fundação. O “mato grosso” ao qual os fun-

“

**Na prática, esses portais são uma passagem para o conhecimento e reavivamento histórico. Isso faz parte de nossa vivência cultural**

Suely Maux

dadores se referiam, na verdade, é uma vasta mata fechada, cheia de oiticicas, árvores típicas da transição entre o Semiárido e a região amazônica.

**Ingá**

O principal atrativo turístico de Ingá são as arqueológicas itacoatiaras que marcam o sítio de arte rupestre da zona rural do município. Mas, antes de chegar às gravuras estampadas nas rochas do Rio Ingá, o turista é recebido pelos dizeres “Seja bem-vindo à Ingá. A terra das itacoatiaras”, estampados no portal instalado logo na entrada da cidade. Ali, também estão reproduzidas, em um fundo azul, algumas das principais itacoatiaras encontradas no sítio arqueológico do município, que é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde de maio de 1944.

**Cabaceiras**

Em construção na Roliúde Nordestina, o portal de Cabaceiras se dedica a anunciar que, ali foi e é cenário de diversas produções cinematográficas, dentre elas documentários, filmes de curta, média e longa-metragens, e séries, como o sucesso de público “O Auto da Compadecida” (1999) que, agora, terá uma continuação.

**Areia**

Em fevereiro de 2022, a prefeitura de Areia apresentou à população o projeto do portal da cidade, que, constituído de duas engrenagens, faz referência às centenas de engenhos que contam e preservam a história da Civilização do Açúcar na Paraíba.



Entrada de Sousa é marcada por dois braquiossauros idealizados por Lindberg Almeida



Cidade de Ingá ressalta a existência dos atrativos arqueológicos das itacoatiaras

## Destaques econômicos têm força

Muitos dos monumentos que permeiam parte das cidades paraibanas são indicadores da economia praticada nestes espaços. Sapé, por exemplo, exalta o fruto que é a verdadeira pérola do município: o abacaxi. E é por isso que quem visita o local se depara com vasos, jarros e outros ornamentos alusivos à fruta. Em Bananeiras também não é diferente. Ao chegar na cidade o turista logo vê as três bananas do Brejo, na Praça Epitácio Pessoa. No Parque do Caranguejo, em Bayeux, são exaltados estes crustáceos que, por muito tempo, foram a principal cultura do município. Os manguezais de Bayeux mantiveram a população “baieense” por anos a fio e, ainda hoje, garantem o sustento de parte dela.

Além dos monumentos que registram as especificidades da economia de cada município paraibano, há, ainda, aqueles que registram sua cultura. Localizado às margens do Açude Velho, em Campina Grande, o monumento “Os Pioneiros da Borborema” representa, através das figuras do indígena, da catadora de algodão e do tropeiro, a construção e o desenvolvimento da cidade. O indígena simboliza o início dessa história, enquanto a catadora de algodão diz respeito à era do ouro branco (quando a Rainha da Borborema era a segunda maior exportadora de algodão do mundo) e, por fim, o tropeiro faz refe-

rência à resistência do povo campinense, que tem grandes potencial para o comércio. Neste atrativo turístico, os personagens ficam voltados ao nascer do sol para demonstrar a esperança que o povo campinense nutre junto ao futuro.

Na Zona da Mata, os municípios de Rio Tinto e Baía da Traição se destacam pelo caráter histórico-cultural de seus ornamentos. Com estátuas, monumentos, bancos, jarros e outros adornos indígenas dispostos em suas ruas e praças, as cidades não deixam o tempo apagar sua história, que, além de registrada através de livros e da oralidade, se mantém viva no cotidiano e encanta turistas de todos os cantos.

Para a professora Suely Maux, além de comporem o turismo urbano e rural, essas narrativas construídas por esculturas, estátuas e outros bens culturais, são uma relação de afeto. “São a representação de uma relação de pertencimento e representatividade de uma cidade, de uma comunidade ou de uma etnia. Na prática, esses portais são uma passagem; uma entrada para o conhecimento, para o reavivamento histórico. Isso tudo faz parte não só do nosso imaginário, mas da nossa vivência cultural”, analisa Maux.

**Os populares “Eu Amo”**

Além dos monumentos tradicionais, as cidades pa-

raibanas também têm aderido aos letreros “Eu Amo”, que se popularizaram em todo o Brasil ao longo da última década. Inspirados no design da campanha publicitária “I Love New York”, que, em 1977 passou a promover o turismo nos Estados Unidos, os letreros têm tomado conta da Paraíba. Hoje, visitar uma cidade e tirar foto no letrero “Eu Amo” é tão comum que sair de um município sem este registro pop é sinônimo de que a visita não valeu a pena. Diversas cidades já contam com seus próprios letreros e há, ainda, inúmeros pontos turísticos seguindo a tendência. A lista é extensa e vai de “Eu Amo Rio Tinto”, “Eu Amo Jacumã” e “Eu Amo Bayeux” ao projeto de “Eu Amo Cabedelo”, que enfeitará o Parque Turístico do Jacaré.

## Iniciativa

**Além dos arcos nas entradas, muitas cidades têm aderido aos símbolos “Eu amo” para que os turistas e moradores utilizem em seus registros fotográficos**



Cabaceiras se tornou referência em locação audiovisual, registrada em seu portal

Foto: Prefeitura de Sousa/Divulgação

Foto: Prefeitura de Ingá/Divulgação

Foto: Bruno Lima/Divulgação





Foto: Prefeitura de Junco do Seridó/Divulgação

Cidade foi originada de um povoado criado em 1892, passando a distrito de Santa Luzia, e apenas em 1961 conquistou a emancipação. Município faz divisa com o vizinho Rio Grande do Norte

## ITACOATIARAS

# Junco do Seridó e a riqueza mineral

Cidade surgiu às margens do Rio Chorão e tem mais de 90% de sua extensão formada por rochas

Taty Valéria  
tatyana.valeria@gmail.com

Em 1974, o pesquisador Francisco Octávio da Silva Bezerra publicava no Boletim Informativo do Centro Brasileiro de Arqueologia - CBA um relatório intitulado "Expedição à Paraíba" sobre as Itacoatiaras do Chorão, sítio arqueológico de valor incalculável que se encontra em Junco do Seridó, município localizado na área do Seridó paraibano. A fundação do município tem relação direta com o sítio arqueológico, mais especialmente, com a nascente do Rio Chorão.

Foi ao redor desse curso d'água que pequenas comunidades rurais e tropeiros de passagem fundaram o pequeno vilarejo de Junco do Seridó em 1892, que veio a se tornar Distrito de Santa Luzia até a emancipação política em 1961. Junco é uma planta aquática, nativa da região do Seridó e que era abundante no Rio Chorão. Uma interligação de nomes e significados numa cidade que, começa a se reconciliar com sua história e tem no extrativismo mineral a grande atividade econômica local.

Junco do Seridó faz divisa com o estado do Rio Grande do Norte, compreende a parte ocidental do Planalto da Borborema e por sua localização geológica, a região detém em seu território uma variedade de minerais usados para os mais diversos fins comerciais. Com mais de 90% de seu território composto por rochas pré-cambrianas, o Seridó é um mostruário natural de pedras e formações rochosas, o que garante o desenvolvimento econômico numa região em que o clima quente e o solo seco apenas permitem a agricultura para fins de subsistência.

Com uma população estimada de 7.150 habitantes - de acordo com o Censo do IBGE de 2019 - os juncoenses têm à disposição 14 escolas, do Infantil ao Ensino Médio. Uma das maiores, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Ezequiel Fernandes, de gestão do Governo do Estado, passa por uma grande reforma orçada em R\$ 742 mil reais e que já está em fase de conclusão. A Eefm Ezequiel Fernandes irá contar com refeitório, biblioteca, quadra esportiva coberta, laboratório de ciência, laboratório de informática, auditório, pátio coberto, pátio descoberto, sala do professor e alimentação. No último mês de março, o município recebeu do Governo do Estado um novo ônibus escolar.

## PB na rota da produção das pedras preciosas

A atividade de mineração no Seridó remete ao início do século 20 com mapeamentos e relatórios realizados por pesquisadores americanos que vieram ao Brasil buscar potencialidades minerais em diversos estados. Após estas descobertas e de forma gradativa, a mineração se torna a principal integrante da dinâmica econômica da região a partir de um dos eventos mais significativos do último século: a Segunda Guerra Mundial, quando Junco do Seridó passou a ser um dos principais exportadores de tantalita-columbita e berilo, usado para fins bélicos na indústria dos Estados Unidos.

A partir de 1941, várias companhias de mineração foram criadas para facilitar a comercialização e produção dos minérios. No entanto, passados alguns anos do fim da guerra, a atividade entra em declínio. As companhias de mineração, quase que em sua totalidade, deixa-

ram a região do Seridó e os minerais essenciais e estratégicos durante os anos de guerra, tiveram sua produção e comercialização reduzidas.

Foi a partir da década de 1990, com a criação de cooperativas, o aperfeiçoamento das pesquisas acadêmicas, a cooperação entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte e o fomento dos governos estaduais e federal na extração, beneficiamento e comercialização dos minérios, que Junco do Seridó e demais municípios Planalto da Borborema, conseguiram incluir a Paraíba no mapa nacional de grandes produtores de pedras preciosas, semi-preciosas e minérios que são largamente utilizados na indústria nacional.

### Itacoatiaras do Chorão

Formado por inscrições rupestres gravadas ao longo da base de um extenso paredão de quartzito e com uma expressão gráfica significativamente complexa, o sítio

arqueológico das Itacoatiaras do Chorão possui um valor histórico incalculável no estudo da história da humanidade.

Apesar dessa importância arqueológica, o rio que dá nome ao sítio serviu de repositório para o esgoto doméstico produzido pela população local e as inscrições rupestres corriam o risco de desaparecer. A preocupação e a luta de entidades da sociedade civil e estudiosos pela preservação do sítio é antiga, mas começou a ganhar mais força a partir da primeira década dos anos 2000.

Mas foi apenas em 2022 que a Justiça, atendendo uma recomendação do Ministério Público da Paraíba, determinou a responsabilidade da prefeitura pelos custos com a prevenção e a reparação de danos ambientais. A primeira etapa da obra de reestruturação do esgotamento sanitário teve início em janeiro de 2023.

## Registros

Inscrições rupestres estão gravadas ao lado da base de um extenso paredão de quartzito na área reconhecida como sítio arqueológico das Itacoatiaras do Chorão



Foto: Vanderley de Brito/Divulgação

Itacoatiaras estão inscritas em rochas ao lado do Rio Chorão. Área que já sofreu degradação com despejo de esgoto doméstico está protegida



## LITERATURA

# Itamar Vieira Jr.: “A literatura é minha religião”

*Após o sucesso de crítica e público de ‘Torto Arado’, premiado escritor baiano fala sobre sua nova obra: ‘Salvar o fogo’, cuja trama é permeada de traumas e feridas do colonialismo, reverberando em nosso cotidiano ainda hoje*

*Romances regionalistas das décadas de 1930 e 1940, como a obra do paraibano José Lins do Rego, deixaram marcas profundas na produção de Itamar Vieira Junior ao retratar em um universo periférico os temas universais da humanidade*



Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

A semelhança entre *Salvar o fogo* (Todavia, 320 páginas, R\$ 76,90), que acaba de chegar às livrarias, e *Torto Arado*, lançado em 2019, é notória. Os movimentos dos personagens desse novo romance são muito parecidos com o livro que já se tornou um clássico contemporâneo, vendendo mais de 700 mil exemplares e conquistando quase todos os principais prêmios da língua portuguesa. Os temas essenciais do escritor Itamar Vieira Junior estão todos lá. “Eu fui chegando ao fim da história de *Torto Arado* e percebi que não havia contato tudo. Talvez se eu tivesse continuado a escrever, talvez nunca tivesse terminado. Tinha coisas para contar e eu pude ter uma visão mais ampla sobre o que é essa história. Pretendo continuar escrevendo o que falta ser escrito sobre essa história ainda que é o que, de fato, me interessa: a relação de homens e mulheres com a terra, levando em consideração muito a nossa história”, afirma o escritor baiano.

O novo romance narra a história de Moisés e sua família em um povoado rural com raízes afro-indígenas sob os desmandos da Igreja. O enredo se passa numa localidade conhecida como Tapeira do Paraguaçu, às margens do Rio Paraguaçu, no interior da Bahia. A proximidade com a Igreja também garante ao menino Moisés a formação que os irmãos mais velhos nunca tiveram. A vida escolar junto aos padres, porém, o colocará em contato com experiências que marcarão sua vida e cujos reflexos podem até mesmo estremecer sua relação com a irmã Luzia. *Salvar o fogo* demonstra de forma épica e lírica a força das mulheres, o poder dos laços familiares e que os fantasmas do passado muitas vezes não se distinguem das sombras do próprio país. Uma trama permeada de traumas do colonialismo, que permanecem vivos, como uma ferida que se mantém aberta e reverbera em nosso cotidiano ainda hoje.

Através de comunidade mestiça, que é atravessada pelo racismo de uma maneira incontrolável, Itamar Vieira Junior traz complexidade para esse debate, permitindo refundar o imaginário do brasileiro sobre ele mesmo. “Eu busquei referências na literatura, mas eram poucas as que encontrei. E as que encontrei eram muito estereotipadas, com uma visão muito romantizada da diversidade social, cultural e étnica. A literatura me permite fabular e adentrar as subjetividades dos personagens e tentar contar essa história a partir de um olhar que não é o do vencedor, mas daquele que foi subalternizado. Preciso mostrar o olhar de uma maneira muito honesta para o nosso passado, coisa

que a gente talvez nunca tenha feito ao longo da nossa história”.

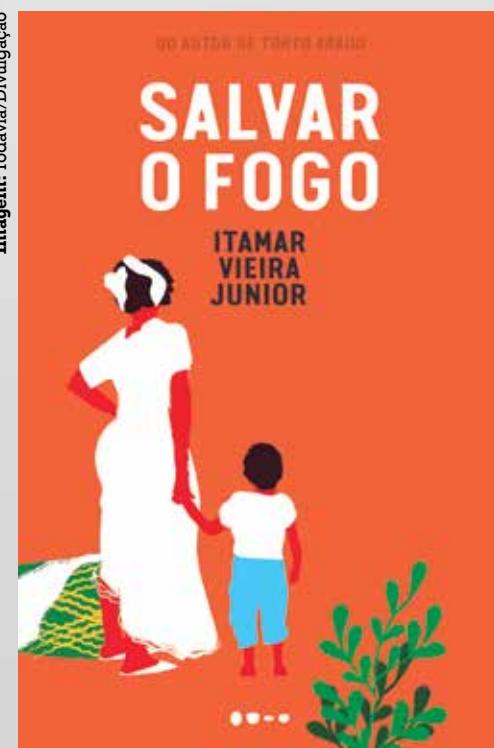
As obras de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado deixaram marcas profundas na produção de Itamar ao retratar em um universo periférico os temas universais. Ao retirar as histórias do campo que estavam presas ao passado, *Torto Arado* já convivia com análises que apontavam paralelos, por exemplo, com *Fogo Morto* (1943), inclusive por sua estrutura de contar com três capítulos em que cada um deles é narrado por um personagem diferente, expondo pontos de vista singulares e mesmo contraditórios.

“Quando eu tinha uns 15, 16 anos, tive uma professora chamada Terezinha Aciole e ela falava muito dos autores da geração de 30 e 45 com muita paixão, não tinha como a gente não se ver envolvido e enredado naquilo e eu fui ler esses autores. Li todos praticamente: o Graciliano [Ramos], Jorge Amado, a Rachel de Queiroz, o José Lins do Rego. Aquelas histórias me marcaram muito e comecei a escrever uma história sobre a terra, sobre duas irmãs e a relação que elas tinham com o pai e com a terra. Claro, não era uma comunidade quilombola, eu sequer sabia o que era uma comunidade quilombola”, relembra ele.

Apesar de seu autor não ser religioso, *Salvar o fogo* lida diretamente com o fantástico de crenças pagãs em um diálogo direto com a Igreja limitada a ser uma instituição de poder. “A literatura é minha religião. Entre a religião e a literatura têm muitas coisas parecidas, um tanto de ficção, um tanto de fé, de predestinação. Gosto de imaginar dessa maneira”. Itamar Vieira foi alfabetizado aos cinco anos e meio pela filha de um verdureiro, que tinha um armazém ao lado de sua casa. “Ler foi importantíssimo para que desenvolvesse essa vontade de escrever. Eu gosto de pensar nos mestres que deixaram um legado para nós e que nos deram uma dimensão subjetiva da nossa humanidade, contando a história do Brasil. A escravidão faz parte da nossa gênese, da nossa formação, e a gente ainda não conseguiu superar isso de forma definitiva. A literatura pode nos ajudar de uma maneira muito evidente porque a gente se reconhece na humanidade do outro”.

A recepção da crítica especializada a *Salvar o fogo* tem sido heterogênea, ante as incertezas se Vieira Jr. seria capaz de repetir o sucesso com o romance anterior ou se ele cairia em uma escrita que seguiria a fórmula de *Torto Arado*. Essa é uma desconfiança que o escritor tem convivido, em conjunto com a sua aclamação, desde quando venceu os prêmios LeYa, Oceanos e Jabuti. “Existe uma altura dos acontecimentos que isso pode se tornar um peso. Para mim, o que aconteceu com *Torto Arado* e comigo, de ter recebido prêmios e ter esse trabalho bem avaliado foi algo do momento que está lá com esse livro. Mas eu tive que deixar isso de lado para que pudesse continuar a escrever, até porque meu interesse pela literatura não se esgotou com esse livro. Tenho outras para escrever e contar, e se deixasse que essa história me sufocasse, talvez não conseguisse mais escrever. Cada livro vai seguir seu caminho a partir dos leitores e o Itamar mesmo precisa estar livre. Ele não é *Torto Arado*, não é os prêmios que recebeu e tem que continuar sendo aquele desbravador, o mesmo aventureiro que gosta de escrever”, finaliza Itamar Vieira Jr.

Imagem: Todavia/Divulgação



*Novo romance demonstra de forma épica e lírica a força das mulheres, o poder dos laços familiares e que os fantasmas do passado muitas vezes não se distinguem das sombras do próprio país*

Foto: Renato Parada/Divulgação



## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Moralidade e afetos

Seguir uma regra moral diz muito mais sobre a pessoa do que sobre a própria regra moral. Em geral, a recompensa por seguir regras é o compartilhamento de um carisma coletivo. O prestígio de fazer parte da “boa sociedade”. A sujeição à determinada regra moral é também uma sujeição a padrões de sensibilidade. Quando dizemos “não matará” ou “é pecado roubar” certas emoções são imediatamente acionadas. Elas estão ligadas a esquemas interpretativos do mundo e a regras de sentimento. Como dizia a socióloga israelense Eva Illouz: é por conter uma carga demasiadamente grande de cultura que os afetos são elementos pré-reflexivos da ação. Os arranjos sociais e os valores morais são permeados de afeto.

As regras morais tendem a desempenhar um importante efeito integrador, reforçando a crença no pertencimento a uma comunidade virtuosa. Por ameaçar essa ordem moral e simbólica, o comportamento desviante é um perigo a ser neutralizado. O que justificaria a existência de sistemas de vigilância e punições. Podemos entender o porquê de o comportamento desviante muitas vezes redundar em estigmas, na exclusão social e no descrédito moral.

Todo e qualquer grupo social possui regras e meios específicos para impô-las. Não há garantia, porém, que desacordos não ocorram no menor e mais coeso deles. Estes costumam ser mais comuns em encontros sociais, quando indivíduos se veem diante uns dos ou-

tros. Os grupos sociais não deixam de existir quando indivíduos que o compõem não estão presentes; é imprescindível que possuam interações regulares e que seus membros compartilhem uma ideia comum de “nós”. Interações entre indivíduos de um mesmo grupo são diferentes daquelas que acontecem em encontros entre estranhos, sobretudo quando usam padrões rituais distintos – o que é a receita certa para criar erros de entendimento.

Os indivíduos envolvidos em interações face a face são levados a demonstrar que compreendem perfeitamente a linguagem recomendada àquele tipo de situação social, os códigos morais correlacionados e que são capazes de manter o autocontrole. Eles estão sujeitos a embaraços e constrangimentos dos mais variados, especialmente ao agirem de modo desviante.

O sociólogo inglês Anthony Giddens observou que as regras que orientam os comportamentos em relações de copresença têm particularidades importantes. Em primeiro lugar, nas interações face a face a subjetividade e os estados emocionais são menos latentes. Isso aconteceria porque, nessas situações, as informações que transmitimos uns aos outros são corporificadas. O corpo é elemento fundamental e o principal “suporte” dessa linguagem. São raríssimas as oportunidades na qual a linguagem corporal é expressa em perspectiva unilateral, como quando pessoas são espionadas ou quando pesquisadores analisam

comportamentos individuais recorrendo ao uso de salas ocultas.

Essas ideias me fazem lembrar como Charles Taylor foi além ao pensar a compreensão da realidade com base na corporificação. É uma ideia bastante interessante que quero compartilhar com vocês e que acredito ser útil ao debate. Consiste em não limitar o papel desempenhado pelo corpo a simples execução de tarefas ou vê-lo como a dimensão na qual processos causais formariam as representações sociais. Vou tentar ser mais claro: antes de qualquer coisa, a compreensão que temos do mundo é corporificada – ao mesmo tempo em que expressa traços cognitivos, semânticos e morais. Os movimentos corporais envolvem unidades de sentido que codificam o entendimento do “eu” e do mundo.

A obediência a uma regra seria, antes de tudo, uma questão de prática, na maioria das vezes ritualizada. Boa parte de nossa ação no mundo não é abertamente formulada, mesmo que a realidade seja moldada por representações. Daí a insistência na ideia de que as representações não são o *locus* primário da compreensão. O sentido de “mim” e a maneira como “atuo” para outras pessoas também são corporificados: como os signos de respeito, deferência e porte expressos em encontros sociais; quando mantemos distância de certas pessoas e em intercâmbios de fala e esperamos o momento adequado para exprimir verbalmente nossos pensamentos.

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Segredos

Todo mundo tem um segredo. Um ou dois (vários) e o segredo não abre portas, que não seja a porta da rua, mas quando é segredo, é segredo e só cala enquanto não é revelado. Dependendo do segredo, o barulho do outro lado é um estrondo.

A pessoa diz, vou te contar um segredo. Ai já não é mais segredo, saiu da parede, se espalha, é um disse-me disse, qualquer coisa que denuncie a existência desse segredo, aí sim ele perde a razão de ser para bater noutras portas, aquelas de bocas escancaradas, sabe?

Nem tudo se conta, sequer a pessoa mais confiante, ela sempre dirá a outra e o segredo não é mais segredo. Segredo deixa de ser das quatro paredes, quando se bem lembras, a porta deixa de ser uma porta, para viajar de boca em boca. É cruel, mas a culpa não é do segredo, que não tem a certeza ser segredo, só enquanto está guardado, aquilo que a ninguém deve revelar: o que é secreto, sigiloso, deixa quieto.

O segredo entra, sai, tem outros acessos, surta, não tem solução, nem expediente.

Quando é segredo, quando se tem coisas para guardar, onde há uma porta, o segredo se manda.

Digo isso porque o segredo deveria ser uma metáfora, uma forma de interpretação, mas não, o segredo é a coisa mais nossa, enquanto não se diz, ele é sagrado. E não adianta dizer: você guarda segredo? Não, ninguém guarda.

O segredo do outro, não é o seu segredo, mas se estica, alça voo, porque segredo não se diz, não deixe ele sair pela porta da frente, quando não há sinal de vida.

Já perguntaste quantas vezes a tanta gente se ela guarda um segredo? Ela vai responder que sim. Não guarda, explode, a necessidade de espalhar está bem no pé do ouvido, mas aí, é o melhor segredo, que seja o do liquidificador da canção do Cazuza.

Naquele momento, tudo está certo como dois e dois são cinco, mas esse segredo que se diz sussurrando é outra onda. Segredo não fala pelos cotoveles, jamais. Segredo não é a certeza da questão de entendimento, ele é a razão para o escape, dentre todas as portas, abertas ou fechadas.

Sim, segredos não têm nada a ver com o que fazemos entre as paredes, falamos, gememos e não diz respeito a ninguém.

Uma pessoa secreta, reservada, na dela, sabe que não devemos falar demais, até porque quando falamos muito, não escutamos o outro. Meu pai dizia – ou confia ou não confia, mas isso não tem nada a ver com segredos.

Pronto. Como sabemos, a culpa não é do segredo. Sabemos? Sim. É de quem conta o segredo, não exatamente de quem espalha, mas de quem conta.

Ah! E não podemos esquecer a situação quando o segredo é revelado. É devido a isso que não é possível viver nas redes sociais com tantos segredos estampados, gente hipócrita que espalha seu segredo, dançando na boquinha da garrafa, fazendo cenas íntimas e, em larga curtição faz dos seus segredos, seus medos, suas agonias, todos os dias.

Quando você ver uma pessoa escrever nas redes, “que Deus me livre dos falsos, da maldade”, ela está relevando seu segredo, sua falsidade, seu vultoso perfil.

Já pensou em engarrafar o segredo, jogar no mar, deixar que a garrafa se vá balançando nas ondas, que será lido por quem não entenderá. Esquece. Algo nos salva, quando não batemos com a língua nos dentes.

Às vezes a gente diz, que tal pessoa nos traiu. A culpa é nossa, abrimos brechas, contamos a ela nossos segredos.

## Kapetadas

1 - Muitos famintos, inquilinos de Jesus, nos cruzamentos com placas pedindo comida. Não é segredo. Mas abre o sinal e a maioria dos pedidos não emplaca;

2 - Fome – a única coisa que não dá pra empurrar com a barriga e não é segredo.

Foto: Nem de Tal/Estadão Conteúdo



“Segredos de liquidificador” de Cazuza, em ‘Codinome Beija-Flor’

Colunista colaborador

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## Sinais estéticos e signos lógicos

Foto: Reprodução



Musicólogo italiano Ottorino Respighi

A comunicação entre os seres humanos pode ser classificada em “comunicação lógica”, que é o processo de significação e a produção de significados previamente codificados pelos usuários de uma dada linguagem. E em “comunicação estética”, que inicia com a percepção de sinais pelos órgãos dos sentidos e dá-se por meio da sensibilidade.

O “signo lógico” é um sinal perceptivo. Através dele pode-se pensar, falar, ouvir, ler ou escrever. Ele é codificado por uma linguagem e se caracteriza por ser o elemento básico de uma comunicação, ao qual se vincula uma ou mais interpretações igualmente codificadas. Torna-se (o signo), geralmente, uma interpretação padronizada, que representa a ideia de uma forma imaginária ou física. Por exemplo, a palavra casa. Pois surge, de imediato, a apreensão do que a constitui: quartos, banheiro, cozinha, sala e outros cômodos. Entretanto, quando um “sinal estético” é transmitido a um grupo de pessoas, nenhuma delas as interpretará do mesmo modo, ou seja, a percepção daquela ocorrência é sempre subjetiva e depende da memória afetiva de cada indivíduo. Os “sinais estéticos” não formam signos, porque não se submetem à codificação prévia estabelecida por uma linguagem formal. Considerando isso, não há uma interpretação previamente codificada capaz de se referir a um sinal sensível, que venha permitir a formação de um signo formal.

O objeto específico de uma teoria da informação se caracteriza em unidades de transmissão que podem ser computadas quantitativamente independentemente de seu significado possível. Diante disso, a comunicação estética é acolhida na forma de percepção pelo corpo, enquanto fornecem os dados necessários para o desenvolvimento da cognição. Esse processo ocorre por meio de “sinais” capturados pela percepção sensorial e subjetiva que o receptor obtém de suas relações com as coisas e eventos do mundo, independentemente de seu significado possível, por isso, o domínio estético emite sinais não significantes.

Os sinais capturados pela sensibilidade, não produz significados codificados por linguagens. Isso dificulta a formar uma estrutura de signos, isto é, não há como se constituir uma narrativa que represente a norma estética das coisas. Desse modo, pode-se distinguir, do ponto de vista de uma teoria do conhecimento, dois tipos de interpretação da realidade: a intelectual; a estética. A “interpretação intelectual” se processa a partir da percepção dos fenômenos gerada pela “presença de uma coisa” ou de sua reprodução virtual. Entretanto, tão logo o racional recebe a informação da percepção, prontamente localiza em seu estoque de conceitos, uma categoria abstrata para incluir a representação da coisa percebida, de modo a classificá-la em sua escala de valor. Esse processo não se dirige diretamente às coisas, mas a ideias gerais sobre elas, definidas em conceitos. Com isso, a inteligência humana intenciona submeter o mundo a seu critério, abstraindo a realidade em representações controláveis. Por consequência, a interpretação lógica do mundo encontra um conceito para cada grupo de coisas e o seu significa nominal, de forma a emprestar um nome substantivo para a ideia da coisa, de modo a reter-lhe os predicados identitários na memória,

a fim de pensar sobre a coisa mesmo na sua ausência. A “interpretação estética” também se processa a partir da percepção dos fenômenos gerados pela presença dos objetos na realidade, mas remete sua atenção para a multiplicidade de sinais estéticos capturados das formas, bem como das relações e materiais que afetam de vários modos os sentidos físicos submetidos à presença real ou virtual das coisas. Ao mesmo tempo, surge o sentimento de beleza como resultado de uma relação de tensão sensível entre a forma material dos objetos e a percepção dos seus sinais estéticos. O resultado desse processo de percepção ao que é belo gera o conhecimento estético, que fixa armazenado na memória afetiva.

As duas formas de interpretação – seja com os sinais estéticos, seja com os signos lógicos – não são contraditórias, mas complementares, pois estabelecem um conhecimento mais eficiente sobre tudo que está inserido no mundo. Para essa finalidade, deve-se considerar somente o que está acessível à natureza humana, uma vez que em todos os sinais e signos se pode encontrar logicidade e esteticidade.

Sinta-se convidado à audição do 417º Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. comentar a vida do musicólogo, pianista, violista, violinista, compositor e regente italiano Ottorino Respighi (1879-1936), e as contribuições de suas peças, desde a Alta Idade Média até o início do século 20, que massificam a tradição da cultura italiana em todos os continentes. Ele, em suas composições, apresenta os antigos modos gregos: lídio; dórico; jônico; frígio; eólico; lócrio e o mixolídio, bem como o *cantus planus*. Ele uniu temas dos períodos do renascimento, do barroco, do classicismo, do pré-romantismo alemão, dos romantismos e pós-romantismos e do impressionismo. Respighi é considerado pelos acadêmicos de várias universidades de excelência mundial por ser um dos musicólogos que mais conhecia toda a história da música erudita Ocidental.



Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Cinema sempre foi tradição no Festival de Areia

O Festival de Arte de Areia, no interior da Paraíba, sempre teve tradição em cinema. Mesmo não esquecendo dos demais segmentos da cultura, como literatura, música, teatro e artes plásticas. Essa, que sempre homenageou um dos seus filhos mais ilustres: Pedro Américo, pela sua manifesta concepção pictórica sobre *O Grito do Ipiranga*. Fato que é notório e sabido por toda classe cultural paraibana.

Mesmo assim, há algumas publicações que ainda divergem da data real da Independência do Brasil e do seu processo político; também do grito do Ipiranga, conforme está cenografado na invulgar pintura de Pedro Américo. E que “a independência esteve bem longe de ser como está representada pelo pintor areense e no filme de Carlos Coimbra. Muito menos teria transcorrido majestosamente como vemos no quadro e no filme”. Afirmando alguns dos contestadores.

Controvérsias à parte, aqui o que importa mesmo é tratarmos da relação de influência que teve a obra de Américo no filme de Coimbra. Por sinal, uma produção riquíssima e um elenco grandioso, numa época em que cinema era tido como a bola da vez. Inclusive, sempre reproduzia a História Imperial e Republicana Brasileira. Exemplos como os dos filmes *Inconfidência Mineira*, *Carlota Joaquina* e o mais emblemático de todos, que é *Independência ou Morte*, de Carlos



‘O Grito do Ipiranga’, do pintor Pedro Américo, no filme ‘Independência ou Morte’

Coimbra, em que a pintura de Pedro Américo serviu como elemento cenográfico fundamental na armação cênica e no discurso do filme.

Mas o que quero registrar na coluna de hoje não é sobre o que acabo de narrar acima. Esta semana detive-me na matéria publicada em *A União*, pelo parceiro Guilherme Cabral, sobre a primeira edição do Festival Pedro Américo de Jovens Talentos e sua programação, para celebrar os 180 anos de nascimento do consagrado pintor areense. Até aí, tudo bem. Bem posta a ideia do evento destinado a exaltar o nome de um dos artistas mais importantes, não só para Areia, mas ao resto do mundo.

Estranhamente, notei que o cinema não fez parte de sua programação, mesmo sendo sabedor do significado que foi a obra de Pedro Américo para o cinema. Mais ainda, quando

se sabe que o cinema sempre foi manifestação de interesse público, inclusive na formação de crianças em idade escolar. Como nos parece também ter sido a proposta dos realizadores do festival, quando justificam: “Queremos evidenciar, para a nossa cidade, que Pedro Américo é mais conhecido no Brasil, não em Areia, onde as novas gerações precisam conhecer sua importância e legado, que é sua própria obra”. E que, “o festival é voltado, sobretudo, para alunos da rede escolar, na faixa etária dos sete aos 14 anos, ou seja, do terceiro ao nono ano do ensino regular”.

De qualquer modo, bem posta a ideia do evento, embora estando fora o cinema, cuja participação as crianças teriam adorado, certamente. - Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho  
[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Confrades

**A** APL, Academia Paraibana de Letras, ou Casa de Coriolano de Medeiros, como queiram, simboliza o culto da memória e a preservação dos valores culturais do passado, não se mostra indiferente às solicitações do presente. Através de alguns de seus sócios efetivos, por exemplo, mantém viva a chama do debate em colunas assinadas no vetusto periódico oficial, trazendo à tona o patrimônio das ideias, a relevância dos fatos e a presença incontornável de personalidades que se destacam no mundo das letras, das ciências e das artes.

Acompanho meus pares sempre com interesse na aventura e na rotina da leitura, tentando captar os sinais semânticos de cada texto, atento, dentro de meus limites, aos sortilégios da gramática, às artes da retórica e ao poder da dialética que os municiam, os textos, nas suas configurações de artigo, crônica, crítica, ensaios etc.

Gonzaga Rodrigues, na altura de seus 90 anos, é o carro chefe da crônica, no seu itinerário ao mesmo tempo lírico e social. A cidade, em suas múltiplas facetas urbanas, divide, com o sítio da infância, os percursos temáticos de sua escrita criativa, a funcionar, qual um contraponto melódico, com o pragmatismo da redação jornalística. Digamos que sua crônica é aquele balneário que nos convida para o repouso e para o devaneio, certos de que, em sua pequenina paisagem, experimentamos o ouro primeiro dos elementos naturais.

Quando não desenvolve certos assuntos ao ritmo do artigo, José Nunes tangencia esse sacrário verbal que é a crônica, sobretudo, se os motivos lhe chamam por trás das serras úmidas de Serraria. Brejeiro, como Gonzaga, aqui e ali, sua frase parece banhada nos riachos cristalinos daquela topografia gizada com os ventos das cerrações e a elegância das neblinas.

A história, na sua dimensão factual e pitoresca, ganha espaço singular na pena de Ramalho Leite, político experiente e consolidado pela geografia eleitoral de Borborema e Bananeiras. Seus artigos, sempre curiosos, tocam em pontos essenciais da microhistória, em nódulos e detalhes do cotidiano, em caracteres surpreendentes de certos personagens, na filigrana sinuosa de certos fatos e acontecimentos nem sempre são estudados sob a ética do rigor acadêmico.

Ao seu lado, em diagramação paralela, leio os artigos políticos de Rui Leitão, fundados na clareza do pensamento, na objetividade dos conceitos, no ardor e na verdade de sua lógica ideativa e profundamente democrática. Reflexivo, e numa perspectiva eminentemente social, voltada para a defesa dos interesses de setores menos favorecidos, a coluna de Rui tem ar de trincheira, gosto de combate, postura de libelo.

Ainda na seara do artigo, distendendo, no entanto, seu campo de observação, comparece Abelardo Jurema Filho, colunista social dos mais competentes, com seu olhar poliédrico sobre as manifestações culturais, históricas, turísticas, gastronômicas da cidade. Abelardo detém, como poucos, a energia do trabalho, a prioridade da presença, aquela estranha ubiquidade só pertencente aos anjos e aos deuses. Seus textos são simples, leves, informativos e quase sempre eivados de empatia para com as coisas da terra.

E por falar em terra, eis que me surge a cidade de Pilar e alguns fragmentos de memória na pena de Damião Ramos Cavalcanti. As palavras correm, no seu articulismo, retomando paisagens da várzea paraibana. O verde, que foi de Zé Lins; certas tonalidades líricas que se espriam pelos versos de Augusto, cercado da tristeza e da beleza dos engenhos.

Já no terreno espinhoso da crítica literária, gênero que Fidelino de Figueiredo, em raciocínio alegórico centrado na figura do crítico, vendo-o como “um solitário rochedo vergastado”, por todos os lados, pela fúria das ondas do mar, leio, com cuidado maior, as palavras de José Mário da Silva, Elizabeth Marinheiro e Sérgio de Castro Pinto. Cada um, a seu jeito único de leitor sensível e equipado, divide, conosco, o exercício heurístico de suas viagens livrescas.

Zé Mário explora o gênero sob os imperativos do olhar acadêmico, balizado sempre por referências teóricas dotadas de solidez e pertinência, assim como o percurso da professora Elizabeth, por sua vez, sempre talhado pelo fervor teórico e atento aos mais atuais e inventivos suportes do método interpretativo. Se a linguagem de um não escamoteia o fluxo exuberante dos vocábulos, a linguagem da outra parece primar pelo rigor da terminologia técnica e precisa.

Em Sérgio, condicionado pelo brilho da síntese e pela aragem de uma sensibilidade poética, convivo com o raro encontro do leitor com a literatura, intermediado pelo zelo de uma intimidade com o movimento das palavras somente viável à força dos que se deixam envolver pela rica intuição do estado lírico. A leitura de Sérgio, e seus curtos e inspirados comentários, passa pela pressão enlevada da poesia.

Esses, e outros acadêmicos, em outros órgãos de publicação, tomam a APL uma instituição viva. Uma instituição do passado, mas também do presente.

Colunista colaborador

## Debate no Cine Aruanda pela APC e CCTA

Atividade conjunta promovida entre Academia Paraibana de Cinema e o Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, na sexta-feira passada, foi a exibição do documentário *A bagaceira engenho e brejo*, com duração de sete minutos, realizado pelo professor João de Lima e o fotógrafo Manoel Clemente.

A exibição do curta, também um real enfoque à natureza vegetal do Brejo paraibano, foi realizada no auditório do próprio CCTA, ocasião em que foi feito um debate com estudantes do curso de Comunicação da UFPB e de bolsista do projeto ‘Cinema da Terra’.



# EM cartaz

### ESTREIAS

**OS CAVALEIROS DO ZODÍACO - SAINT SEIYA: O CO-MEÇO** (Knights Of The Zodiac. Japão, Hungria, EUA. Dir: Tomasz Baginski. Aventura. 12 anos). Seiya (Mackenyu), um obstinado adolescente de rua, passa seu tempo lutando por dinheiro enquanto procura por sua irmã sequestrada. Quando ele manifesta poderes místicos que nunca soube que tinha, Seiya se vê lançado em um mundo de santos guerreiros, treinamento mágico antigo e uma deusa reencarnada que precisa de sua proteção. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h30 (dub.) - 16h (dub.) - 18h30 (dub., exceto qua.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 19h - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h - 18h15 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h - 18h15 - 20h30.

**O CHAMADO 4: SAMARA RESSURGE** (Sadako DX. Japão. Dir: Hisoshi Kimura. Terror. 14 anos). Pessoas que assistem a um vídeo amaldiçoado subitamente morrem. Essas mortes ocorrem em todo o Japão. Ayaka Ichijo (Fuka Koshibayashi) é uma estudante de pós-graduação extremamente inteligente e com um QI acima de 200. Sua irmã mais nova assiste a um vídeo amaldiçoado por diversão. Ayaka Ichijo tenta revelar o mistério que envolve o tal vídeo. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 17h30 - 22h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h20 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h20 - 20h45.

**DEIXADOS PARA TRÁS - O INÍCIO DO FIM** (Left Behind: Rise of the Antichrist. EUA. Dir: Kevin Sorbo. Drama. 14 anos). Seis meses após uma profecia que deixou o mundo em ruínas, sobreviventes começam a se juntar a um governo militarizado das Nações Unidas. Um pequeno grupo de resistência tenta encontrar uma maneira de unir a humanidade. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h45 - 19h40 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h40.

**RENFIELD: DANDO O SANGUE PELO CHEFE** (Renfield. EUA. Dir: Chris McKay. Terror e Comédia. 18 anos). Renfield (Nicolas Cage), o assessor torturado de seu chefe narcisista, Drácula, é forçado a procurar a presa de seu mestre. No entanto, após séculos de servidão, ele está pronto para ver se há vida fora da sombra do Príncipe das Trevas. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 16h20 (dub.) - 18h50 (dub., exceto qua.) - 21h10 (leg., exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h - 21h10; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h - 21h10.

### CONTINUAÇÃO

**AIR - A HISTÓRIA POR TRÁS DO LOGO** (Air. EUA. Dir: Ben Affleck. Biografia. 12 anos). Baseado na história real do chefe da marca esportiva e de calçados Nike, Sonny Vaccaro (Matt Damon), e do fundador da Nike, Phil Knight (Ben Affleck). Ambos estão tentando tornar a marca uma das mais famosas do mundo, e escrever seus nomes na história. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 19h.

**BEAU TEM MEDO** (Beau Is Afraid. EUA. Dir: Ari Aster. Terror. 18 anos). Beau Wassermann (Joaquin Phoenix) é um homem extremamente tenso e paranoico que tem uma relação turbulenta com a mãe dominadora, Mona (Patti LuPone), e nunca conheceu o pai. Quando Mona morre, Beau precisa ir até sua antiga casa para o funeral, mas a viagem acaba sendo dificultada por uma série de acontecimentos imprevisíveis que parecem tentar desviá-lo de sua jornada a qualquer custo. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h15.

**DUNGEONS & DRAGONS - HONRA ENTRE REBELDES** (Dungeons & Dragons: Honor Among Thieves. EUA. Dir: John Francis Daley e Jonathan M. Goldstein. Aventura. 12 anos). Em um mundo repleto de dragões e seres mágicos, aventureiros embarcam numa jornada épica para recuperar uma relíquia. CENTERPLEX MAG 3: 16h15 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h15 (dub.) - 16h15 (dub.) - 19h20 (dub.) - 21h10 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h - 16h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h20.

**O EXORCISTA DO PAPA** (The Pope's Exorcist. EUA. Dir: Julius Avery. Terror. 16 anos). O padre Gabriele Amorth (Russell Crowe), exorcista do Vaticano, luta contra Satanás e demônios possuidores de inocentes. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h40 (dub.) - 20h50 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 22h10 (exceto qua.).

**JOHN WICK 4: BABA YAGA** (John Wick: Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o assassino de aluguel John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula enquanto procura os jogadores mais poderosos do submundo. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 21h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 21h45.

**A MORTE DO DEMÔNIO: A ASCENSÃO** (Evil Dead Rise. EUA. Dir: Lee Cronin. Terror. 18 anos). Beth (Lily Sullivan) vai até Los Angeles para visitar sua irmã mais velha, Ellie (Alyssa Sutherland), que mora com os três filhos em um pequeno apartamento. O que seria uma oportunidade para uma reaproximação, porém, toma um rumo macabro quando eles encontram um livro antigo que dá vida a demônios possuidores de carne. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 20h45; CENTERPLEX MAG 4: 19h20 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 14h40 (dub.) - 17h (dub.) - 19h10 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 22h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h (exceto seg e ter.) - 17h15 (exceto seg e ter.) - 19h30 (exceto seg e ter.) - 21h45 (exceto seg e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h50 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h50 - 21h.

**NINGUÉM É DE NINGUÉM** (Brasil. Dir: Wagner de Assis. Drama. 14 anos). Casados e com dois filhos, Ro-

berto (Danton Mello) perdeu o emprego e quem sustenta a casa é Gabriela (Carol Castro), mas, com o passar do tempo, ele se vê preso a um ciúme doentio pela esposa, seguindo-a em qualquer lugar, fantasiando que sua esposa está tendo um caso com o chefe (Rocco Pitanga) e sua esposa (Paloma Bernardi) também é um casal que está passando por dificuldades. CENTERPLEX MAG 2: 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h; CINE SERCLA TAMBIA 3: 16h50; CINE SERCLA PARTAGE 5: 16h50.

**SUPER MARIO BROS. - O FILME** (Super Mario Bros. EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Mario é um encantador junto com seu irmão Luigi. Um dia, eles vão parar no reino dos cogumelos, governado pela Princesa Peach, mas ameaçado pelo rei dos Koopas. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h; CENTERPLEX MAG 3 (dub., 3D): 14h - 19h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h - 17h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 19h40 (qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 14h30 - 16h45 - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 15h - 17h15 (exceto qua.) - 19h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h50 (qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub., 3D): 13h40 - 15h45 - 18h - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (dub., 3D): 14h15 - 16h30 - 18h45 (exceto qua.) - 21h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 14h - 16h15 - 18h30 (exceto qua.) - 20h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 19h30 (qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h15 - 15h30 - 17h45 (exceto qua.) - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h30 (qua.); CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 (qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h.

**OS TRÊS MOSQUETEIROS: D'ARTAGNAN** (Les Trois Mousquetaires: D'Artagnan. França, Alemanha, Espanha e Bélgica. Dir: Martin Bourboulon. Aventura. 14 anos). D'Artagnan (François Civil) chega em Paris a procura de seus agressores após ser dado como morto. Sua busca o leva para o centro de uma guerra real que coloca em risco o futuro da França. Ele se alia à Athos (Vincent Cassel), Porthos (Pio Marmai) e Aramis (Romain Duris), três mosqueteiros do rei. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h - 18h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h50.

### CINE BANGUÊ (JP) - ABRIL

**O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA** (The Texas Chain-saw Massacre. EUA. Dir: Tobe Hooper. Terror. 18 anos). Clássico de 1974 restaurado. CINE BANGUÊ: 30/4 - 16h.

**MATO SECO EM CHAMAS** (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolinas de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colmeia, a Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGUÊ: 30/4 - 18h.

# Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]



## MEMÓRIA

# Jornalista prepara obra sobre Biu Ramos

*Autor revela detalhes sobre a biografia do paraibano, considerado um dos melhores jornalistas de sua geração*

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

O primeiro contato de Samuel Amaral com a obra do jornalista e escritor paraibano Severino Ramos (1938-2018) se deu através do livro *Crimes que abalaram a Paraíba*. Isso veio antes que ele conhecesse a faceta de polemista de língua ferina que deu fama ao representante da chamada “Era de Ouro” da imprensa paraibana, nas décadas de 1950 e 1960. “Esse livro me causou um forte impacto pela linguagem que ele adotou, pelo estilo jornalístico que ele tinha e que não sabia que existia na Paraíba. Além disso, achava que a figura de Biu estava apagada das novas gerações. Jornalistas, mesmo os de batente, não conheciam a figura desse cara que foi tão importante”, lembra o jornalista e pesquisador.

Ver a memória desse personagem sem o devido tratamento histórico fez Amaral aprofundar ainda mais seu processo de investigação sobre a trajetória pessoal e profissional de Biu Ramos. Desse mergulho já foi produzido uma dissertação de mestrado e um perfil biográfico publicado no livro *Paraíba na Literatura III* sobre o homem como um dos melhores jornalistas de sua geração. Esses foram dois dos primeiros frutos que podem ser considerados embriões de uma publicação biográfica. Dar tratamento editorial a essa trajetória é o que no momento está em análise pela Editora A União, pois só assim é possível trazer luz para um personagem cheio de contradições, que simboliza muito bem a obstinação de um homem com uma sensibilidade singular com as palavras.



Foto: Edson Matos

Biógrafo Samuel Amaral (foto maior) está produzindo o livro batizado inicialmente como ‘Biu Ramos: o timoneiro da Arca de Sonhos’, referência ao título do primeiro livro do escritor e jornalista (abaixo), publicado em 1985

O livro foi batizado inicialmente como *Biu Ramos: o timoneiro da Arca de Sonhos*, uma referência ao título do primeiro livro do escritor, publicado em 1985. O recorte narrativo da biografia deve cobrir toda a vida de Biu Ramos, desde a sua infância na Usina São João, em Santa Rita, até os anos finais, passando por toda a trajetória jornalística e político-partidária do paraibano. Para contar a história do homem preto e pobre, de avô indígena e avô nascido sob a lei do ventre livre, a obra deve seguir a linguagem do jornalismo literário, sem as amarras da objetividade e da imparcialidade. “Como Nelson Rodrigues dizia, a objetividade do jornalismo tirou as exclamações. O livro tem exclamações e a sensibilidade de colocar a narrativa em primeiro plano, contando, de fato, a história como ela aconteceu, mas com uma liberdade criativa”, adianta Samuel Amaral.

Para poder exercer essa liberdade sem incorrer em imprecisões factuais, o biógrafo fez uma pesquisa extensa no vasto acervo pessoal de Biu Ramos – que tinha por hábito catalogar tudo que produzia –, nos livros de sua autoria que ainda podem ser encontrados em sebos literários e em várias entrevistas com parentes e amigos de Biu. O rico material que estava salvaguardado pela viúva, Dona Lúcia Sá, está atualmente sob a tutela da Fundação Casa de José Américo. Mas o livro não se restringe a esse acervo. “A gente não vai trazer apenas a figura de Biu, mas também o contexto social, político e econômico dessa trajetória dele. Fizemos uma pesquisa intensa também sobre esses outros aspectos”.

As histórias que mais surpreendem ao biógrafo são aquelas que demonstram a resiliência de Biu Ramos. Nascido com um problema congênito nos pés – que ti-

nham um formato de concha que o impedia de manter o equilíbrio –, Biu Ramos carregava desde a infância o apelido de “pião” porque a deficiência o obrigava a ficar em constante movimento. Sua condição física não o impediu de, por exemplo, ser o fundador do time de futebol da usina, mesmo sem ter sido capaz de praticar o esporte. Ainda criança, ele corria aos domingos até a estação de trem para buscar os jornais que chegavam à cidade, sem imaginar que um dia ele mesmo imprimiria um novo estilo de fazer jornalismo para aqueles mesmos periódicos. Biu Ramos foi correspondente do *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo* e das revistas *Veja* e *Realidade*. Na Paraíba, trabalhou, entre outros, no *Correio da Paraíba*, *Jornal da Paraíba* e no *Jornal A União*, onde chegou até o cargo de diretor superintendente, enfrentando o racismo de quem não aceitava que ele tivesse alcançado uma posição de tanto prestígio.



Foto: Arquivo A União

“Ele, em conjunto com Gonzaga Rodrigues, foi quem começou a setorializar a redação, como ter repórteres especializados em Cultura, Esportes e Política, por exemplo. Antes, não era assim. Eles começaram a fazer esse processo”, afirma Amaral. Outro legado de Biu Ramos – e que impulsionou Samuel Amaral a conhecer a sua qualidade literária –, está marcado na história do jornalismo investigativo paraibano. Um dos exemplos dessa contribuição se deu através da cobertura realizada do julgamento do assassinato do militante das ligas camponesas, João Pedro Teixeira, em 1962. “Biu Ramos foi testemunha ocular, junto com o delegado do

caso, para achar a testemunha chave do processo, uma camponesa que denunciou os acusados. Ele foi um precursor do jornalismo investigativo da forma que a gente conhece hoje em dia”.

Biu Ramos morreu em 2018 e este ano ele faria 85 anos se estivesse vivo. Um tempo muito recente para que se perca de vista a trajetória de pioneirismo guiada pelo timoneiro da arca de sonhos. “Eu espero que, com a publicação do livro, se tudo der certo, Biu se torne mais conhecido pelas novas gerações de jornalistas, e que os jornalistas que trabalharam com ele naquela época relembrem e descubram novas histórias dele”, finaliza Samuel Amaral.

## AUDIOVISUAL

## Em maio, 15 filmes entram em cartaz no Cine Bangüê

Da Redação

Após o feriado, a partir da próxima terça-feira (dia 2) o Cine Bangüê vai estreiar para sua grade de programação mensal 15 longas-metragens (os dias e horários serão divulgados na seção *Em Cartaz*, na página 11, da edição de terça-feira). Os ingressos para as sessões custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia) e a bilheteria abre uma hora antes da exibição. O pagamento pode ser feito em espécie ou via PIX.

O motivo dessa enxurrada de estreia é por conta do Festival Filmelier de Cinema

que o Bangüê abraça como o representante paraibano das mais de 30 cidades do Brasil que passaram os longos inéditos no circuito comercial. Dos 20 filmes, 10 vão passar pela programação em João Pessoa até o dia 18.

A programação é diversificada, reunindo filmes premiados e elogiados pelo público, que incluem temáticas de Primeira e Segunda Guerra Mundial, dramas pessoais e familiares, biografias, com produção de diversos países e que estrearam em festivais internacionais como Sundance, Toronto, Cannes e Veneza. Os longas-metragens do festival que passa-

rão por aqui são:

O suspense *A Noite do Dia 12* fala sobre um investigador tendo que lidar com um caso não solucionado de feminicídio.

Uma jovem desajustada apaixonada por andar de moto encara o mundo dominado por homens do *motocross* em *Rodeo*.

Omar Sy (do sucesso *Intocáveis*) é o pai que fará de tudo para salvar seu filho de 17 anos, recrutado à força para lutar pelos franceses na Primeira Guerra Mundial, no drama de guerra franco-senegalês *Herói de Sangue*.

Em *A Sindicalista*, a premiada atriz Isabelle Huppert

vive uma representante sindical que denunciou acordos secretos e abalou a indústria nuclear francesa.

Já *Tesla - O Homem Elétrico* é uma cinebiografia do gênio revolucionário Nikola Tesla (vivido por Ethan Hawke, de *Dia de Treinamento*).

Vindo do Irã, *Sem Ursos* retrata duas histórias de amor paralelas. Em ambas, os amantes são atormentados por obstáculos ocultos e inevitáveis, a força da superstição e a mecânica do poder.

O drama *Querida Zoe*, Sadie Sink (de *Stranger Things* e *A Baleia*) sofre uma terrível perda em sua família, e se aproxima de seu pai biológico,

enxergando nele um inesperado apoio.

Preso num casamento vazio, uma mulher se entrega a um intenso romance com um músico misterioso recém-chegado a uma pequena cidade australiana. Esse é o mote de *Uma Nova Paixão*.

Em *Uma Noite em Haifa*, o premiado diretor israelense Amos Gitai nos entrega histórias entrelaçadas de cinco mulheres desafiando rótulos em seus relacionamentos e identidades pessoais.

Por fim, *Os Filhos dos Outros* mostra o relacionamento entre uma professora (Virginie Efira, de *Benedetta*) e a filha pequena de seu namorado.

Fora do Festival Filmelier, mais cinco longas nacionais entram em cartaz no Bangüê: o documentário paraibano *O Seu Amor de Volta (Mesmo Que Ele Não Queira)*, de Bertrand Lira; outro documentário é *Quando Falta o Ar*, que registra o trabalho realizado por profissionais do SUS na crise sanitária da Covid-19; *Rio Doce*, drama de um homem negro e periférico (*rapper* Okado do Canal) em crise; já *Noites Alienígenas* explora uma Amazônia urbana; e em *O Pastor e o Guerrilheiro*, um guerrilheiro comunista que divide a cela com um cristão evangélico, preso por engano, durante a ditadura brasileira.

Fotos: Funes/Divulgação



Da esq. para dir.: entre as estreias, ‘Herói de Sangue’ (com Omar Sy); premiada francesa Isabelle Huppert em ‘A Sindicalista’; documentário paraibano ‘O Seu Amor de Volta’; e Ethan Hawke encarna ‘Tesla’





O prefeito Cícero Lucena conhece detalhes do projeto que prevê a engorda das praias para ampliar o espaço da área de areia com o objetivo de combater a erosão marinha em João Pessoa

## ENGORDA DAS PRAIAS

# ALPB promove seminário em junho

Deputados querem ouvir ambientalistas e professores para debater as implicações do projeto para a capital

Juliana Teixeira  
julianaaraujoteixeira@gmail.com

“  
A prefeitura não pode e nem deve ficar aguardando que o mar venha a avançar

Hervázio Bezerra

O primeiro relatório dos estudos iniciais sobre a engorda das praias, encomendado pela Prefeitura de João Pessoa à empresa catarinense Alleanza Projetos e Consultoria, deverá ficar pronto em 90 dias. O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), garantiu que irá obedecer o que os estudos técnicos apontarem sobre o projeto. De acordo com o gestor, o principal objetivo da iniciativa é preservar a falésia do Cabo Branco, que vem sendo “engolida” pelo mar.

De acordo com o gestor municipal, o estudo será feito de forma preventiva, com responsabilidade e discutido de forma democrática com a sociedade. Mesmo assim, o projeto continua provocando discussões no âmbito do Legislativo estadual, pela importância do tema e por se tratar da capital do estado. Para além das questões administrativas, a política partidária também entrou em cena, tendo em vista a presença de três pretendidos candidatos à Prefeitura de João Pessoa em 2024.

Desde o anúncio em fevereiro deste ano, que a Assembleia Legislativa da Paraíba vem debatendo o assunto. A deputada estadual Cida Ramos (PT) tem se debruçado sobre a questão. Junto com o deputado estadual Chió, a parlamentar teve a iniciativa de realizar uma audiência pública para ouvir especialistas. De lá para cá foi criado um grupo de estudo e se-

gundo Cida, um seminário está previsto para junho deste ano, com ambientalistas, professores de universidades da PB e de outros estados.

Ainda segundo Cida, também houve a criação de um grupo de advogados que estão trabalhando ações. “Teremos uma reunião do movimento por esses dias e também apresentamos um pedido de interrupção do tráfego na área do pontal do Cabo Branco”, disse.

Outro deputado que pede atenção à ação proposta pela prefeitura é Wallber Virgulino (PL), líder da oposição da ALPB. Ele enfatiza que esta é uma temática que vai além do campo político, por isso necessita do auxílio de profissionais para entender os efeitos da ação.

“Na prática, nós não entendemos qual será o impacto. A prefeitura não pode atropelar etapas. Queremos que o debate seja aberto para

a população e quanto vai gastar. Queremos mais clareza no processo”, argumenta Wallber.

Ainda no Legislativo, um dos nomes que tem se empenhado em defender a execução do projeto é o deputado estadual Hervázio Bezerra (PSB). Questionado sobre o entendimento dele a respeito da necessidade da obra, o parlamentar argumenta que esta é uma medida urgente e defende que o debate aconteça no âmbito municipal.

“Em alguns trechos lógico que sim. A prefeitura não pode e nem deve ficar aguardando que o mar venha a avançar e ocorra o mesmo que houve na ponta do Cabo Branco onde a pista foi cortada ao meio. A prefeitura está no caminho certo, elaborando projeto técnico e posteriormente debate na Câmara ouvindo a sociedade e especialistas na matéria”, enfatizou Hervázio.

Já a deputada Camila Toscano diz que é precoce emitir uma opinião sobre o projeto, pois ele não foi apresentado em detalhes pela prefeitura. “Um projeto como este tem que ter um estudo muito profundo, pois temos que entender as consequências no futuro, mas por hora, não acho prudente avaliar a questão, somente quando for apresentado em detalhes”, explica a deputada que mora em João Pessoa.

De acordo com o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, ainda serão necessários 90 dias para que se conheça o estudo que vem sendo elaborado por técnicos sobre a

viabilidade da obra. “Nossa expectativa é que eles possam entregar os estudos iniciais para que a gente possa avançar e ter informações de uma empresa séria. Aí sim, poderemos pensar no que vamos fazer. Vamos fazer estudo com responsabilidade de fazer de forma preventiva”, disse.

A contratação da empresa responsável pelos estudos custou R\$ 275.502,40. Já o alargamento da faixa de areia nas praias de João Pessoa deve custar cerca de R\$ 200 milhões. Segundo a portaria da PMJP, a intervenção será realizada nas praias urbanas do Bessa, Manaíra, Ponta do Seixas (Falésia do Cabo Branco) e Jacarapé (Polo Turístico), localizada no Litoral Sul da capital.

Segundo o prefeito Cícero Lucena, os estudos irão se es-

tender até os limites dos municípios do Conde e de Cabedelo e criticou quem vem se manifestando contra a proposta antes de sua apresentação.

“Vamos estudar João Pessoa até os limites do Conde e de Cabedelo, para que eles possam dizer o que fazer. É um processo que se faz necessário. É deixar cair para depois dar solução? Estaremos discutindo com a academia e com a sociedade o que estudos estarão indicando”, declarou.

Ainda na semana passada, a prefeitura voltou a concentrar ações no final da praia do Cabo Branco, a assinatura de uma ordem de serviço assinada pelo prefeito Cícero Lucena para conter a deterioração de um trecho, devido ao avanço do mar, o

que causou a queda da parede de proteção, de trechos da calçada, da ciclofaixa e a desestabilização de um pier de contemplação do mar.

“Essa é uma ação que envolve proteção ambiental, preservação do nosso patrimônio e garantia de espaços de lazer para as pessoas. Estamos buscando tecnologias utilizadas mundialmente para conseguir uma obra de qualidade e de durabilidade. Agimos com responsabilidade para fazer o que precisa ser feito com embasamento, estudos e amparados pela ciência”, afirmou Cícero Lucena, durante a assinatura.

A contenção da calçadinha consiste na primeira etapa da obra. Ela inclui a implantação de estacas-prancha, tecnologia utilizada no mundo todo, para conter a erosão.



Cícero e técnicos da Prefeitura durante uma visita a uma das áreas que deve ser modificada



## Rubens Nóbrega

# História começa com pedido do pai por emprego para o filho que escrevia

De tradutor de telegrama a redator da primeira página, as escalas para a edição de segunda-feira, o humor dos colegas que não perdoavam nada e os voos para outros órgãos da imprensa com o drama de um cadáver na redação

Luiz Carlos Sousa  
lucbjp@gmail.com

O jornalista Rubens Nóbrega é mais um personagem que tem história com **A União** e em vários escalões. Começou na tradução de telegramas, onde aprendeu a escrever o lide das matérias, tornou-se redator, foi secretário de redação e testemunhou histórias engraçadas e sérias, como a recomendação para sempre dar a versão do Governo no lide e as críticas no sublide. Nessa conversa para o Memórias A União ele lembra das relações com colegas, das escalas para o trabalho na segunda-feira e conta como, por intermédio do pai, conseguiu uma indicação do então presidente de A União, José Souto, para trabalhar na redação. O aprendizado o leu a outros voos, inclusive ao columnismo político e à editoria-geral em outros jornais, como O Norte e o Correio da Paraíba, onde chegou a ser ameaçado de morte por causa da cobertura que o jornal deu ao Caso Paulo Brandão.

## Entrevista

■ **Como foi que sua história com A União teve início?**

Eu entrei em meados de 1976 e vim por indicação do diretor. O Presidente na época, José Souto, era colega de faculdade de meu pai na Autônoma, que hoje gerou esse grande filho que se chama UNIP. Eu trabalhava, em O Norte, na redação. Comecei na verdade um pouco antes, em O Momento semanário de Jório Machado como revisor na gráfica Interplam.

■ **Não havia sequer o curso de Comunicação?**

Não. O curso me parece veio a ser a criação em 77 e começou em 79 no reitorado de Linaldo Cavalcante. Então eu estava no trabalho como revisor n'O Momento, ali na fronteira entre Roger e Tambaí e depois aquela história: meu filho gosta de escrever e tal. Essa conversa foi no corredor da faculdade. Zé Souto disse: "Mande o menino lá em A União". Aliás, primeiro ele conversou primeiro com Genésio de Souza, Marconi Góes e de Aloísio Moura, que eram acadêmicos de Direito. Nessas conversas meu pai falou que tinha um menino que gostava de escrever e tudo mais aí Marconi disse: "Mande o menino lá". Eu fui para O Norte. Cheguei lá e comecei a minha vida propriamente de redação, de batente de redação, como tradutor de telegrama. Você sabe o que é isso?

■ **Rapaz, aquela história comum de todos nós?**

Nós começamos como tradutor de telegramas. E aí eu aprendi o ofício de fazer o lide de uma notícia, que não era nada mais do que datilografar o material noticioso que vinha das agências internacionais e nacionais.

■ **Naqueles equipamentos que lembravam um telex?**

Era um terminal ponto a ponto

“

**Começamos como tradutor de telegramas. E aí eu aprendi o ofício de fazer o lide de uma notícia**

Rubens Nóbrega

com distribuição centralizada em São Paulo, se não me engano. No meu caso, na minha época em 74, 75 e até 76, a gente trabalhava com a UPI e a AP norte-americanas e aqui no Brasil a Meridional e a agência nacional, a JB. Traduzir, na verdade, significava - você sabe muito bem disso - mas eu acho que as novas gerações não vão compreender - é que todo o material vinha em caixa alta, e você tinha que ticar o que continuaria em caixa alta e colocar os acentos gráficos, além de ajustar a pontuação. E, às vezes, fazer algumas correções de concordância, de regência e tudo mais. Esse era o trabalho básico.

■ **Você chegou na União em 78, eu cheguei em 80..., mas uma característica daquela época era a preocupação para adquirir o status de texto final lembra?**

A tradução do telegrama dava essa aula tranquilamente. Quer dizer, como eu tinha velocidade de datilografia excepcional, não sei porque, eu acho que para compensar outras deficiências, eu adquiri isso. Então, eu fazia um paio de matérias. E isso dava para preencher duas, três páginas e tal que eu queria me livrar logo, por-

que eu era estudante também na época. Então, eu estava lá no Norte e Zé Souto me indicou para aqui para vir para A União. Não me sentia ainda um redator. Mas bom, comecei aqui nesse mesmo ambiente de **A União**.

■ **Já no Distrito?**

Aqui no Distrito. Agnaldo Almeida era o editor e Frutuoso Chaves o chefe de reportagem. Eu comecei a trabalhar à noite, fechando o jornal com Agnaldo. Era redator copidesque do pessoal que cobria tudo, mas especificamente a Assembleia Legislativa que era o foco de interesse e dos cuidados de Zé Souto no governo de Ivan Bichara. Então, tinha algumas curiosidades - me lembro que tinha Tião Lucena como um repórter setorista da Assembleia e você tinha que esperar Zé Souto terminar a aula na Autônoma. O jornal estava pronto, mas Agnaldo não podia fechar. Aquela redação todinha esperando Zé Souto.

■ **Conversando abobrinha, mandando café?**

Então, esperando Zé Souto fazer a revisão. Ditadura militar, os caras tinham muito cuidado, muito zelo com essas coisas. E Zé Souto, como era do ramo, gostava de corrigir... Às vezes, não tinha sentido corrigir, mas ele chegava e se sentava numa banca separada e todo mundo ficava prestando atenção ali ele com lápis. Era um papel datilografado e ele começava... por exemplo, o presidente da Assembleia da Paraíba, deputado, Soares Madruga, aí ele invertia: o deputado Soares Madruga, presidente da Assembleia Legislativa. No outro dia, como eu era o re-



Segundo Rubens, a tradução de telegramas dava a aula de como aprender a redigir notícias



Rubens Nóbrega conta como começou como revisor gráfico e foi galgando espaços nas redações até assumir cargos de editor-geral

dator, fazia a sacanagem, invertia, né? Botava do jeito que ele tinha revisado.

■ **Ele era fechadão, todo mundo respeitava...**

Zé Souto era assim. Eu queria lembrar alguns companheiros com quem tive a felicidade de compartilhar esse momento em **A União** na redação: Roberto Carlos de Oliveira, que era editor de Esportes, Antônio Hiberdo de Carvalho, que era repórter de Esporte. Josemar Pontes que era o meu tradutor telegrama. O super Werneck Barreto, Arlindo Almeida que fazia um caderno sobre automobilismo. Agnaldo Almeida Frutuoso Chaves, Sebastião Lucena e Zé Coelho o famoso colíhinho.

■ **Que era o administrativo?**

Murilo Sena, que era assim tímido, era o Xerife. E tínhamos Zé Souto na presidência, mas aí, essas coisas de redação rapaz, eu me lembro muito, tinha um rapaz aqui que era o contínuo de redação. O cara que servia o cafezinho que botava o papel já cortadinho na gaveta, mudava a fita da máquina esse negócio.

■ **Na minha época esse contínuo era Zé Borá...**

Zé Borá também já era na minha época, mas tinha uma outra função. Acho que o nome era Maurício. E coitado era um rapaz pobre e sem muita noção das coisas, de trato, e uma vez eu achei de pedir um café e ele veio com o café assado segurando com o dedo dentro do copo. Eu disse Maurício rapaz, não bota o dedo não, você

pega uma daquelas conchinhas. Então, você pega assim. Aí Werneck Barreto e Antônio Hilberto, dois super bem humorados, espirituosos piadistas, criativos demais toda vez que alguém pedia um café um deles dizia: com dedo ou sem dedo? A gente tinha esse time aqui n'A União e o João Feitosa que era o secretário de Redação e eu substituí. Imagina cara um pirralho de 17 anos substituir um cara que já estava aqui há 30. Não sei de quem foi essa ideia, mas eu achei que era um processo normal. E alguém disse você vai ser secretário de redação.

■ **Olha a responsabilidade...**

Claro que o encargo cresceu. Mas eu me dava bem, mas Feitosa ficou um pouco assim meio chateado sabe.

■ **Mas parece que ele saiu para ir para assessorar o Ipep.**

Mas isso foi depois, porque ele continuou trabalhando com a gente, continuou na redação fazendo a "tesoura press", por exemplo, o editorial.

■ **Você contou histórias com muitos personagens, alguns ainda estão aí, Agnaldo, Gonzaga, você chegou a trabalhar com o Gonzaga n'A União?**

Gonzaga foi secretário de Burity, né? Foi diretor-técnico de A União... E depois substituí o Carlos Roberto na secretaria de Comunicação. A gente até fundou um jornal - fundou é muita pretensão, né? Eu tive um jornalzinho chamado de Jornal da Gente. Fizemos aí uns 15 exemplares e fazia com Gonzaga, fazia lá em

Botafogo de João Pessoa teve uma ascensão e participou de campeonatos nacionais, inclusive chegou - não sei se foi na minha época, eu não estou bem lembrado - mas a famosa vitória no Maracanã sobre o Flamengo.

■ **Aliás, é uma das manchetes que estão nesse painel...**

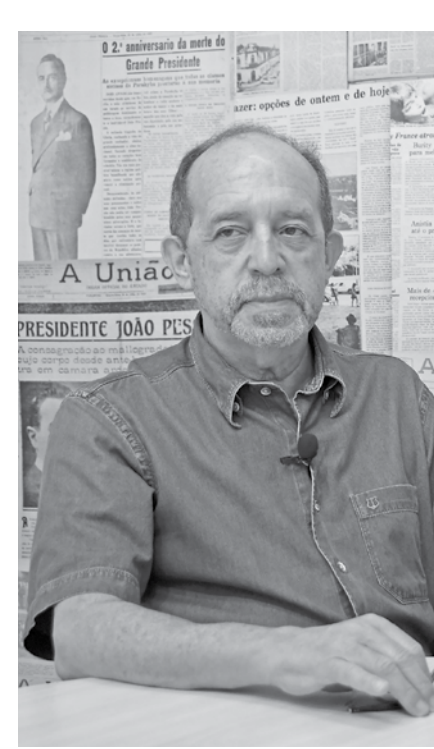
Exatamente. Eu sei que a gente passou a fazer o jornal da segunda-feira e estabeleceu um revezamento um domingo eu ia, no outro Agnaldo ou Frutuoso. Não era bem assim, às vezes, quando eu estava em casa bem tranquilo, chegava a Kombi na União.

■ **Se prepara aí que o domingo é teu?**

Antônio Davi era o nosso fotógrafo. Eu pegava o carro e saía pegando o pessoal, porque quem ia editar sabia quem era o time que estava escalado. Davi morava numa pensão na Índio Piragibe, no Centro. E ele tinha tomado uma grande. Para tu ter uma ideia: fui acordar Davi e Davi pegou a escova de dente e ao invés de botar a pasta, botou uma "giletezinha" uma banda de gilete. Se eu não tivesse lá... São essas coisas curiosas. Tomou banho, ficou no vinho em folha, deixamos ele no estádio Almeida e viemos para o distrito para descer o jornal. Lembro dessas coisas assim, do noticiário da polícia, até porque o governo em Ivan Bichara era o governo em banho maria.

■ **Não sabia desse detalhe...**

Se dizia. Tanto é que o apelido do governador era, a meia boca, nos bastidores, tarde fria. Inclusive diziam que Ivan Bichara adorava casa mesmo. Gonzaga fazia os textos dele e tudo mais. Mas eu não trabalhei com Gonzaga aqui n'A União.



Rubens revela as ameaças que sofreu e que o fizeram até vender uma casa para proteger a família

assistir o Zorro, então ele encerrava o expediente assim de 4 horas, porque ia para casa ver o seriado. Mas Ivan era um intelectual, um homem cordato ao contrário Ernani, que era brabo. O governo dele seguiu nessa linha da tranquilidade e **A União** se comportava muito bem, mas também produzindo uma informação de qualidade.

■ **Rubens é do seu tempo quando começaram aquelas experiências de A União com fazer um jornalista e tentar contar as histórias de uma maneira que pudesse revelar informações que não seriam permitidas. Trazia uma informação e lá dentro escondido vinha a informação principal?**

Acho que durante toda o período de discricionário, o período de arbitrio, isso foi uma prática não só de **A União**, mas de outros jornais também. Agora o que acontecia n'A União no meu tempo, por exemplo, eu observava isso, é que havia um discurso muito contundente na Assembleia contra o governo. Era uma coisa impossível de você ignorar.

■ **E aí qual a solução?**

Então, o que é que a gente fazia? O que a gente fazia não, o que era orientado a fazer? Dava aquela informação, mas a informação ficava no sublide porque o lide mesmo, a abertura da informação, era a resposta do governo àquele discurso.

■ **Você saiu de A União e foi viver uma grande história também no Correio da Paraíba?**

Em 79, eu já estava na Universidade e fui chamado por Werneck Barreto para fazer a primeira página do Correio com ele, que não queria assumir o negócio. Fui como editor especial fechando a primeira página. O editor, inicialmente, era Bosco Gaspar e depois Alberto Arcela. Os caras se engraçaram: "bota esse menino aí". Eu assumi a editoria geral. Teve um interregno, porque eu tive um período no exterior, fiquei uma temporadazinha nos Estados Unidos, mas depois voltei e continuei foi até 88.

■ **Você, inclusive, recebeu ameaças, passaram no Correio e atiraram a editoria?**

Tudo, tudo que a gente tinha direito, mas eu tinha um santo protetor que chamava-se Sitônio Pinto, que andava com uns parabombas, uma figura. Mas sofríamos ameaças, fizeram uma emboscada e mataram Paulo Brandão na época, aqui na BR-101, em frente

a Polyutil, que era uma empresa do grupo.

■ **Mas você pessoalmente chegou a ser ameaçado? Eu me lembro do episódio dos tiros contra a redação?**

Eu digo era sacanagem porque era uma época de intimidação. Só para você ter uma ideia eu vendi a chave de uma casa - morava no Anatólia, perto do bar do baiano - por quê? Porque o cara ligava para redação e dizia: quero falar com o editor. Eu atendia: pois não! O cara diz: "Rapaz aquele teu portão demora demais a abrir". Fiquei desesperado. Tirei minha família de lá e fui morar na Clarice Justa perto da Beira Rio. Recebi até telefonema do coronel Alencar, que foi apontado como mandante, foi julgado e condenado por isso. Era uma coisa diária. Tive colegas que foram aprender a atirar. Foi um período muito tenso, afinal o Correio foi fazer oposição ao governo e tinha um cadáver estirado na redação. O cara foi assassinado, ele foi literalmente fuzilado por metralhadora mesmo.

■ **Me lembro de uma manchete do Correio...**

Fiquei estigmatizado por algumas coisas como aquela manchete famosa "Foi Braga". Aquilo foi criação minha. O escândalo das caçambas que deu origem a briga do governo também. Tinha Benedito Alves, Benê, que era o chefe da oficina e gostava desses embates: "Vamos botar uma corzinha". A gente nunca tinha botado uma cor e ele bota um vermelho na manchete "escândalo das caçambas", meu amigo a cor ficou marrom, imagina.

■ **Você passou em A União, pelo Norte, pelo Correio da Paraíba iniciou sua carreira como tradutor telegrama e hoje essa modernidade toda esse avanço tecnológico, como você vê a colaboração que ela trouxe para o jornalismo?**

Olha eu digo o seguinte é uma colaboração extraordinária. Primeiro pelo processo de produção industrial mesmo, porque a gente tinha um processo complicado quase artesanal, de montagem de página da parte gráfica uma coisa gigantesca aquelas cartolinas do tamanho do jornal.

■ **O diagrama?**

Diagrama. Depois você passava pra montagem. Paginação fotolito que o fotolito - que era uma grande máquina, um grande raio X. Depois botar aquilo na chapa fazer a chapa e imprimir, tudo a gente viveu esse período de pegar o jornal assim esperar sair melado,

mas passou. Hoje o computador comanda tudo. A velocidade, o que a gente tem hoje é o que chamamos uma miríade de informações. Você acumula o dia e isso é preocupante porque a grande maioria acumula sem filtro. Isso dá televisão ao lado do display, que está no supermercado ou shopping e tem o celular. Possibilitou uma gama de informações que o jornalismo passou a ser sem o filtro da informação e quando ele se coloca como o filtro não consegue atender a ansia, a necessidade, ou talvez o vício da informação que todo mundo hoje tem.

■ **Sem reflexão?**

Sim claro você não tem tempo de refletir. Hoje temos o fenômeno da fake news que é tão antiga quanto a própria informação, a disseminação que é diferente, é uma ferramenta política inclusive.

■ **Você também foi colunista político, Me lembro, inclusive, de uma coluna sua que eu achei espetacular e guardo até hoje na memória, no Norte. Você fez uma análise no governo Cunha Lima... Por causa dos nomes dos assessores: Cícero, Catão, o próprio Ronaldo, Cássio e você fez uma relação com Roma. E me lembro e de outra que você fez analisando a partir de Shakespeare. Por que que estou fazendo essa introdução toda? Porque eu acho que o jornalismo hoje ele ganhou essa velocidade, ganhou a solução imediata de como você chegar à informação, mas se perdeu o conteúdo...**

Fico pensando como é que a gente produzia naquela época. E jornal virou uma coisa assim, eu não diria obsoleta, mas eu estou dizendo mais descartável a verdade é essa. E você ainda tem um jornal que é produzido sabe? Todo santo dia aqui.

■ **Há algo que a gente passou batido, que não foi abordado e você gostaria de revelar?**

Eu vou parabenizar mais uma vez A União e toda a estrutura da comunicação do Governo, que está fazendo um trabalho de qualidade que tem uma essência jornalística e esse resgate da memória da nossa imprensa, da nossa vivência como jornalista, eu acho importante. Isso não é um prazer para o nosso ego, mas até como registro da história. Para que no futuro as pessoas consultando esse acervo possam compreender melhor os tempos que nós vivemos. Isso é um documento importantíssimo. Esse projeto, particularmente me deu uma grande satisfação.







Selma Smith, Albiege Fernandes, Marize Lopes, Roberta Aquino, Chico Noronha, Terezinha Vaz, Auxiliadora Borba, Ângela Abrantes e Rossana Medeiros são os aniversariantes da semana

**IMOBILIÁRIA**

**PARAÍBA PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br  
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J



O vinhateiro Bruno Trigueiro, na foto com alguns de seus rótulos, mantém vinhedo na região francesa de Languedoc, onde elabora vinhos 100% orgânicos, naturais e biodinâmicos. Ainda este ano, e se for possível, viajo à França para vivenciar a colheita de suas cepas viníferas.

A paraibana e ativista cultural Kaline Lima foi empossada no cargo de presidente da Cufa, a Central Única das Favelas, durante evento que aconteceu no Teatro Santa Roza, a terceira casa de espetáculos mais antiga da Paraíba. Ela, que fez curso superior na UFPB, deve dar continuidade ao trabalho da entidade que atua na assistência social e cultural junto às comunidades carentes em áreas necessitadas e no combate à fome.



Gracinha Braga, uma vovó coruja assumida, está no Canadá dando assistência à filha Ana Paula Quereter e, sempre ao lado do marido Alessandro Mesquita, curtem a lindinha Bianca, a primogênita do casal que completou dois meses de muita fofura.



Em viagem à Espanha, registro a Casa Batlló, prédio concebido pelo arquiteto catalão Antoni Gaudí, que está situado no Passeio de Gràcia, grande avenida na cidade de Barcelona, na Catalunha. O edifício modernista, construído de 1904 a 1906, é patrimônio mundial da Unesco.



Com badalado almoço, no restaurante Johns Grill, no Altiplano Cabo Branco, a querida Rosi Costa teve seu aniversário festejado. Ela, que sempre realiza ações filantrópicas, recebeu doações de lençóis para doar a entidades carentes. Maravilha!

A presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), jornalista Naná Garcez, recebeu, em razão dos 86 anos da Rádio Tabajara, Moção de Aplauso, da Câmara Municipal de Campina Grande, por meio de propositura da vereadora Eva Gouveia. A homenagem foi merecida, pois a gestora da EPC, empresa que tem a Tabajara como integrante, além de desenvolver interessante trabalho, inaugurou na sede da rádio, o Museu do Rádio Paraibano.



Os paraibanos Elba Ramalho, Roberta Miranda, Lucy Alves e Chico César serão homenageados durante a realização da 30ª edição do Prêmio da Música Brasileira, evento idealizado pelo empresário José Maurício Machiline (foto), no Rio de Janeiro, precisamente no Teatro Municipal, no dia 31 de maio, vai abrigar esta festa que prestigia a classe artística do Brasil.



**SAO BRAZ**

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO ESPRESSO

\*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

O 1º Congresso da Federação Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Turismo (FE-BTur) vai acontecer na capital baiana, de 1º a 3 de junho deste ano. “A Comunicação Plural para um turismo sem Fronteiras” será o tema do encontro que vai acontecer na sede da Fecomércio, em Salvador. A entidade, liderada pela jornalista baiana Heloísa Braga, está alertando para a importância de os associados fazerem suas inscrições que já estão abertas.

Melca Farias e a diretoria executiva da Associação Comercial da Paraíba tomaram posse durante evento que aconteceu no auditório do Sesc Cabo Branco, em João Pessoa, na última quinta-feira (27). Na mesma ocasião, foi apresentado interessante Painel ACPB.

O deputado estadual Eduardo Carneiro, sempre à frente na criação de projetos que protegem o povo paraibano, criou a Frente Parlamentar em Defesa do Cooperativismo (Frencoop-PB), um espaço que tem como objetivos debater e propor projetos para fomentar o desenvolvimento do cooperativismo na Paraíba. O deputado, que presidirá a Frente, acredita que, fortalecendo as cooperativas, elas, cada vez mais, vão gerar emprego e renda no nosso Estado.

O Arraiá de Cumpade fará o São João 2023 com o maior número de artistas convidados da história do evento. A autêntica festa de interior localizada na Fazenda Olho D’Água, em Galante, distrito de Campina Grande, anunciou que a programação do último dia, 1º de julho, contará também com a apresentação da Banda Cavalo de Pau.

Foi inaugurada em João Pessoa, no primeiro andar do Mag Shopping, uma loja da primeira franquia de produtos católicos do Brasil, o Espaço Católico Divino Amor. Na loja os clientes podem encontrar imagens, terços, bíblias, itens decorativos, livros de oração e estudo, velas e muito mais.



## Selic

Fixado em 22 de março de 2023

13,75%

## Sálário mínimo

R\$ 1.320

## Dólar \$ Comercial

+0,15%

R\$ 4,987

## Euro € Comercial

+0,07%

R\$ 5,496

## Libra £ Esterlina

+0,76%

R\$ 6,268

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2023 +0,71

Fevereiro/2023 +0,84

Janeiro/2023 +0,53

Dezembro/2022 +0,62

Novembro/2022 +0,41

## Ibovespa

104.431 pts

+1,47%



## MAIS VENDAS

# Cresce uso dos cartões de crédito no interior da PB

Modalidade de pagamento registrou aumento de 26,1% no ano passado

Thadeu Rodrigues  
thadeu.rodrigues@gmail.com

O crescimento do uso de cartões de pagamento é maior nas cidades do interior do que nas capitais, aponta relatório da Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (Abecs). No ano passado, houve alta de 26,1%, nas cidades do interior, em comparação com 2021. Já nas capitais brasileiras, o índice foi de 21,2%.

O tipo de cartão de pagamento mais utilizado é o de crédito, que corresponde a 63,4% dos R\$ 3,31 trilhões movimentados no país, em 2022. Nesta modalidade, o uso nas cidades do interior cresceu 31,5%, enquanto que nas capitais, o aumento foi de 25,4%. No débito, os índices foram de 24,3% e 6,8%, respectivamente. Já no cartão pré-pago, os desempenhos foram mais expressivos, com alta de 106,6%, nas cidades do interior, e de 69,7%, nas capitais.

Para o presidente da Câ-

mara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Patos, Oton Ferreira, a tendência de crescimento maior nas cidades do interior é justificada pelo acesso de novos consumidores aos cartões de pagamento, principalmente no crédito, que permite o pagamento posterior, fator que potencializa a possibilidade de compras mesmo para quem não tem dinheiro imediato.

“O cartão de crédito facilita a vida do consumidor do varejo e do atacado. Muitas empresas ainda trabalham com boletos internos nas cidades pequenas, mas a facilidade de acesso ao cartão, até mesmo porque muitos chegam em nossas casas sem pedirmos, facilita o aumento do número de usuários”, comenta Oton Ferreira.

A necessidade de acesso a bens de serviços de maior valor agregado, como eletrodomésticos e eletroeletrônicos, faz com que o consumidor recorra ao parcelamento dos cartões de crédito. “Muita gente não tem condição de pagar à vista ou em poucas

prestações do crediário da loja, mas, se o valor da prestação cabe no orçamento, o consumidor faz a compra”, pontua Oton Ferreira.

O presidente da CDL de Campina Grande, Eliezio Bezerra, destaca que a inadimplência do país faz com que os lojistas façam adesão aos cartões de crédito para evitar prejudicar o caixa das empresas. “Ainda há muitas lojas que praticam apenas o crediário. Há lojistas que gostam porque fidelizam o cliente, mas há outros que, temendo a falta de pagamento do consumidor, preferem o pagamento no cartão de crédito”.

De acordo com o dirigente, a possibilidade de crescimento do mercado de cartões de pagamento é muito grande. A utilização do PIX também está em tendência de alta, segundo Eliezio Bezerra. “O PIX é usado por quem tem dinheiro na conta e não quer sacar. Só substitui o dinheiro, o cartão não”, frisa.

A advogada Laryssa Gomes, natural de Coremas, reforça que ainda vigora a in-

“

Muita gente não tem condição de pagar à vista, mas, se o valor da prestação cabe no orçamento, o consumidor faz a compra

Oton Ferreira

formalidade dos meios de pagamento em sua cidade. “Depende dos costumes locais. Ainda há lojistas que confiam no cliente e fazem aquela anotação da compra, inclusive parcelada, abatendo as parcelas conforme o pagamento é feito. Contudo, desde a pandemia de Covid-19, tenho percebido o uso maior do cartão de crédito e do PIX”.

## Consumidor aderiu às facilidades na compra

O presidente do Conselho Regional de Economia na Paraíba (Corecon-PB), Celso Manguiera, afirma que a chegada de grandes redes do varejo nas cidades do interior, a exemplo de farmácias e lojas de eletrodomésticos, popularizam e estimulam o uso do cartão de crédito pelos consumidores pela facilidade de pagamento. Mas os empresários locais também contribuem com as mudanças de hábitos.

Na cidade de Brejo do Cruz, o empresário Fábio de Sousa Melo, que atua no varejo e no varejo ampliado, recorda que a possibilidade de pagamento com cartão de crédito na cidade começou no posto de combustíveis de seu pai, no ano de 2005 ou 2006, mas não havia demanda. A aceitação dos consumidores aumentou quando ele e o pai abriram uma pizzaria, em 2009.

“As vendas para pagamento com cartão de crédito só vieram estourar de 2017 para cá. Hoje, vendemos mais no cartão do que no dinheiro. Acredito que a possibilidade de parcelamento é o grande diferencial para essa escolha pelo consumidor”, opina o empresário.

Ele encerrou as atividades do posto de combustíveis, mas montou uma concessionária de veículos e uma loja de peças de motos e bicicletas. A esposa tem uma loja de confecções e o filho, de telefonia. Para cada perfil de negócio,

há uma quantidade diferente do número de parcelamentos das compras.

“Na loja de peças, parcelamos em até seis vezes. Já na de confecções, o limite é 10. Na loja do meu filho, em que os produtos têm maior valor agregado, dividimos em até 21 vezes. Tudo isto é feito a partir de negociações com as operadoras dos cartões”, explica Fábio de Sousa.

### Via internet

O relatório da Abecs aponta um crescimento de 22,8% no uso dos meios eletrônicos de pagamento pela internet e outros canais remotos, passando de R\$ 570 bilhões, em 2021, para R\$ 700 bilhões, em 2022. O grande mercado é o de cartão de crédito, que movimentou R\$ 679,5 bilhões e cresceu 23,5%. As operações remotas com débito somaram R\$ 10,7 bilhões e recuaram 20,6%. O uso de cartão pré-pago representou R\$ 9,3 bilhões, com crescimento de 52,2%.

O brasileiro está escolhendo mais praticidade ao pagar suas compras. O volume movimentado pelas compras realizadas com cartões e outros dispositivos por aproximação cresceram 187,8% em 2022, em comparação com o ano anterior. Os números pularam de R\$ 198,9 bilhões para R\$ 572,4 bilhões, respectivamente.

O pagamento com cartão



Fábio de Sousa não dispensa as vendas no cartão

de crédito somou R\$ 316,2 bilhões (alta de 184,5%), enquanto que no débito as operações com aproximação movimentaram R\$ 155,5 bilhões (168%). Quanto ao cartão pré-pago, a Abecs registrou R\$ 100,6 bilhões (238,4%).

Os consumidores realizaram, em média, 30 milhões de pagamentos por aproximação ao dia, no ano passado, o que corresponde a 11,1 bilhões de operações. A quantidade total de compras cresceu 185,6%

em relação a 2021. O valor do ticket médio varia conforme a modalidade pagamento: R\$ 70,9 no crédito, R\$ 42,7 no débito e R\$ 32,7 no pré-pago.

Em dezembro de 2022, a quantidade de compras com cartões e outros dispositivos por aproximação representou 40,4% do total de pagamentos realizados presencialmente. No fim de 2020, a participação era de 5%, o que demonstra a rápida popularização da modalidade.

## Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca  
amadeujr@gmail.com | Colaborador

## Por que é hora de repensar a estrutura da sua empresa?

Nos últimos anos, a reestruturação empresarial tem se tornado cada vez mais comum, principalmente em momentos de baixo crescimento econômico. Dados do Mapa de Empresas, desenvolvido pelo Governo Federal, apontaram um aumento de 19,8% no número de empresas fechadas no Brasil em 2022, passando de 1,4 milhão em 2021 para 1,7 milhão no ano passado.

Outros estudos recentes apontam para uma queda na confiança do comércio e do consumidor. Em março, um estudo da FGV indicou que a confiança do comércio registrou queda, o que pode afetar diretamente as vendas das empresas. Já em abril, a confiança do consumidor também recuou, indicando que os consumidores estão mais cautelosos em relação aos seus gastos. Esses fatores, aliados à concorrência acirrada e às mudanças no comportamento do consumidor, podem dificultar a sobrevivência de algumas empresas.

Além disso, a previsão de um mercado com inflação alta e crescimento econômico reduzido, com um PIB estimado em apenas 1% e taxas de juros elevadas, pode gerar mais incertezas, afetando o poder de compra da população. Sendo assim, é essencial que as empresas estejam preparadas para enfrentar os desafios desse cenário e garantir sua continuidade e competitividade.

Diante desse cenário, para enfrentar esses desafios, as empresas precisam adaptar-se rapidamente às mudanças e repensar sua estrutura organizacional, envolvendo uma série de mudanças na estrutura financeira, operacional e organizacional. Alguns setores podem ser considerados mais resilientes do que outros, como saúde, alimentos e tecnologia. Já outros setores podem ser mais vulneráveis em momentos de baixo crescimento, como construção civil, varejo, turismo e lazer.

Dentre as estratégias mais comuns para a reestruturação empresarial, a redução de custos pode ser uma opção viável. Isso pode envolver desde a redução de gastos com pessoal até a revisão de contratos com fornecedores e prestadores de serviços. Outra estratégia é a diversificação de negócios e mercados, buscando reduzir a dependência de um único produto ou serviço.

No entanto, a reestruturação empresarial não é uma solução mágica para todos os problemas enfrentados pelas empresas. É um processo complexo que exige atenção, planejamento e ações precisas para obter resultados significativos. Um dos maiores desafios é a resistência interna, tanto dos colaboradores quanto dos gestores. Por isso, é fundamental que a empresa conte com uma consultoria especializada em reestruturação empresarial para fornecer suporte e conhecimento necessário para conduzir esse processo.

Por fim, em momentos de baixo crescimento econômico, é comum que as pessoas reduzam seus gastos, o que pode afetar negócios, especialmente àqueles que vendem produtos considerados não essenciais. A concorrência acirrada e as mudanças no comportamento do consumidor também podem dificultar a sobrevivência de algumas empresas. Portanto, é fundamental que as empresas estejam preparadas para enfrentar esses desafios e adotem as medidas necessárias para garantir sua continuidade e competitividade no mercado.



## ROMPENDO BARREIRAS

## Mulheres lideram no setor cervejeiro

Empresas com comando feminino têm conquistado o consumidor mais exigente e se destacado internacionalmente

Bruna Klingspiegel  
Agência Estado

“Não é uma cervejaria para mulher. É só cerveja”, diz Luiza Tolosa, dona da cervejaria Dádiva, eleita por dois anos consecutivos (2019/20) como a melhor do Brasil, segundo o site Rate Beer. Apesar de minoria no mercado cervejeiro, mulheres como ela têm conquistado os consumidores mais exigentes e se destacado internacionalmente com criatividade, ativismo e qualidade.

Enquanto a Dádiva usa

“

**Tem muita gente que não faz ideia de como as mulheres estão presentes nesse segmento. Ainda há muito espaço para crescer**

Gilberto Tarantino

rótulos como ferramenta para chamar a atenção ao combate à desigualdade de gênero, a niteroiense Noi diversifica e expande os negócios da família. Já a Japas Cervejaria traz a identidade nipo-brasileira para as cervejas artesanais, o que levou quatro amigas a se destacarem no mercado americano com produção de cervejas únicas em Nova York.

Em comum, as empresas fazem parte da pequena parcela de 11% de cervejarias artesanais comandadas por mulheres, segun-

do pesquisa do DataSebrae em parceria com a Associação Brasileira de Cervejarias Artesanais (Abracerva). As empreendedoras reconhecem evolução no mercado, com um número cada vez maior de mulheres na produção da bebida, mas apontam a necessidade de acelerar ainda mais esse movimento.

A partir de sua vivência no mercado cervejeiro, com mais de 15 anos de atuação, Bárbara Buzin, diretora da cervejaria Noi, relata que a presença feminina em cursos no setor, por exemplo,

era extremamente limitada, chegando a ter apenas duas mulheres para cada 48 homens. No entanto, nos últimos anos, ela tem notado uma mudança significativa nesse cenário, com salas de aula apresentando uma presença feminina de até 50%.

“Se as pessoas nos veem nos eventos, a gente ‘tá’ ali trocando o barril, carregando gás. Nossa presença vai trazendo normalidade para o assunto. Estamos começando a chegar a esse lugar que também é nosso por direito”, afirma.

Segundo o presidente da Abracerva, Gilberto Tarantino, a conscientização é um trabalho de educação constante. Ele destaca a importância de colocar cada vez mais mulheres no mercado de trabalho, mas ressalta que é preciso trabalhar de maneira organizada, capacitando profissionais para sobreviver financeiramente a longo prazo. “Tem muita gente que não faz ideia de como as mulheres estão presentes nesse segmento. Ainda há muito espaço para crescer no mercado.”



Foto: Freepik

Com criatividade e inovação na utilização de matérias-primas, as cervejarias lideradas por mulheres ocupam cada vez mais posições de destaque no mercado

## Preconceito é vencido com capacidade

Com mais de 75 prêmios nacionais e internacionais, a Noi é gerenciada por três mulheres: as irmãs Bárbara e Bianca Buzin e Beatrice Signor, que desde pequenas trabalhavam juntas nos negócios gastronômicos que pertenciam à família. Formadas em administração, as três receberam a responsabilidade de cuidar da cervejaria criada pelo pai das irmãs, um ano após a fundação, em 2008.

Na linha de frente da produção e há 15 anos no mercado, Bárbara viu uma evolução muito grande em relação à presença das mulheres no setor, mas relata que ainda é subestimada e questionada sobre sua capacidade e conhecimento. “Eu vou aos eventos e as pessoas me questionam o tempo todo se sou a filha ou a esposa do dono. Preciso me impor o tempo todo, é uma mistura de desprezo e desrespeito”, conta.

Destaque no mercado nacional, Luiza Tolosa compartilha do mesmo sentimento. A necessidade de provar sua experiência e conhecimentos é constante tanto no contato com o público como no contato com outros cervejeiros. “Preciso apresentar meu currículo antes de falar”, diz a

empreendedora com experiência no mundo corporativo e no mercado financeiro. “O mercado quer nos rotular de uma coisa ou outra, mas a gente sempre quis fazer uma cerveja que atendesse públicos diferentes. Cerveja não tem gênero e é isso que queremos passar”, diz Luiza.

## Transformação

Antes, quando se falava em cervejas artesanais, a primeira imagem que vinha à mente das pessoas era a de homens barbudos segurando garrafas com rótulos pretos, decorados com caveiras, dragões, animais assustadores e outros símbolos tipicamente masculinos. No entanto, cervejarias como a Dádiva e a Japas transformaram essa bebida em uma ferramenta de ativismo e em uma maneira de promover discussões sérias por meio da identidade visual.

Em 2021, por exemplo, a Dádiva lançou a cerveja 3/4 que apresenta a desigualdade salarial entre homens e mulheres. A cerveja foi embalada em duas latas diferentes: uma com 473 ml, representando o salário dos homens, e outra com 350 ml, representando o rendimento das mulheres. Para

Luiza Tolosa, é importante utilizar esse espaço para colocar o dedo em algumas feridas e levar os valores da marca de forma prática e direta.

“O ativismo é importante, mas precisa ter um lastro. Colocamos nas latas os valores que estão enraizados na empresa, que estão no dia a dia do negócio”, diz.

No caso da Japas, cervejaria nipo-brasileira e criada por quatro mulheres, os rótulos também funcionam como uma expressão da identidade da marca e das sócias. O Japão, que é uma cultura supertradicional, explica a diretora Yumi Shimada. Possivelmente, diz ela, para eles é muito diferente saberem que existem quatro mulheres por trás de uma marca de cerveja.

No Brasil, surpreende que sejam quatro mulheres descendentes de japoneses por trás da mesma empresa. “A gente levanta discussões só de existir, mas também tentamos imprimir isso nas nossas cervejas e nos nossos rótulos”, diz Shimada. “Cada bebida tem sua história, relembramos os antepassados, celebramos nossa identidade e olhamos para o futuro.”

## Autenticidade: o grande diferencial

Quatro mulheres nipo-brasileiras - Maíra Kimura, Yumi Shimada, Fernanda Ueno e Tânia Matsuoka - se uniram graças à paixão pela cerveja para fundar a Cervejaria Japas.

Além da produção das bebidas, elas também criaram uma marca de roupas e acessórios chamada Arigatou by Japas e a Kurafato, uma feira de produtos artesanais nipo-brasileira contemporânea.

“A marca fala muito sobre nós. Desde os ingredientes até a identidade visual é tudo sobre nós, nossa história”, diz Kimura.

Com a cerveja, a marca alçou voos mais altos. O conhecimento multidisciplinar da equipe - algumas das sócias são mes-

tres cervejeiras, *sommeliers* e/ou publicitárias - deu às donas um olhar 360º do negócio que logo se tornou um diferencial competitivo.

Em pouco tempo, a Japas se tornou uma marca forte possibilitando que ela vislumbresse espaço em um dos mercados mais competitivos de cerveja artesanal do mundo: os Estados Unidos.

Ao incorporarem sua identidade cultural, elas desenvolveram cervejas únicas que combinam elementos da cultura japonesa e brasileira, como o wasabi e a jabuticaba. O estranhamento positivo do mercado americano, explica Fernanda, fez com que a cervejaria se destacasse.

“Não é só mais uma marca fazendo *pilsen*, *ipa* e *sour*. A gente também faz isso, mas colocar nosso lado autoral transparece para o mercado. Tem muita autenticidade no que a gente tá fazendo”, explica.

Todas as cervejas produzidas no Brasil, também são produzidas nos EUA desde 2019, explica Uono. Com um mercado muito mais maduro, hoje em dia a venda das bebidas no país americano é maior do que aqui no país.

Para se ter uma ideia, as vendas no país são quase oito vezes o volume que vendem aqui. A previsão é que a companhia também chegue à Europa e à Ásia, com produtos iguais ou mais semelhantes aos produzidos no Brasil.

A diversidade dos ingredientes e a qualidade da bebida também levou as cervejas produzidas pela Dádiva para a Europa. Desde 2018 comercializando seus produtos, durante o período de 2019 a 2022, houve um aumento significativo no envio das cervejas para países como Holanda, Dinamarca, Suécia, Suíça, Bélgica, França, Finlândia, Luxemburgo, dentre outros.

Esse volume de envio triplicou nesse período. Entre os rótulos mais buscados estão as cervejas com ingredientes típicos brasileiros como castanha de baru, baunilha do cerrado e cumaru, goiaba e maracujá.

No segundo semestre de 2022, Luiza Tolosa explica que ocorreu uma interrupção causada pelos impactos da Guerra da Ucrânia. Como resultado, estão sendo traçadas novas estratégias e novas rotas para este ano.

■ Marcas incorporam identidade cultural nos rótulos e nos ingredientes, conseguindo aceitação do consumidor internacional



## ROBÓTICA

# Abertas inscrições para olimpíada

Evento gratuito é destinado aos estudantes de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental, Médio ou Técnico

Márcia Elisabeth Dementshuk  
marcia.imprensa@sec.pb.gov.br

As inscrições para a Olimpíada Brasileira de Robótica estão abertas até 20 de maio de 2023, no site obr.org.br. O evento gratuito destinado a todos os estudantes de escola pública ou privada do Ensino Fundamental, Médio ou Técnico no território nacional, e tem o objetivo estimular os jovens às carreiras científico-tecnológicas, identificar talentos e promover atualizações no processo de ensino-aprendizagem brasileiro.

O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, integra a comissão de organização da etapa Nacional e realiza a etapa estadual da Olimpíada de forma presencial em parceria com a Secretaria de Estado da Educação e Prefeitura de João Pessoa.

A competição é realizada, em modalidade Prática e Teórica, conforme destaca o site da OBR: A Modalidade Prática acontece através de competi-

ções Regionais e Estaduais que classificam as equipes de estudantes para uma final Nacional. Os estudantes ficam sob orientação de seus professores e cientistas.

A Modalidade Teórica acontece nas escolas dos estudantes e em sedes regionais onde os estudantes responderão questões de uma prova escrita.

Para auxiliar os interessados em participar, a organização da OBR está realizando Ciclo de lives no canal oficial do YouTube com explicações detalhadas para tirar as dúvidas nos dias: 4 de maio - Modalidade Apresentação; dia 9 de maio - Modalidade Teórica; dia 11 - Simulação e dia 16 - modalidade Prática Presencial.

A etapa estadual na Paraíba será realizada dos dias 28 a 31 de agosto, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa. O primeiro lugar do nível um e do nível dois irão competir na etapa Nacional que neste ano será realizada no Centro de Convenções em Salvador (BA) de 2 a 12 de outubro.



Etapa estadual na Paraíba será realizada nos dias 28 e 31 de agosto no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa

## Evento é experiência com uma nova perspectiva de vida

Uma constante da Olimpíada Brasileira de Robótica é abrir as mentes dos adolescentes que participam do evento. Muitos saem da experiência com uma nova perspectiva de vida, decididos a seguir uma carreira na área da tecnologia. Israel Ferreira, de 17 anos, já pensa assim. Morador de Mandacaru e aluno da ECIT Pedro Anísio, no Bairro dos Ipês, ele cursa atualmente o 3º ano do Ensino Médio e participou de sua primeira OBR no ano passado.

“O professor Crismarkes Ferreira apresentou essa ideia na escola. Sempre fui interessado por essa área de tecnologia, robótica e programação. Mas não mexia muito com isso porque não tinha recursos”, diz Israel. “A partir desse momento, em que fomos desenvolver os robôs, até o momento do campeonato, me gerou um interesse muito maior do que eu já tinha antes”. O adolescente já está se preparando para se inscrever e participar da próxima edição da OBR. “De todas as competições que aparecerem pela frente tenho interesse em participar”, diz.

Ele repete em parte os passos de Alyson Avelino Ribeiro, de 20 anos, que participou de quatro edições da Olimpíada Brasileira de Robótica de 2016 a 2019. Primeiro, no Ensino Fundamental, pela Escola Municipal Afonso Pereira, e depois no Ensino Médio, pela ECIT Mestre Sivuca, ambas em Mangabeira. “A OBR mudou a minha vida de uma forma extraordinária desde a primeira vez que participei dela. Mudou minha maneira de ver a tecnologia. Antes, eu não tinha acesso. Nem celular eu tinha. O meu interesse, a partir daí, foi espontâneo e imediato. E minha visão sobre tecnologia mudou completamente”.

Com o Ensino Médio concluído e planejando ingressar

em uma universidade na área de tecnologia, Alyson hoje trabalha no setor como funcionário de uma multinacional de eletrodomésticos.

João Victor dos Santos Ferreira participou cinco vezes da OBR, em 2016 e 2017, pela Escola Municipal Afonso Pereira, e em 2018, 2019 e 2022 pela ECIT Mestre Sivuca. “Minha relação com a robótica era muito pequena. Não me interessava por tecnologia antes de conhecer a OBR. Depois da Olimpíada, minha relação mudou completamente em relação à tecnologia e à robótica”. Com 19 anos, João também já concluiu o Ensino Médio. “Agora quero fazer universidade na área de tecnologia”, diz. Mas ele quer ir mais longe. “Com certeza penso em trabalhar na área, até mesmo como professor de robótica, para poder ensinar tudo o que eu aprendi”.

A caminho de mais uma OBR, Israel Ferreira também pretende seguir profissionalmente por este caminho. “Na OBR, eu vi um mundo de possibilidades, de carreira, de emprego, vi que eu poderia ir muito longe ali. Eu pensava em fazer direito, mas depois que conheci a programação

e a robótica, minha concepção mudou completamente. Quem participa da OBR e tiver um mínimo de interesse vai despertar para um novo mundo, assim como aconteceu comigo”, falou Israel.

### Cultura tecnológica

Durante a pandemia de covid-19 um hospital privado, na Paraíba, utilizou um robô que interagia com o paciente, com a equipe médica local e com médicos de outros lugares do mundo. O equipamento reduzia o risco de infecção e proporcionava maior capacidade de recuperação do paciente. Também na indústria, fábricas, nos domicílios e até nas salas de aula, o uso da robótica se expande. Para os estudantes a robótica é um desafio saudável e proporciona a formação de uma cultura tecnológica. A prática, no Brasil, é estimulada por olimpíada científica, a Olimpíada Brasileira de Robótica, que está com as inscrições abertas para as atividades de 2023.

Fábricas e indústrias usam robôs para tarefas repetitivas, de força; tarefas que requerem precisão, como cirurgias médicas. E em casa, os robôs

aspiradores se tornam mais comuns, bem como os assistentes pessoais virtuais que respondem aos comandos por voz ou programação.

Hoje, a robótica é objeto de estudo em áreas como a computação, aeroespacial, mecânica, automação, elétrica, entre outros. “A robótica e a automação são áreas estratégicas para o País e tendem a estar entre as 10 maiores áreas de pesquisa da próxima década”, argumenta o representante da OBR na Paraíba, Fagner Ribeiro.

O interessante é que o princípio das tecnologias complexas usadas na robótica pode ser aprendido na escola, com metodologias simplificadas e adaptadas. O estudante aprende a lógica e a mecânica envolvidas.

A robótica em sala de aula é uma diversificação da aprendizagem. “A robótica é uma tecnologia emergente e tem se tornado elemento praticamente obrigatório nas escolas modernas devido à sua possibilidade de atuação em diversas dimensões.

É útil como ferramenta em variadas disciplinas pedagógicas como Matemática, Por-

tuuguês, História, etc. Trabalha com o raciocínio lógico dos alunos, o trabalho em equipe, trabalho artístico, entre outros”, explica Fagner Ribeiro.

Pela experiência, Fagner observa que os alunos se envolvem na atividade quando é algo significativo para eles e aprendem com mais interesse. Eles montam e progra-

mam um robô e isso desperta a curiosidade.

Como resultado, centenas de estudantes da Paraíba e de todo o Brasil se reúnem na OBR, que motiva o desenvolvimento de robôs executando tarefas sincronizadas, como faria um equipamento em uma fábrica ou um robô aspirador.



Estudantes são estimulados a ampliar os conhecimentos e desenvolver projetos de pesquisas

### INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 0911834-9, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 28/05/18, registrado na matrícula nº. 165.720, deste cartório, referente ao imóvel: RUA PEDRO HENRIQUE ARAUJO, 89, APT 102, MANGABEIRA, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). JOSE HENRIQUE DA SILVA, portador do CPF nº 082.350.344-50, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 22.801,96, posicionado em 29/03/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª identificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – BANCO BRADESCO S/A – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitel, João Pessoa-PB, 6 de abril de 2023.

### MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE

Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

### INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 9064419-0, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 07/06/21, registrado na matrícula nº. 178.009, deste cartório, referente ao imóvel: RUA GUATEMALA, 64, CASA 66, DAS INDUSTRIAS, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). MANOEL MESSIAS TERTULIANO DA SILVA, portador do CPF nº 701.337.184-09, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 10.144,85, posicionado em 01/02/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª identificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – BANCO BRADESCO S/A – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitel, João Pessoa-PB, 6 de abril de 2023.

### MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE

Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

### EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

Dra. NELY SANTIAGO PEREIRA FEITOSA, tabeliã substituta do cartório de registro de imóveis desta cidade, seguindo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pelo credor, BANCO BRADESCO S/A contrato de alienação fiduciária nº 9011531-6 firmado em 01.08.2019, registrado sob nº R-03 da matrícula 12.461 deste cartório, referente ao imóvel situado a Rua Projetada 13, nº 187, Casa 01- Loteamento Aeroporto, nesta cidade. Com saldo devedor de responsabilidade de Vossa Senhoria, EDSON FAUSTINO OLINTO CPF nº 028.142.114-55 e a Sra. FLÁVIA MAINE GOMES OLINTO nº 051.354.034-26, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, corresponde a R\$ 19.852,41, com as parcelas de 20.12.2021 a 23.03.2023 em atraso sujeitas a atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período.

Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este cartório de Registro de Imóveis CNPJ 08.607.103/0001-26, situado na Av. Liberdade nº 3435 centro, CEP: 58110-160 nesta cidade, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria identificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – BANCO BRADESCO S/A – nos termos do Art. 26 § 7º da Lei 9.514/97.

BAYEUX 23.03.2023

NELY SANTIAGO PEREIRA FEITOSA

TABELIÃ SUBSTITUTA



## BERÇO DA CIDADE

# Bica: reserva de Mata Atlântica

Parque tem, aproximadamente, 25 hectares de extensão, reunindo diversidade de fauna, flora e história da cidade

Lucilene Meireles  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A biodiversidade da Mata Atlântica é essencial para manter o equilíbrio ambiental e a qualidade de vida da população. No entanto, mesmo sendo uma das mais ricas florestas do mundo, está também entre as mais ameaçadas. Em João Pessoa, o Parque Zoológico Arruda Câmara (Bica), com seus 25 hectares, é uma reserva desse bioma no coração da área urbana e, por sua importância, coleciona, desde 2021, o título de Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (PARBMA), concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A criação desses postos busca proteger e conservar a floresta e seus ecossistemas.

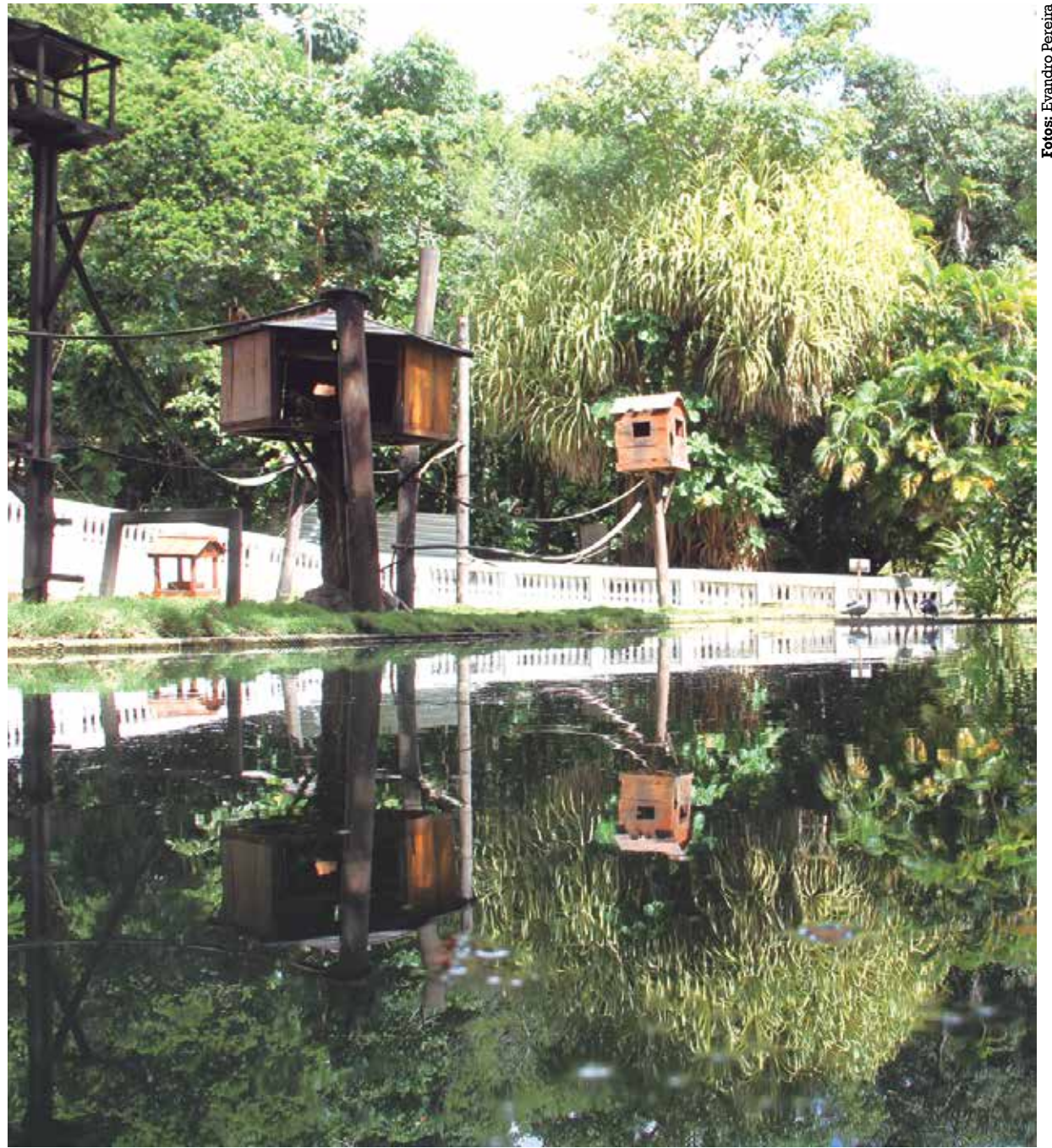
Conquistar esse título dá mais destaque para a preservação da biodiversidade, já que ele reconhece o esforço e o comprometimento do parque com a conservação ambiental e incentiva ações para a proteção da Mata Atlântica em toda a região. A Bica, que chegou aos 100 anos em dezembro de 2022, conquistou o título por meio da Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam).

O diretor do Parque, Rodrigo Fagundes, observa que o título vem para corroborar com o trabalho de preservação que vem sendo feito no local. “E nos deu o maior orgulho. Nós fizemos um levantamento es-

critado e realizamos a defesa em Fortaleza (CE). Já existia uma bancada lá com todos os outros integrantes da reserva da biosfera e fomos acolhidos por unanimidade como reserva da biosfera a integrar esse grupo. A Bica foi indicada como Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e o trabalho foi feito junto com biólogos e técnicos do zoológico”, conta.

Thiago Oliveira, biólogo e chefe da Divisão de Herbário e Orquidário da Bica, lembra que o título foi pleiteado por muitos anos. “Até então, a Bica não era vista como uma reserva de Mata Atlântica, apesar de termos 25 hectares dessa floresta preservada. Foi uma grande conquista. Hoje o Parque é, oficialmente, uma das reservas da Mata Atlântica”, comemora.

Por isso, é preciso preservar, mantendo a floresta para as próximas gerações. “As reservas de Mata Atlântica que não forem protegidas por lei de alguma forma, a tendência é, pela ação do homem, irem se deteriorando porque, infelizmente, nem todos têm a consciência ambiental”, diz. “A Bica está no cenário internacional porque essa Reserva da Biosfera trata exatamente de pontos de visita não só no Brasil, mas no mundo. Se alguém da Europa, Estados Unidos quiser visitar uma reserva da biosfera aqui no Brasil, a Bica vai estar catalogada para ser visitada, e é a única da Paraíba”, ressalta.



Fotos: Evandro Pereira

Área abriga animais em cativeiro por terem sido reabilitados de maus-tratos e uma diversidade de fauna e flora

## Muda lunar foi cultivada em órbita na expedição da Apolo 14

A muda lunar é uma sequóia *sempervirens*. É o único gênero de sequóia no mundo e se chama lunar porque foi cultivada em órbita, inclusive está bem à mostra no parque, ganhou uma estrutura especial. Em breve, inclusive, haverá um totem ao lado dela com todas as informações sobre o vegetal. Trata-se de uma raridade.

O biólogo Thiago Oliveira explica que ela não foi germinada na Terra. “Foi em órbita durante uma viagem à lua, na expedição da Apolo 14 e, por isso, é tão especial. Ela chega a medir em média de 50 a 85 metros e atinge de cinco a sete metros de diâmetro. Além de ser uma sequóia, que é uma das maiores ár-

vores do planeta, chega, em condições normais, a viver de 1.500 a 2 mil anos”, relata. A árvore pode atingir de 60 a 70 metros de altura. A muda foi doada à Semam pelo prefeito de Santa Rosa (RS), Anderson Mantei, durante o XII Fórum Gaúcho de Arborização, em outubro de 2022.

Além da muda lunar, das árvores nativas da Mata Atlântica, há as gameliras que pertencem ao bioma e ocorrem muito na Amazônia. Também há plantas típicas do cerrado, a exemplo do ipê amarelo. Na Bica, existe uma espécie de cedro com uma folha muito diferente e uma flor belíssima, segundo o biólogo.

O parque abriga diversas espécies como as palmeiras centenárias.

As que estão em frente à administração têm a idade do parque. “São dez palmeiras imperiais centenárias que estão saudáveis mesmo estando num mesmo canteiro. Em condições normais, são plantadas de forma bem afastada. O que é impressionante é que, apesar de usarem o mesmo nutriente, todas se desenvolveram bem num pequeno espaço”.

Pela reserva é possível encontrar as palmeiras azuis, de alta importância paisagística. Conforme o biólogo, são bastante duráveis. As do parque têm décadas. Há árvores como os ipês amarelo, rosa e poucas mudas do roxo, que é mais raro.

Outra planta é a geniparana, nome indígena, do Tupi-guarani, que quer

dizer “árvore semelhante ao jenipapo”, da espécie *Gustavia augusta*. Ela dá um fruto lenhoso com uma cápsula que serve como alimento para animais de vida livre da Bica. Thiago lembra uma das importâncias das plantas: além de ser abrigo, fornecem alimento.

Pelo espaço é possível encontrar oitizeiros, muito atraentes para os animais de vida livre, que comem de tudo. Por lá, pode ser encontrado o jacarandá mimoso, que tem uma florzinha roxa, comum no Cerrado. Não somente no Orquidário, as orquídeas estão espalhadas pelo parque e, de acordo com ele, quando ocorrem em ambientes naturais, são indicadores de qualidade desse ambiente, inclusive da qualidade do ar.

Além de ser uma importante reserva de Mata Atlântica, há um zoológico inserido nela com cerca de 400 animais. Todos são oriundos do Ibama, frutos de apreensões, maus-tratos e de contrabando de animais silvestres. Eles passam por uma triagem e são destinados aos zoológicos que têm maior capacidade de recebê-los. Isso é feito porque esses animais não têm mais capacidade de voltar à natureza.

### Importância histórica

Antes da inauguração do parque, há um século, a Fonte do Tambaí, que compõe o espaço e está em reforma, já abastecia a população de João Pessoa, na época dos índios tabajaras e potiguaras na região. “Praticamente, a cidade nasceu aqui. Nós vemos o Porto do Capim e o nosso Centro Histórico. A Bica está no centro e é o pulmão verde de João Pessoa com aproximadamente 25 hectares de Mata Atlântica muito bem preservada com pau-brasil, ipê amarelo, roxo e várias outras espécies”.

Além dos animais em cativeiro, a Bica possui uma fauna nativa que vive solta, a exemplo de bicho-preguiça, cotia, saguis, lagartos, cobras, além do jacaré de papo-amarelo. É um ambiente propício para o desenvolvimento desses animais. “E não tem perigo em relação aos jacarés porque eles vivem no leito do rio que corta o parque”, garante o diretor.

Para manter o parque preservado, é feito um trabalho ativo e participativo. O visitante é orientado a não dar comida aos animais porque eles têm dieta apropriada. Os visitantes também são orientados a não jogar lixo no espaço porque é uma reserva de preservação. “Apesar de todos os avanços na parte educacional envolvendo os visitantes, sempre tem alguém que joga um lixo aqui ou ali”, diz. Existem coletores de resíduos distribuídos por todo o local.



Muda lunar é uma sequóia, que foi cultivada em órbita durante uma viagem à lua na expedição da Apolo 14



“**A Bica está no Centro e é o pulmão verde de João Pessoa, com 25 hectares de Mata Atlântica muito bem preservada**”

Rodrigo Fagundes





Foto: Samy Oliveira/Campinense

O Botafogo vai para a sua décima participação no Campeonato Brasileiro da Série C, enquanto o Campinense, rebaixado no ano passado, vai tentar o retorno à terceira divisão

## BRASILEIRO

# Paraíba pronta para entrar na disputa

Botafogo, Campinense, Nacional de Patos e Sousa em contagem regressiva para a estreia na competição nacional

Fabiano Sousa  
fabianopgool@gmail

Nesta semana, os quatro representantes do futebol paraibano no Campeonato da Brasileiro das Séries C e D entrarão em campo pela estreia na competição nacional. Na Série C, o Botafogo joga como mandante e recebe o Operário-PR, em João Pessoa, na próxima quinta-feira. Pela Série D, apenas o Nacional joga como mandante contra o Potiguar-RN, no dia 7 de maio. Já o Sousa, que enfrenta o Globo-RN, em Ceará Mirim-RN, atua também no dia 7. Antes, o Campinense estreia no dia 6 como visitante contra Pacajus-CE.

Juntas as equipes acumulam um total de 331 partidas na competição. O Botafogo é, entre as quatro equipes, a que tem o maior número de jogos. Pela Série C, o Belo tem a marca de 173 partidas com um retrospecto de 57 vitórias, 65 empates e 51 derrotas. Nessa campanha o alvinegro acumula frustrações e chega à sua décima participação seguida em busca do acesso para a Série B.

Quando se fala em frustração, em se tratando do Botafogo, é inevitável não se falar em 2016 e 2018, quando o Belo caiu no mata-mata do acesso, na reta final da Série C quando a competição ainda era disputada em um formato diferente, sendo eliminado por Boa Esporte-MG e Botafogo-SP, respectivamente, em confrontos que foram marcados por gols nos acréscimos. Em 2012, já com o formato de quadrangular final, o clube chegou a última rodada com chances de classificação e mais uma vez amargou a frustração do “quase”.

Vivendo um processo de reformulação, após insucessos em três competições que disputou na temporada, Copa do Brasil, Copa do Nordeste e Campeonato Paraibano, respectivamente, o clube tenta construir uma nova história para, enfim, alcançar o tão sonhado acesso à segunda divisão do futebol nacional.

“Assumimos o clube e fizemos uma reformulação total no elenco, implantando uma filosofia de trabalho baseado numa cláusula con-

tratual com os atletas, que aumenta a multa rescisória em caso de saída para outros clubes. Em edições anteriores, vários dos atletas se destacavam e migravam para outras agre-

na história da competição.

O clube sabe que já entra pressionado na competição, pois terá de ficar entre os quatro melhores, entre todos os 64 clubes que disputam a



Foto: Jefferson Emmanuel/Sousa

No Marizão, muito trabalho visando mais uma participação na Série D

miações. A nossa ideia é manter o elenco até o fim da disputa da competição. Vamos em busca do acesso à Série B, mas neste momento, o primeiro planejamento é manter o clube na Série C”, disse Roberto Burity, presidente do Botafogo.

A 10ª saga do alvinegro em busca do acesso à Série B começa na próxima quinta-feira (4), quando o clube recebe o Operário-PR, a partir das 19h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa-PB. Será a primeira de outras 18 partidas que o clube terá para buscar a classificação na primeira fase da competição.

Na Série D, o Campinense vai marcar a sua 10ª participação na disputa da 4ª divisão do futebol nacional. Isso porque a Raposa acabou rebaixada por uma campanha melancólica pela disputa da Série C, em 2022. Quando entrar em campo no próximo sábado (6), contra o Pacajus-CE, na Região Metropolitana de Fortaleza-CE, o rubro-negro estará completado a sua 105ª partida

competição, para não ficar restrito apenas a disputa do Campeonato Paraibano, em 2024. Além do primeiro objetivo que é o acesso, o ru-

bro-negro tenta a façanha de superar a sua melhor campanha, para tanto, o clube terá que ficar no topo e conquistar o inédito título na Série D, já que acabou como vice-campeão na temporada de 2021.

“A Série D é uma competição longa, já temos uma experiência em disputá-la. Toda e qualquer competição que o Campinense vai disputar sempre entra pensando em conquistar o título. Nosso primeiro objetivo é a classificação na primeira fase e, consequentemente, traçar um caminho que nos leve até a fase final da competição. As nossas conquistas serão em torno da própria capacidade do elenco e não na pressão do acesso, em função da busca por calendário esportivo na próxima temporada”, comentou Rômulo Farias, diretor de futebol.

Pela primeira vez na história da competição, a Paraíba terá dois representantes do futebol sertanejo, Sousa e Nacional. Vice-campeão paraibano na temporada, o Sousa chega para a sua quinta disputa da Série D. Pela competição, o clube es-

teve 20 vitórias, 14 empates e 20 derrotas.

O alviverde tem ganhado experiência na disputa, tanto que na temporada passada somou 23 pontos em 16 partidas disputadas, terminando na 25ª colocação geral. Com metade do número de jogos que em 2022, o clube somou 12 pontos e, proporcionalmente, alcançou a sua melhor participação na temporada de 2017.

Para brigar por uma das quatro vagas no Grupo A3, a diretoria do Dinossaurus manteve a base do elenco que disputou o Estadual. Na campanha da temporada passada, o alviverde avançou à segunda fase de disputa, mas sucumbiu na fase mata-mata. Agora o desafio passa a ser o de superar a campanha passada e seguir firme na luta pelo acesso.

O Nacional está entre as quatro equipes que vão disputar a Série D pela primeira vez em sua história. Sem disputar uma competição nacional desde 2009, quando jogou a Copa do Brasil, o “Canário do Sertão” vive a expectativa pelo retorno, ao mesmo tempo que busca fazer uma boa campanha na disputa do torneio.

“Junto ao retorno na disputa de uma competição nacional, vem também a responsabilidade em fazer uma boa campanha logo na nossa primeira participação na competição. Teremos pela frente adversários fortes e tradicionais que já têm experiência no torneio. Apesar do desafio, o elenco sabe das qualidades, vamos tentar fazer uma boa campanha na primeira fase, para manter vivo o nosso desejo pelo acesso”, finalizou Ranieri Rodrigues, diretor de futebol do Nacional.

Pelas cotas de participações na disputada da 1ª fase, os clubes paraibanos vão receber R\$ 1,7 milhão. Na Série C, o Botafogo com R\$ 800 mil, enquanto na Série D, Campinense, Sousa e Nacional com 300 mil, cada. A premiação pode aumentar dependendo da campanha de cada clube, caso se classifique entre os oito melhores o Belo embolsará mais R\$ 240 mil, já Campinense, Sousa e Nacional terão mais R\$ 100 mil a cada fase que avançarem, podendo chegar a R\$ 700 mil até a última fase.



Foto: Eder\_fotografias/Nacional

Jogadores do Nacional acelerando ritmo para a estreia no Brasileiro da Série D

teve presente nas últimas três edições, consequentemente somando números que já chegam às marcas de 54 jogos, com um retrospecto de



## BIA, DO PALMEIRAS

# Irmão é inspiração para a artilheira

*Jogadora diz que Heitor, portador de Síndrome de Down, é a motivação maior para fazer história no futebol*

Agência Estado

Maior artilheira da história do Palmeiras, capitã, nome praticamente garantido na Copa do Mundo Feminina de 2023. Essa é Bia Zaneratto. Acostumada a chamar muita atenção pelos gols, assistências e tudo que faz dentro de campo, a atacante não esconde o que a motiva para, a cada dia e jogo, colocar cada vez mais seu nome na história da modalidade. A razão de tudo é seu irmão Heitor

“Minha relação com o Heitor é a melhor possível. Ele é um menino incrível e me inspira a ser melhor a cada dia. Penso em conquistar meus objetivos para dar orgulho a ele. Afinal, ele é uma grande inspiração para mim. Acredito que todas as pessoas que têm a oportunidade de conhecê-lo se apaixonam. Ele é uma criança muito feliz, que tem muito amor para dar. O Heitor nos ensina muito todos os dias e com certeza ele é minha maior inspiração e sempre que posso ter ele por perto é um momento especial para mim, como foi na final do Paulista. Costumo dizer que ele é meu campeão, portanto, minha relação com ele é de muito amor e eu tenho ele como minha inspiração”, explicou Bia.

Heitor é ‘figurinha carimbada’ nas redes sociais de Bia Zaneratto e do time feminino do Palmeiras. O jovem, que tem Síndrome de Down, sempre marca presença nas conquistas e nas comemorações da jogadora com a camisa do Palmeiras. Em 2022, Bia Zaneratto fez história com o time paulista ao ser a jogadora responsável por levantar o primeiro título de Libertadores feminina da história do clube e Heitor fez parte da festa. Na virada do ano para 2022, foi o irmão da atacante que, através das redes sociais do clube, confirmou a renovação de contrato da atleta com o time alviverde.

“Minha família é tudo para mim. É difícil mensurar a importância deles em palavras, mas eu diria que eles se mostram importantes quando a situação está complicada e penso que não sou capaz de fazer algo. É neste momento que vejo em minha família a força e a importância que eles têm em minha vida. Afinal, eles sempre estão me incentivando e me lembrando que sou capaz de fazer tudo que eu quiser e que posso contar com eles para isso. A minha decisão de permanecer no Brasil passou muito por essa minha proximidade com eles. Após ter ficado tanto tempo distante senti que era o momento de ficar um pouco mais próximo deles”, tentou explicar a jogadora.

Vale lembrar que, mesmo tendo começado a disputar campeonatos da categoria adulta muito cedo e tendo chegado na Seleção Brasileira aos 16 anos, Bia Zaneratto passou muitos anos de sua carreira atuando na Coreia do Sul e, por conta disso, acabou desconhecida de parte do grande público.



Ano passado, Bia colocou seu nome na história do Palmeiras ao conquistar o Campeonato Paulista, a Libertadores e chegar às semifinais do Brasileiro

## Copa

Em 2022 Bia Zaneratto colocou seu nome na história do Palmeiras. Após a retomada das atividades do departamento de futebol feminino, o time alviverde passou a se estruturar a cada ano e teve no último seu melhor ano da história. Na última temporada, a equipe alviverde foi campeã do Paulista, campeão da Libertadores e semifinalista do Brasileiro.

Não contente em entrar na história do clube “apenas” em 2022, Bia Zaneratto se tornou a maior artilheira do clube na atual temporada. Com 42 gols em 59 jogos com a camisa do Palmeiras, a Imperatriz, como a jogadora é chamada pela torcida da equipe, cravou o nome na história do clube.

“Poder fazer parte da história do Palmeiras é conseguir realizar meu sonho de criança. Me sinto muito feliz e honrada por tudo que conquistei e pelo carinho da torcida. Entretanto, sei que ainda posso contribuir muito para o clube e, com isso, conquistar ainda mais títulos e escrever cada vez mais meu nome no Palmeiras”, disse Zaneratto.

Com o nome já garantido na história do clube, Zaneratto busca o que pode ser o maior feito da história do futebol feminino brasileiro. Presente no grupo que esteve na Copa do Mundo de 2019, na França, a ata-

cante se consolidou como uma das atletas de confiança de Pia Sundhage desde a chegada da treinadora e, por conta disso, é vista como nome certo na lista de atletas para o Mundial deste ano, que será na Austrália e Nova Zelândia

Aos 29 anos e tendo 13 de Seleção Brasileira principal no curriculum, Zaneratto não esconde que sabe do momento que vive na equipe de Pia. Apesar de ter se machucado na última data Fifa, quando o Brasil empatou com a Inglaterra e venceu a Alemanha, a atacante sabe o que é possível para as brasileiras do outro lado do mundo.

“Nenhuma Copa do Mundo é fácil e sabemos disso. Por esse motivo, todas as atletas brasileiras estão se preparando muito em seus respectivos clubes e, claro, na Seleção Brasileira. Acredito que a Pia está montando um grupo forte e, com muito trabalho coletivo, conseguiremos coisas boas no Mundial. O torcedor pode esperar muita entrega em todos os aspectos do jogo de todas as atletas envolvidas na disputa. Acredito que, por algumas de nós estarmos mais experientes, poderemos alcançar resultados melhores que na última edição e buscar entrar para a história. Estamos trabalhando pra isso” finalizou a atacante.



A jogadora Bia com o irmão Heitor, o maior amor de sua vida e fonte de inspiração



CASO NA SUÍÇA

# Cuca diz que vai recorrer à Justiça

Técnico insiste que algumas pessoas estão distorcendo fatos ligados à sua condenação por envolvimento em crime sexual

Ricardo Magatti  
 Agência Estado

Um dia após deixar o Corinthians, o técnico Cuca se reuniu com seu advogado, Daniel Leon Bialski, para orientá-lo a mover um processo contra as pessoas que, na avaliação do treinador, distorceram fatos ligados à sua condenação por envolvimento em crime sexual com uma menina de 13 anos, em Berna, na Suíça. O caso aconteceu em 1987 e o profissional, então jogador do Grêmio, foi condenado em 1989. O Estadão publicou um compilação sobre o episódio.

A informação foi inicialmente divulgada pela Folha de S.Paulo e confirmada pelo Estadão, que conversou rapidamente com o advogado de Cuca.

"Quem distorceu sabe que distorceu. Quem passou do limite sabe o que fez", afirmou o advogado do técnico, que também é representado pela advogada Ana Beatriz Saguas. "Essas pessoas vão ser responsabilizadas na esfera civil e na criminal", completou Bialski.

São ao menos cinco pessoas que estão na mira do ex-treinador do Corinthians. O advogado recusou citar nomes. Revelou apenas que entre os alvos estão jornalistas. "[Serão processados] todos que de forma criminosamente distorceram a verdade, o caluniaram e difamaram".

Cuca afirmou, em comunicado oficial, antes de sua segunda e última partida à frente do Corinthians, que só se pronunciaria por meio de seus advogados. Depois de ver a equipe derrotar o Remo nos pênaltis e avançar às oitavas da Copa do Brasil, o técnico fez um breve pronunciamento, sem abrir para perguntas de jornalistas, para comunicar sua saída do clube. Foram seis dias entre o anúncio de que substituiria Fernando Lázaro e o fim de sua curta passagem.

Na entrevista coletiva, argumentou que decidiu atender aos pedidos de sua família para pedir demissão, facilitada pela ausência de uma multa rescisória em seu contrato. "Não era o que queria, foi um pedido de minha família. Agora estarei em casa, vou cuidar de vocês", disse o paraense.

Ele declarou ter vivido um "pesadelo" em poucos dias no comando do Corinthians pois enfrentou uma onda de protestos contra ele em razão da condenação no escândalo de Berna.

"Foi quase um massacre", definiu. "Eu estava muito concentrado para esta decisão. Os jogadores me emocionaram, os jogadores sentiram o que estava passando. Não quero ser vítima de nada, mas foi a pior coisa que se pode passar. Não esperava esta avalanche, coisas passadas há muito tempo, fui julgada e punido pela internet".

O treinador, de 59 anos, havia falado pouco sobre o caso antes de assumir o Corinthians e, então, o episódio ser reavivado com os protestos e manifestações em série, incluindo do elenco feminino do Corinthians e Adilson Monteiro Alves, pai de Duílio Monteiro Alves, presidente do clube.

“

**Eu estava no Grêmio há uns 20 dias. Tenho vaga lembrança de tudo que aconteceu. Na lembrança que tenho, tinha 23 anos, íamos jogar uma partida e pouco antes subiu uma menina para o quarto**

Cuca

O que já disse Cuca

Em sua coletiva de apresentação no Corinthians, Cuca declarou ser "totalmente inocente" e disse ter "vaga lembrança" do episódio. "Eu estava no Grêmio há uns 20 dias. Tenho vaga lembrança de tudo que aconteceu. Na lembrança que tenho, tinha 23 anos, íamos jogar uma partida e pouco antes subiu uma menina para o quarto. O quarto em que eu estava com mais três jogadores era duplo, tinha duas camas. Essa foi minha participação nesse caso", declarou o treinador.



Cuca não citou nomes das pessoas que vai processar, mas deixou claro que há jornalistas que distorceram todos os fatos na Suíça

MANIPULAÇÃO DE RESULTADO

## STJD abre processo do jogo Vila Nova x Sport

Agência Estado

O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) abrirá um processo disciplinar para investigar a manipulação de resultados no duelo entre Vila Nova x Sport, pela última rodada da Série B do ano passado, a pedido de Maurício Neves Fonseca, auditor processante do inquérito que investiga o caso. De acordo com a conclusão de Fonseca, "foram identificados fortes indícios na participação de atletas no esquema de manipulação".

Nos próximos dias, os envolvidos serão denunciados e julgados com base no Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD), após análise realizada pela Procuradoria do STJD sobre a conclusão. O processo é a consequência desportiva da 'Operação Penalidade Máxima', conduzida pelo Ministério Público de Goiás, que identificou suspeitas de manipulação e envolvimento de diversos

atletas em partidas da segunda divisão nacional e campeonatos estaduais.

Outro jogo sob investigação é a partida entre Sampaio Corrêa e Londrina, também realizada durante a Série B do ano passado. O inquérito sobre esse duelo também foi conduzido por Neves e concluído com indicação de denúncia por manipulação de resultados.

No mês passado, a Justiça goiana acatou a denúncia do Ministério Público de Goiás (MP-GO) contra 14 pessoas acusadas de participar de um esquema que fraudava o resultado dos jogos da Série B do Campeonato Brasileiro. Segundo a denúncia do MP, seis deles fazem parte de um "grupo criminoso especializado na prática de corrupção em âmbito esportivo, especialmente, em partidas da Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2022".

No caso do empate sem gols entre Sport e Vila Nova

no final do ano passado, a manipulação se daria por meio de cometimento de pênalti no primeiro tempo da partida. Segundo o presidente do Vila Nova, Bruno Lopez relatou o envolvimento no esquema de Romário, jogador do Vila Nova, e de dois outros jogadores do Sampaio Corrêa e da Tombense.

De acordo com o MP, o grupo criminoso abordava os jogadores com a oferta de R\$ 150 mil, sendo que R\$ 10 mil eram pagos adiantados. Os jogadores deviam cometer pênaltis no primeiro tempo ou receber cartões amarelos ou vermelhos em determinada etapa da partida em jogos previamente selecionados.



Jogo Vila Nova x Sport na última rodada da Série B de 2022

Foto: Rodrigo Coca/Agência Corinthians

Foto: Divulgação/Sport





Foto: Vitor Silva/Botafogo

O paraibano Tiquinho é um dos destaques na boa campanha do Botafogo, que está há 11 jogos sem perder e faz uma bela campanha com duas vitórias pelo Campeonato Brasileiro

## BRASILEIRÃO

# Clássico carioca agita, hoje, o Maracanã

Flamengo e Botafogo jogam no estádio, que terá ainda mais dois jogos: Inter x Goiás e Cuiabá x Grêmio

Geraldo Varela  
gvarellajp@gmail.com

O jogo deste domingo entre Flamengo e Botafogo, às 16h, no Maracanã, será o de número 64 pelo Campeonato Brasileiro com 23 vitórias do rubro-negro contra 13 do alvinegro e 27 empates. Os números divulgados pelo *site* ogol.com.br mostra que as equipes já enfrentaram 344 vezes por diversas competições com 127 vitórias do Fla contra 104 do Bota e 113 empates. O confronto vale pela terceira rodada do Brasileirão, onde o clube da Estrela Solitária tem 100% de aproveitamento nos dois jogos contra apenas 50% de seu adversário. As informações constam no *site* ogol.com.br.

No meio de semana, as duas equipes jogaram pela Copa do Brasil e conseguiram a classificação para as oitavas de final. O Flamengo encontrou mais dificuldades para seguir na disputa por ter perdido o jogo de ida por 2 a 0 para o Maringá, mas se recuperou no Maracanã e goleou por 8 a 2. Já o Botafogo que venceu o primeiro confronto diante do Ypiranga por 2 a 0 fora de seus domínios, não teve maiores dificuldades atuando na volta, no Engenhão repetiu o placar e com um detalhe: o técnico Luís Castro usou um time B, deixando os titulares no banco, preservando-os para o clássico deste domingo. O alvinegro está há 11 jogos sem perder e chega para este jogo com a moral muito acima.

Um dos jogadores mais importantes do Botafogo é o paraibano Tiquinho, da cidade de Sousa, que vem se destacando e marcando gols importantes. No Brasileirão já marcou um gol. A última vez que as duas equipes se enfrentaram foi no dia 25 de fevereiro deste ano, ainda pela Taça Guanabara, quando o Flamengo venceu por 1 a 0, gol de Matheus Gonçalves. Ano passado, em maio, jogando no Mané Garrincha, pelo Brasileiro, o Botafogo venceu por 1 a 0, gol de Erison. Na última rodada, o Botafogo venceu o Bahia por 2 a 1, na Fonte Nova. Já o Flamengo foi derrotado

em Porto Alegre, pelo Internacional. Além de Flamengo e Botafogo, o domingo reserva mais duas partidas pela Série A. O Internacional que conquistou uma expressiva vitória sobre o rubro-negro carioca volta a jogar em seus domínios às 18h30 e vai receber o Goiás, time empolgado após vencer o Corinthians por 3 a 1 na segunda rodada. Na quinta-feira, o Colorado passou sufoco pela Copa do Brasil e só alcançou a classificação nas penalidades contra o CSA. Perdeu de 2 a 1 no tempo normal, mas levou a melhor nos pênaltis por 7 a 6, em jogo disputado no Rei Pelé.

Inter e Goiás já jogaram 49 vezes pelo Brasileirão com 24 vitórias

do Inter contra 15 do time goiano e 10 empates. No geral são 55 jogos com 27 vitórias do Colorado contra 17 do adversário e mais 11 empates, dados coletado no *site* ogol.com.br. Outro time gaúcho também joga hoje, mas na Arena do Pantanal, também às 18h30. No meio de semana, o Grêmio confirmou a sua classificação às oitavas de final ao empatar, em casa, em 1 a 1 diante do ABC. No jogo de ida tinha vencido em casa por 2 a 0, em Natal. Pelo Brasileirão as equipes já se enfrentaram em duas oportunidades, sem vencedor. Poucas vezes se enfrentaram e as outras duas foram pela Copa do

Brasil com triunfos gremistas. Pelo Brasileiro, o Grêmio vem de uma derrota para o Cruzeiro por 1 a 0, enquanto seu adversário empatou de 1 a 1 com o Red Bul Bragantino. A segunda rodada do Brasileirão será complementada amanhã, às 20h, em São Januário, quando o Vasco recebe o Bahia. O time carioca está invicto com uma vitória sobre o Atlético Mineiro por 2 a 1, fora de casa, e um empate com o Palmeiras, no Maracanã por 2 a 2. Já o Bahia aparece na zona de rebaixamento com duas derrotas, a primeira para o Red Bul Bragantino por 2 a 1 e a segunda, mesmo placar, mas para o Botafogo, esta

na Fonte Nova e a primeira no interior de São Paulo.

### Série B

A Série B do Campeonato Brasileiro programa para este domingo apenas três jogos com destaque para o clássico nordestino entre ABC e Ceará, às 18h, no Frasqueirão. Ambas ocupam a zona de rebaixamento sem pontos e sem marcar nenhum gol. Os outros dois jogos são Novorizontino x Sport, estreia do time pernambucano na competição, ausente por estar envolvido no Campeonato Pernambucano e Copa do Nordeste. O outro jogo será Vila Nova x Juventude.

Foto: Lucas Uebel/Grêmio



## Jogos de hoje

### BRASILEIRÃO

16h

Flamengo x Botafogo

18h30

Internacional x Goiás

Cuiabá x Grêmio

### Amanhã

20h

Vasco x Bahia

### SÉRIE B

Hoje

15h30

Novorizontino x Sport

18h

ABC x Ceará

18h15

Vila Nova x Juventude

O Grêmio, que tem como grande destaque o uruguaio Suárez, busca reabilitação no Brasileiro contra o Cuiabá, na Arena Pantanal



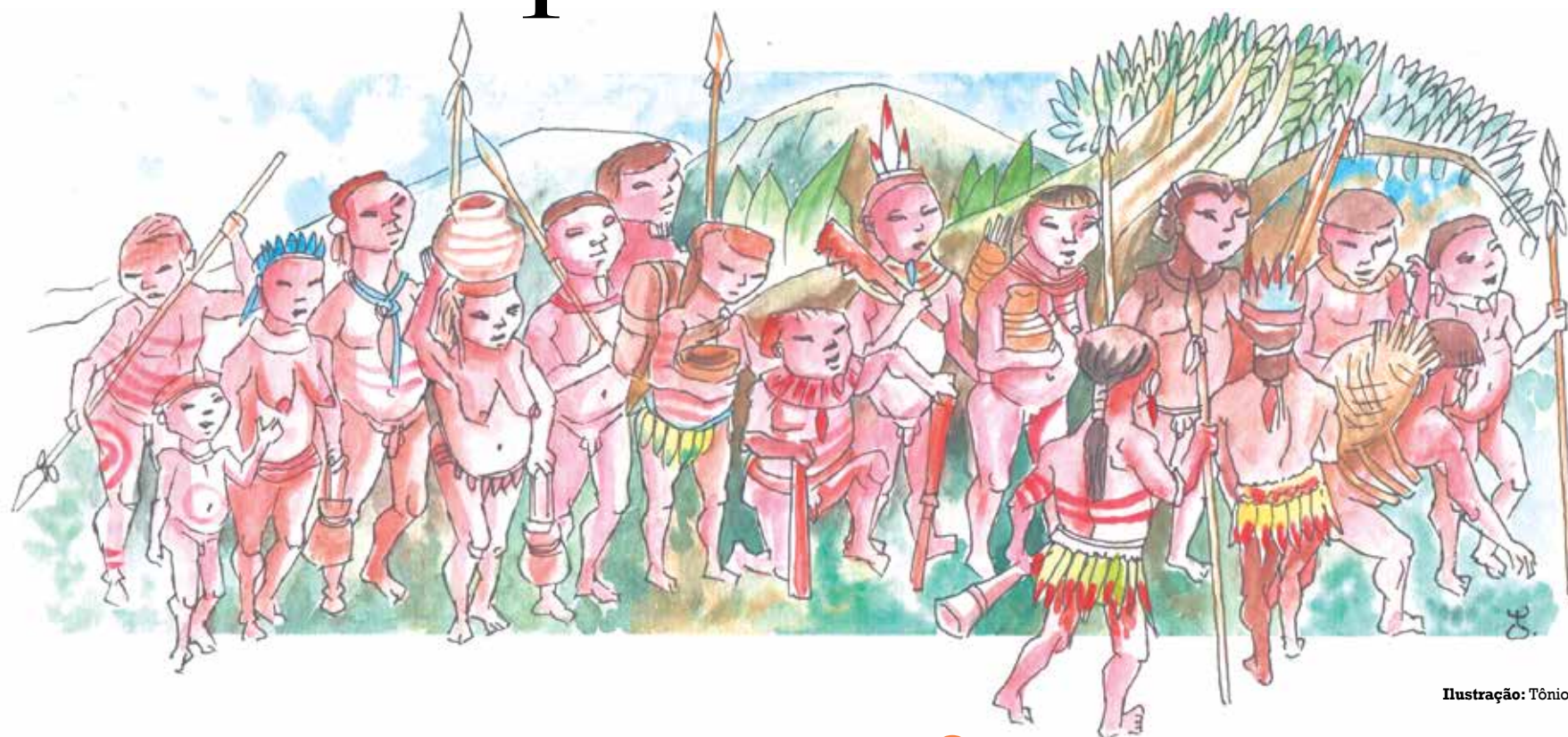


Ilustração: Tônio

## Saga potiguara

Indígenas paraibanos foram responsáveis pela criação da primeira igreja evangélica do Brasil e protagonizaram uma caminhada de 750 quilômetros para refúgio na Serra da Ibiapaba, no Sertão do Ceará

Ademilson José  
Especial para A União

Imaginem mais de duas mil pessoas saírem do litoral da Paraíba e caminharem 750 quilômetros até a Serra da Ibiapada, no Sertão do Ceará! Pois foi isso o que fizeram os potiguara calvinistas que, fugindo do jugo do catolicismo português, abandonaram a Paraíba logo depois do Brasil-holandês (1630-1654).

Os relatos são de uma pesquisa de quase dez anos, dignos de cenas cinematográficas e estão no livro 'A Primeira Igreja Protestante do Brasil - Igreja Reformada Potiguara' (Editora Makenzie, 2013), da professora cearense radicada no Rio de Janeiro Jaqueline de Souza.

E como o Brasil-holandês já havia se transformado numa salada cosmopolita, nem só de potiguara da Paraíba era feita aquela imensidão de refugiados. De fato, reconhece ela, nos entrelaçamentos familiares, também haviam holandeses, portugueses, tapuias, tabajaras, além, claro, de aliados do Rio Grande do Norte e Pernambuco, igualmente contrariados com a saída dos holandeses do Brasil.

Comandados por Antônio Paraupaba, que, ao lado de Pedro Poty, havia se constituído numa das principais lideranças indígenas do Brasil-holandês, os potiguara já tinham "birra" dos portugueses e não era pequena nem nova, não. Vinha desde a aliança com os franceses no século anterior pela Baía da Traição. Paraupaba só liderava sozinho agora porque Poty havia sido preso na Segunda Batalha dos Guararapes (1649) e, depois, torturado e morto a mando da Coroa portuguesa e da Santa Inquisição.

Para a professora Jaqueline, apesar da francesa, no Rio de Janeiro (1557-1558); da holandesa, em Salvador (1624-1625); e da presbiteriana do escocês Robert Kelley também no Rio de Janeiro, em 1855, aquela debanda potiguara em direção ao Ceará fazia parte do processo de criação e formação da primeira igreja evangélica

do Brasil. E por duas razões, uma de época e outra de originalidade e ação.

De época porque ocorreu dois séculos antes da evangélica que realmente se consolidou no Rio de Janeiro e, de originalidade porque, mesmo iniciada entre colonizadores, foi mantida e desenvolvida por nativos e sobreviveu por vários anos depois do Brasil-holandês. É possível admitir que os primeiros protestantes brasileiros falavam na língua tupi.

Sobre o fato de não se ter notícia de monumentos, a professora explica que, ao contrário dos católicos e dos demais evangélicos, os indígenas faziam seus cultos pelos pátios das aldeias. "Pode-se dizer que formaram uma igreja, porque, teologicamente falando, havendo dois ou três reunidos em nome de Jesus, está ali uma igreja. Isso é bíblico", argumenta.

Segundo ela, nas reuniões religiosas durante e depois do Brasil-holandês, os potiguara já faziam batismo, casamento, profissão de fé e até a Ceia do Senhor. Aliás, ficou num relatório do principal missionário holandês, David Doorenslaer, que esse a Ceia do Senhor foi o que mais demorou a ser efetivamente apreendido e aplicado, porque, entre os indígenas, "algumas vezes ocorriam problemas de embriaguez". A propósito, 'No Tempo dos Flamengos', Gonsalves de Mello fala que, apesar de missionário disciplinado, o próprio Pedro Poty gostava...

O fato é que a igreja fluiu. A evangelização dos holandeses era diferente. Era precedida de um trabalho de educação. E esse trabalho surtiu efeito e funcionou mesmo depois que os holandeses deixaram o Brasil. "As convenções, práticas e adesões deles passaram a ser mais livres, de indígena para indígena, sem influência do colonizador", observa. Com pós-graduação em Ciência da Religião pela Universidade Mackenzie de São Paulo, Jaqueline relata que, na década de 1660, somando os que se juntaram depois, os refugiados da Ibiapaba passavam de quatro mil e pre-ocupavam as autoridades.



Foto: Divulgação

Cearense e radicada no Rio de Janeiro, a professora Jaqueline de Souza desenvolveu por mais de 10 anos uma pesquisa sobre os holandeses no Brasil

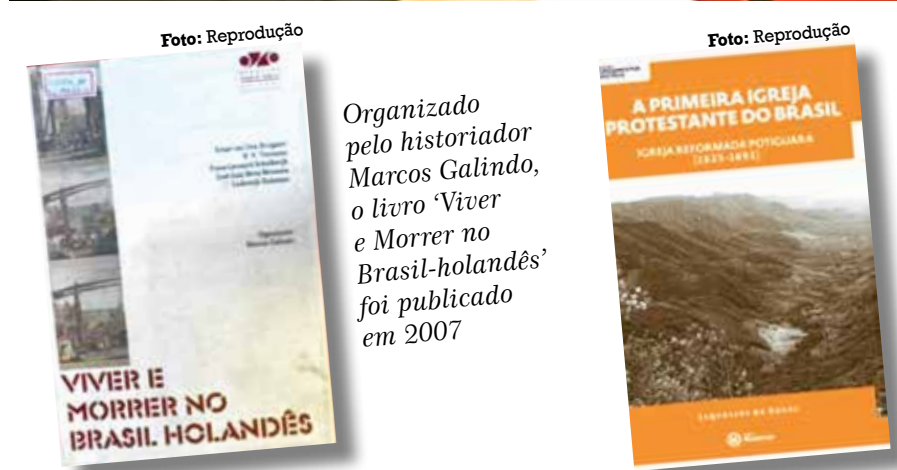


Foto: Reprodução

Foto: Reprodução

Organizado pelo historiador Marcos Galindo, o livro 'Viver e Morrer no Brasil-holandês' foi publicado em 2007

O livro 'A Primeira Igreja Protestante do Brasil - Igreja Reformada Potiguara' foi publicado pela Editora Makenzie, em 2013

### Pedro Poty: "Fé sem escravidão é viver e morrer com os holandeses"

A saga envolvendo tantos potiguara não se deu à toa, não. Foi fruto da forma diferenciada de evangelização imposta pelos holandeses, forma essa que, além da pesquisa de Jaqueline de Souza, também pode ser conferida no livro 'Viver e Morrer no Brasil-holandês' (Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2007), organizado pelo historiador Marcos Galindo.

Nas duas pesquisas, fica claro que, ao contrário dos jesuítas que iam direto ao choque de doutrinação, os holandeses primeiro ensinavam educação, inclusive com formação de professores e missionários entre os próprios indígenas. Educados em Amsterdã, onde viveram entre 1625 e 1630, Pedro Poty (na Paraíba) e Paraupaba (no Rio Grande do Norte) foram os primeiros e principais professores indígenas dessas missões.

Eles ensinavam línguas e noções de história, matemática, geografia e ciências e, na sequência, é que passavam para o ensinamento das doutrinas da Igreja Reformada. Conforme os relatos de Frans Leonardo Schalkwijk, além

“

Agiam como quem precisava do indígena. Sem os potiguara, o Brasil-holandês não teria acontecido

Jaqueline de Souza

de David Doorenslaer, o espanhol Dionísio Biscareto e o inglês Thomas Kemp também estiveram entre os primeiros professores nomeados e pagos pelo Brasil-holandês. E na medida em que viravam professores, indígenas também ganhavam por isso.

Frans Leonardo Schalkwijk conta que foi de autoria do missionário David Doorenslaer um catecismo trilingue que chegou a provocar problemas no além-mar. 'Uma Instrução Simples e Breve da Palavra de Deus', escrito em holandês, português e brasi-

liano (o tupi), e editado na Holanda, contrariava o Presbitério de Amsterdã e levou os conselheiros a serem advertidos sobre o uso do "livrinho" no Brasil-holandês.

O fato, no entanto, é que até isso mostra que havia planejamento e investimento na evangelização. Ao contrário dos portugueses que priorizavam a escravidão, os holandeses atraíam os potiguara primeiro como guias e guerreiros e, depois, buscando incorporá-los à religião. "Agiam como quem precisava do indígena. E precisavam sim. Sem os potiguara, o Brasil-holandês talvez não tivesse acontecido", analisa Jaqueline.

E como exemplos da diferença de tratamentos entre os dois invasores, ela cita alguns trechos de uma carta-resposta de Pedro Poty ao primo dele, Felipe Camarão (aliado dos portugueses): "Estou bem aqui (ao lado dos holandeses). Nada me falta. Vivemos mais livremente (...) Jamais se ouviu dizer que tenham escravizado, assassinado ou maltratado algum dos nossos (...) Eles nos chamam e vivem como irmãos, portanto, com eles, queremos viver e morrer".

### Ibiapaba virou a "Genebra dos Sertões"

Frans Leonardo Schalkwijk e Jaqueline de Souza registram ainda que os potiguara desenvolveram um sentimento de fé e um nível de conhecimento teológico tão elevados que, depois de visitá-los no Sertão do Ceará, o Padre Antônio Vieira enviou documento de alerta à Coroa e à cúpula da Igreja Católica em Portugal.

Em seu relatório, Vieira incluiu, entre outras coisas, que "os potiguara já pareciam mais calvinistas que os próprios alemães e ingleses", e que a Serra da Ibiapaba estava "transformada numa verdadeira Genebra dos Sertões". Genebra (na Suíça) foi berço e, nessa época, era cidade símbolo do calvinismo europeu.

Criado pelo francês João Calvino durante a Reforma Protestante, o calvinismo se baseia na predestinação, na valorização dos bons costumes e na defesa do trabalho e do lucro. E, nessa história, só uma coisa não se sabe até hoje: como terminaram, o que aconteceu com os potiguara que abraçaram essa religião e trocaram a Paraíba pela Serra da Ibiapaba que hoje engloba 10 cidades, polarizadas por Viçosa.

Segundo Jaqueline, por duas vezes, Paraupaba foi à Holanda buscar apoio e informações se os holandeses ainda voltariam a ocupar possessões no Nordeste para que, a eles, os potiguaras da Ibiapaba, pudessem novamente se agrupar. Fica até fácil concluir que não obteve êxito. Até porque, depois da saída em 1654, os holandeses desistiram definitivamente do Brasil.

Primeiro porque a União Ibérica já havia se esfacelado e seus principais inimigos (os espanhóis) estavam fora da colonização do Brasil; e, em segundo lugar, porque terminaram fechando acordo com Portugal, recebendo, entre outras coisas, 63 toneladas de ouro para "esquecerem" o Brasil.

Para Frans Leonardo Schalkwijk, a Igreja Evangélica potiguara certamente teria se mantido se, no regime português da época, já houvesse liberdade religiosa. E, perseguidos como eram, os potiguara que ficaram foram os que cedo se renderam mesmo, mas, os da Ibiapaba, talvez não. Espesula-se que teriam se unido aos tapuia na "Guerra dos Bárbaros", o conflito que começou em 1683 e que dispersou e praticamente dizimou etnias do Sertão da Bahia aos confins do Maranhão.

"Bárbaros" porque, de índio a caboclo preguiçoso, foi assim que os escribas lusitanos denominaram os indígenas dos sertões nordestinos. Mas esse é outro capítulo omitido pela historiografia oficial. Fato mesmo é que, se modulando ao longo dos séculos, essa guerra jamais acabou. E, como se vê, cada vez mais cheia de religiões.

■ Paraupaba foi à Holanda buscar apoio e informações sobre se os holandeses voltariam ao Brasil



## Heliodoro Pires

# Padre e jornalista era especialista em temas religiosos

Hilton Gouvêa  
araujogouv74@gmail.com

Padre Heliodoro de Souza Pires nasceu em Umbuzeiro, município localizado a 155 quilômetros de João Pessoa, em 9 de janeiro de 1888. Ele morreu na mesma cidade, em 3 de março de 1971, aos 83 anos e 60 de sacerdócio. Era filho de Silvestre Pires de Azevedo e Ludugera Almeida de Sousa. Seus estudos para receber as ordens sacerdotais ocorreram no Seminário do Ceará, em 1911, através Dom Luis de Brito. Seu trabalho com o religioso teve início em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, levado por Dom Moisés Coelho, com o objetivo de instalar a Diocese local.

Posteriormente, transferiu-se para Recife, seguindo dali para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No Rio de Janeiro, organizou os vitrais da Igreja de São Judas Tadeu, composto dos maiores vultos religiosos nacionais. Dedicou-se aos estudos e ao trabalho, tornando-se especialista em literatura católica, estudioso das artes sacras e da história da igreja brasileira. Por isso era muito solicitado pela imprensa carioca, pernambucana e paraibana, que disputavam seus escritos.

Como jornalista, escreveu para os jornais de Recife, publicando trabalhos no Jornal do Comércio e em A Manhã. Padre Heliodoro era admirador do Padre Rolim, com o qual teve uma rápida convivência quando criança. Em sua homenagem escreveu uma biografia do padre, baseada em grande parte nas lembranças que lhes ficaram na memória. Sobre a biografia, porque baseada na memória e na tradição oral, apresenta inúmeros problemas com relação a datas e dados sobre o biografado e sua família.

Um desses problemas, apontado pelo Barão de Studart, em carta prefácio ao livro, desmente o fato de que Rolim tenha sido discípulo do Padre José Martiniano de Alencar no Seminário do Crato, pois, segundo ele, nessa época Alencar frequentava o Seminário de

Olinda. Outra explicação para os “erros” teria sido a pressa do padre em inscrever o seu trabalho sobre Padre Rolim no Congresso de História, que ocorreu na Paraíba em homenagem ao centenário da Revolução de 1817.

Contudo, não há registro de que esse trabalho tenha sido apresentado ou discutido. Não há mesmo nenhum registro por escrito dessa apresentação. Padre Heliodoro Pires é patrono da Cadeira 04 do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). Ele é autor de ‘Padre Inácio Rolim’, cuja primeira edição foi publicada em 1971, em Fortaleza (CE). Em 1991, foi editada uma segunda edição atualizada pelo historiador Deusdedit de Vasconcelos Leitão.

Outros trabalhos jornalísticos e literários de Padre Heliodoro foram escritos com os seguintes títulos: ‘Nos Caminhos do Nazareno’, 1923; ‘No Sorriso das Almas’, 1925; ‘A Pedagogia na Áustria e a Obra Admirável de Oto Glockel’, 1933; ‘A Poesia na Igreja do Ocidente’, 1934; ‘As Educadoras Beneméritas da Colina de Santana’, 1934; ‘A Paisagem Espiritual do Brasil no Século XVIII’, 1937; ‘Nas Galerias da Arte e da História’, 1944; ‘Cenas e Perfis dos Legendários Cristãos Pilatos, Verônica e Plautilla’, 1958; ‘O Aleijadinho’, 1942; ‘Mestre Aleijadinho: Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa’, 1961; e ‘Temas da História Eclesiástica no Brasil’.

Parte da vida de Padre Heliodoro ainda é tema polêmico para diversos historiadores. Coriolano de Medeiros, por exemplo, não cita a data da sua morte nem o local. E há quem afirme – embora nem o IHGP tenha provas desses originais em seus arquivos – que ele tenha iniciado estudos sobre o povo umbu, uma tribo nômade que se fixou nos confins dos sertões paraibanos e cearenses, provavelmente expulsa para as fronteiras do Brasil com o Paraguai e a Argentina, por levaras migratórias oriundas do Maranhão e Piauí, nos séculos XIII e XIV.



Foto: Coisas de Cajazeiras

Padre Heliodoro era admirador do Padre Rolim (na foto), com o qual teve uma rápida convivência quando criança

## Indicado para escrever a biografia de Padre Rolim

O jornal A Cruz, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 7 de fevereiro de 1954, registra em uma nota: “Escrevendo ‘Temas de História Eclesiástica do Brasil’, o Padre Heliodoro Pires fez um caloroso apelo à Prefeitura de Cajazeiras, na Paraíba, no sentido de promover a publicação de uma biografia completa do grande missionário nordestino, o Padre Inácio de Souza Rolim”.

A nota continua: “No seu dramático apelo, o mencionado sacerdote cita: ‘Quando a Prefeitura de Cajazeiras pagará essa dívida?’. Preliminarmente, o venerando tonsurado não faz referências à divulgação de um ótimo livro intitulado ‘Padre-Mestre Inácio Rolim’, impresso na Tipografia Literária Gadelha e lançado em Fortaleza, no ano de 1916”.

“No referido trabalho, prefaciado pelo saudoso Barão de Studart, estão anotadas as principais fases da vida do fundador de Cajazeiras e da penetração das bandeiras pelos sertões paraibanos. Estamos de pleno acordo e ratificamos o ótimo apelo formulado pelo venerando sacerdote. Todavia, temos uma sugestão a fazer: a Prefeitura de Cajazeiras

poderia confiar à missão ao próprio autor do ‘Padre-Mestre Inácio Rolim’, que é paraibano, historiador, homem de cultura e de saber”.

A nota finaliza: “Ampliando e retificando alguns trechos da dita monografia, o Padre Heliodoro Pires é o mais credenciado para levar avante a consagrada homenagem ao grande soldado de Cristo dos sertões nordestinos e do Brasil”.

## Tocando em Frente



## Herivelto Martins e Dalva de Oliveira – entre tapas e beijos – parte II

Herivelto e Dalva passaram a viver juntos em 1936/37, somente oficializando a união em 1939, quando se casaram em um ritual de Umbanda. No mesmo ano, o trio (Trio de Ouro) estreou em gravações com o 78 rpm ‘Ceci e Peri’ e ‘Itaquary’. A sociedade da época não via a união deles com bons olhos, mesmo porque Herivelto, oficialmente, ainda se mantinha casado, desde o início da década de 1930, com Maria Aparecida Pereira de Mello, a Mariazinha, com quem havia tido dois filhos: Hélcio e Hélio Pereira Martins, nascidos de uma união que havia durado pouco menos de cinco anos. A separação, no caso dessa primeira união, foi atribuída pelos noticiários de pasquim da época ao alcoolismo e aos episódios de traição por parte dele.



Como nos “bons tempos”: Dalva, Pery e Herivelto

Da nova união, com Dalva de Oliveira, veio a continuação da prole dele: Pery Ribeiro, o grande intérprete da Bossa-Nova, e Ubiratã, o Bily, que se tornaria um dos diretores do Departamento Internacional da TV Globo. Mesmo com o prestígio do reconhecimento público, a família ainda vivia em situação econômica precária, em morada modesta, porém ele, dado à ostentação, gostava de vestir-se a rigor e receber amigos em homéricas rodadas de bebidas. Somente em 1943, quando já um pouco mais estabilizado, o casal com os dois filhos foi residir em uma casa mais espaçosa, localizada na Urca, próxima do cassino homônimo. É dessa época a participação dele, como codiretor, no filme ‘It’s All True’, do norte-americano Orson Welles, que havia vindo ao Brasil com o objetivo de reatizar a produção, mas cujas filmagens nunca foram concluídas.

Já a partir do início dos anos de 1940, o trio se estabilizou e enveredou pelos estilos samba-canção e músicas carnavalescas, inclusive, com ele introduzindo, no 78 rpm ‘Praça Onze’, o apito como instrumento rítmico, modelo seguido pelos compositores contem-

porâneos. Dessa época, dentre os megassucessos de Herivelto, merece destaque ‘Caminheiros’, transformado em uma espécie de carro-chefe de Nelson Gonçalves. Três intérpretes consideradas divas da MPB colecionaram sucessos, no estilo samba-canção, a partir de criações de Herivelto: Linda Batista, Isaurinha Garcia e, em gravações solo, a própria Dalva de Oliveira. Agregado à Estação Primeira de Mangueira e fã incondicional dela, Herivelto dedicou à escola pelo menos três composições: ‘Lá em Mangueira’, ‘Mangueira’ e ‘Saudosa Mangueira’.

O próprio filho Pery deixou registrado: “Não foi romântica, porém, a relação entre nosso pai e nossa mãe. Donos de personalidades fortíssimas, eram o que podemos chamar de dois volúveis. As brigas, pouco a pouco, se tornavam mais frequentes. Com mais dinheiro entrando, meu pai começou a buscar outras mulheres. De frequentes, as brigas passaram a violentas”.

Com o casal já em desarmonia, devido, pelo que se sabe, às inúmeras incursões dele no mundo da bebida, das farras e de novas conquistas amorosas, veio a “gota d’água”: um dia, com Dalva ausente de casa, a irmã da Dalva, Nair, que morava com o casal, flagrou, de modo não intencional, Herivelto na cama

com uma visitante ilustre, a amiga da família, cantora já consagrada, Isaurinha Garcia. A contraofensiva veio quando ele gritou, sem provas, que Dalva também recebia o assédio constante de amigos do meio artístico. Foi dessa fase conturbada que Dalva, grávida da filha que tanto desejava, sofre uma violenta agressão dele que, agarrando-a pelos cabelos, empurra-a escada abaixo, provocando um aborto forçado. A vida, no entanto, fazia dos dois prisioneiros de uma relação mais profissional do que pessoal.

Em 1946, começa um terceiro relacionamento (extraconjugal) dele com a aeromoça (desquitada) Lurdes (Nura) Torelly, com quem somente viria a casar-se em 1952. São frutos dessa relação os filhos Fernando José, Yaçaná e Herivelto Jr. O casamento vai até 1990, quando ela morre. Ainda em 1947, brigas, em geral por ciúmes e conduzidas pelo gênio forte do dois, Herivelto e Dalva, o casal põe fim à parceria matrimonial e musical, mas o Trio de Ouro ainda se mantém até 1949, ano da separação oficial do casal, cujo ápice se deu quando de uma viagem de compromisso musical à Venezuela. Herivelto se reencontra com a bela aeromoça, desquitada, Lurdes Torelly, por quem ele “arrastava as asas” já havia pelo menos dois anos. Ela viria a ser sua nova companheira, apesar dos óbices de familiares dela. Diante do fato consumado da separação de Herivelto com Dalva, inicia-se o processo de desquite (ainda não havia divórcio no Brasil), a justiça interdita a convivência dos filhos, Pery e Ubiratã, por conta do casal desfeito, e as crianças foram encaminhadas para um colégio interno, o que causaria traumas profundos nelas e cujos reflexos são retratados no livro escrito por Pery Ribeiro e sua esposa, Ana Duarte: ‘Minhas Duas Estrelas’.

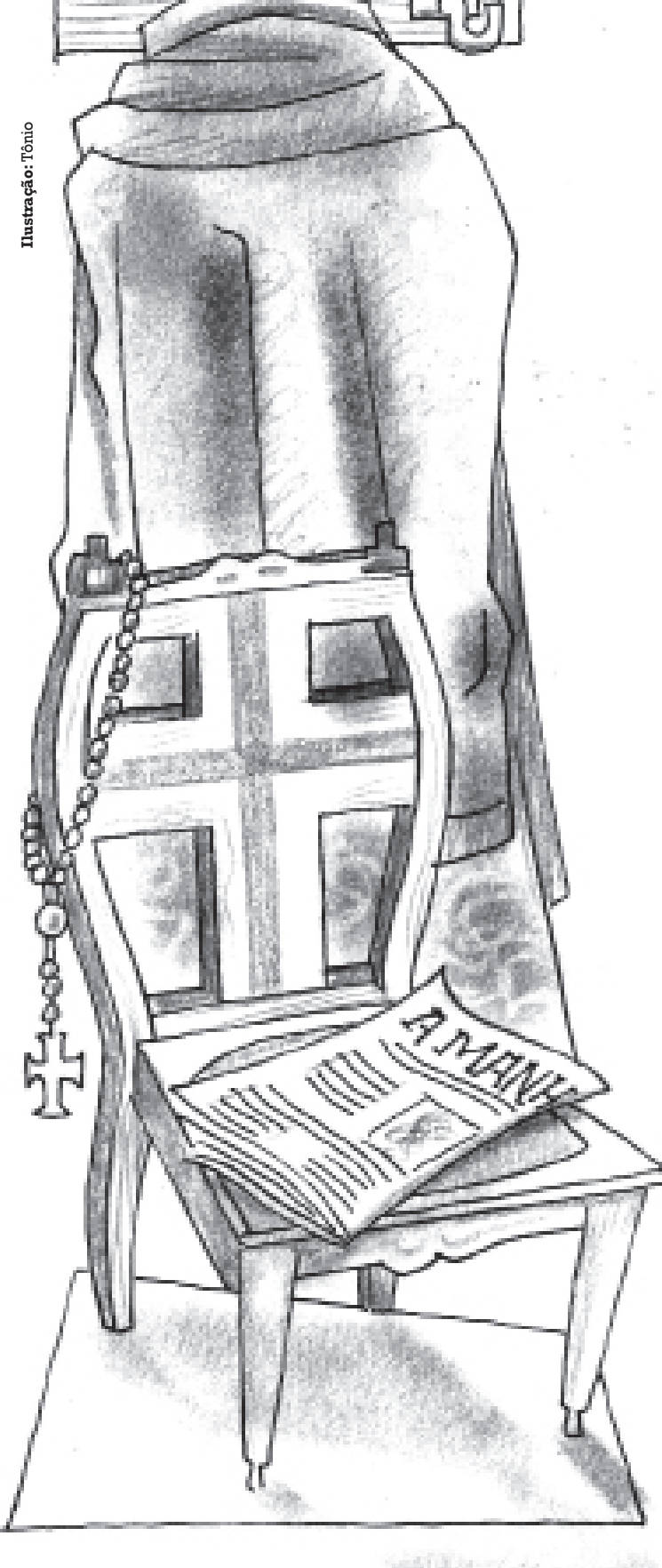
É essa época que marca o início das composições encomendadas que dão origem

a outra conhecida “polêmica musical”, em moldes semelhantes a que fora alimentada pela imprensa de então, no caso de Noel Rosa e Wilson Baptista. Com relação ao “caso” de Herivelto e Dalva, sempre havia os compositores de plantão para alimentar o entrevero, provocando a opinião pública a “tomar partido”: para ele, o parceiro ideal sempre foi o polêmico e ferino jornalista David Nasser. Dentre as “respostas musicais” de Dalva, algumas merecem destaque: ‘Tudo Acabado’ (J. Piedade e Osvaldo Martins): “Tudo acabou entre nós/ já não há mais nada/ Tudo acabou entre nós, hoje de madrugada/ Você chorou, e eu chorei/ Você partiu, e eu fiquei...”.

Outros passos foram dados no espinhoso caminho da separação, como, por exemplo, ocorreu em ‘Caminho Certo’ (Herivelto e David Nasser): ‘Eu deixei o meu caminho certo/ e a culpada foi ela...’; e ‘Atiraste uma Pedra’ (também da dupla): ‘Atiraste uma pedra no peito de quem/ só te fez tanto bem/ e quebraste um telhado/ perdeste um abrigo/ feriste um amigo’.

A resposta veio com ‘Errei, Sim!’ (Acaulfo Alves, que tomou partido de Dalva e, publicamente, rompeu com Herivelto): ‘Errei, sim!... manchei o teu nome, / mas foste tu mesmo o culpado...’.

Apôlice foi extensa, porém a síntese de toda a “briga musical” está contida, sobretudo, em algumas criações musicais: a já citada ‘Caminheiros’, de Herivelto: “Não, eu não posso lembrar que te amei/ Não, eu preciso esquecer que sofri/ Faça de conta que o tempo passou/ E que tudo entre nós terminou...”, e na parceria dele com Marino Pinto: ‘Cabelos Brancos’, em que ele busca se afastar das lembranças do seu passado: “Não falem desta mulher perto de mim/ Não falem para não lembrar minha dor/ Já fui moço, já gozei a mocidade/ Se me lembro dela me dá saudade...”.



Padre Heliodoro Pires dedicou-se aos estudos e ao trabalho, tornando-se especialista em literatura católica, estudioso das artes sacras e da história da igreja brasileira; por isso, era muito solicitado pela imprensa carioca, pernambucana e paraibana, que disputavam seus escritos

## Angélica Lúcio

## O Brasil precisa de uma Política Nacional de Comunicação e Saúde

Um tema que interessa a toda a população brasileira (e não apenas a comunicadores) estará em debate na terceira semana de maio: a criação de uma Política Nacional de Comunicação e Saúde. Após a tormentosa experiência que tivemos durante a pandemia de covid-19, com um cenário de notícias falsas e negacionismo confundindo as pessoas, ter uma diretriz nacional sobre saúde e comunicação parece-me essencial. Mais: os reflexos do novo coronavírus no Brasil evidenciaram a necessidade de se pensar a comunicação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Atualmente, conforme dados do governo federal, o SUS é o único sistema de saúde pública do mundo que atende mais de 190 milhões de pessoas; desse total, cerca de 80% dos usuários dependem, exclusivamente, dos serviços públicos para qualquer atendimento de saúde. Além disso, 71,5% dos brasileiros não figuram como contratante de qualquer plano privado de saúde e têm no SUS sua única possibilidade para tratamentos, atendimento hospitalar e outros serviços de saúde.

A proposta de estruturação, formulação e implementação da Política Nacional de Co-

**Anoto**

**2ª Conferência Livre de Comunicação e Saúde**

A Plenária final está chegando

**Dia 16/05**

Venha contribuir para melhorar a comunicação no SUS.

Associação de Comunicação e Saúde (ACS) | ICICT | Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICT) | Instituto de Políticas e Gestão da Informação (IPGI) | Instituto de Políticas e Gestão da Informação (IPGI)

municação Pública do Sistema Único de Saúde será debatida e votada durante a realização da plenária final da 2ª Conferência Livre de Comunicação e Saúde (CLCS). O evento ocorrerá no dia 16 de maio, das 9h às 12h, de forma remota. No documento, a comunicação é percebida como direito essencial para a democracia, a garantia do direito à saúde e o exercício da cidadania, incluindo o direito à informação, à livre expressão e à participação de todos os que constroem

e utilizam o SUS. Durante a realização da 2ª CLCS, serão debatidas 20 propostas (mas outras ainda podem ser apresentadas), elencadas em quatro eixos. São eles: Eixo I – O Brasil que temos e o Brasil que queremos; Eixo II – O Papel do Controle Social e dos Movimentos Sociais Para Salvar Vidas; Eixo III – Garantir Direitos e Defender o SUS, A Vida e a Democracia; Eixo IV – Amanhã Será Outro Dia Para Todos, Todas e Todes.

De forma geral, as propostas serão abordadas da seguinte forma: transformações necessárias para uma comunicação que atenda às necessidades do SUS (Eixo I); o papel da comunicação para que o controle social e os movimentos sociais possam salvar vidas (Eixo II); a comunicação como um direito que também precisa ser garantido para que as pessoas possam exercer o direito à saúde (Eixo III); e a novas possibilidades para a comunicação no SUS (Eixo IV).

Além da criação da Política Nacional de Comunicação e Saúde, a 2ª CLCS propõe, dentre outras questões, criar a carreira de Especialista em Comunicação Pública, adotando-a no SUS; criar a agência de notícias do SUS; fomentar estratégias e ações de for-

mação e educação continuada em comunicação pública e em letramento digital tomando como base a formação para a cidadania; dotar os conselhos de saúde dos três níveis de governo de estruturas próprias de comunicação, como forma de fortalecer o diálogo com a população e o controle social do SUS; estabelecer o uso de linguagem simples na comunicação do SUS em substituição às linguagens técnica, científica ou jurídica.

A 2ª CLCS precede a 17ª Conferência Nacional de Saúde, que ocorrerá de 2 a 5 de julho de 2023, numa realização do Conselho Nacional de Saúde (CNS) juntamente com o Ministério da Saúde. As deliberações aprovadas na Conferência Nacional devem ser contempladas no próximo ciclo de planejamento da União e servir de subsídio para a elaboração do Plano Nacional de Saúde e Plano Plurianual de 2024-2027. Ou seja, para quem sempre ansiou por mudanças positivas na comunicação do SUS a hora de se mobilizar é agora! E o melhor, como o processo é coletivo, você também pode participar! Inclusive, as inscrições para participar da 2ª Conferência Livre de Comunicação e Saúde são gratuitas. Saiba mais pelo link bit.ly/Inscricoes2aCLCS2023.

angelicalucio@gmail.com



PELOS SETE MARES

# Pirata mais bem-sucedido da história era uma mulher

Ching Shih comandou mais de 1,8 mil navios e cerca de 80 mil homens

Da Redação

No início do século 21, uma prostituta de um bordel flutuante na cidade de Cantão casou-se com Cheng I, um temível pirata que operou no Mar do Sul da China, durante a dinastia Qing. Ching Shih, um dos nomes pelos quais era conhecida, significa "viúva de Cheng", mas o legado que essa mulher deixou ultrapassou em muito o do seu marido, segundo o *site* Big Think e também registrado pelo *site* Zap.

Após a morte do marido, a mulher o sucedeu e comandou mais de 1,8 mil navios piratas e cerca de 80 mil homens. Para se ter uma ideia na comparação, o famoso Barba-Negra comandou quatro navios e 300 piratas. "Ela foi, inquestionavelmente, a maior pirata que já viveu", garante Laura Sook Duncombe, autora de 'Pirate Women: The Princesses, Prostitutes, and Privateers Who Ruled the Seven Seas' ('Mulheres Piratas: As Princesas, Prostitutas e Corsários que Arruinaram os Sete Mares', em tradução livre).

"Pirateou durante mais tempo. GANHOU MAIS DINHEIRO. Rendeu-se de livre vontade, conseguiu manter o seu dinheiro e viver o resto dos seus dias em liberdade, em vez de ser encurralada e assassinada por um governo, como aconteceu com o Barba-Negra", destaca a escritora.

Cheng I era comandante da Frota da Bandeira Vermelha dos navios piratas. Tinha conseguido unir muitas organizações de piratas chineses. Casou-se com a jovem de 26 anos em 1801 e Ching participou "plenamente na pirataria do marido", escreve Dian

H. Murray, em 'Pirates of the South China Coast, 1790-1810' ('Piratas da Costa Sul da China, 1790-1810').

De acordo com a publicação, Cheng escolheu a noiva devido a sua reputação de mulher de negócios: aparentemente, usava os segredos que aprendeu como prostituta para exercer poder sobre os seus clientes ricos e politicamente ativos. Há rumores de que Ching exigiu um controle igual da frota pirata como condição para se casar. "Onde a perspicácia empresarial começa a manifestar-se foi na forma como se tornou líder de toda a confederação", aponta Dian H. Murray. Era raro mulheres liderando a pirataria. O escritor Diam diz que só tem conhecimento de outra, Honcho-Lo, que esteve em atividade em Hong Kong, na primeira metade do século 20.

Seis anos após o casamento, Cheng I morreu, aos 42 anos. As circunstâncias da sua morte são desconhecidas, mas alguns relatos indicam que morreu na sequência de um tsunami, enquanto outros acreditam que foi assassinado no Vietnã. O filho adotivo de Cheng, Cheung Po Tsai, foi originalmente o herdeiro no controle da Frota da Bandeira Vermelha, mas o jovem pescador também tinha sido amante de Ching Shih.

Poucas semanas após a morte de Cheng I, Ching tinha tomado Cheung Po como seu amante também, acabando por solidificar a relação através do casamento. Logo obteve a liderança da Frota da Bandeira Vermelha. "Os navios piratas tinham fre-

quentemente algumas mulheres a bordo, mas não é claro até que ponto eram ou não piratas", aponta Dian H. Murray. No sul da China não havia estigma ligado ao fato de as mulheres estarem a bordo de um navio. Mas não teria sido fácil, muito menos para a viúva de um pirata, controlar tantos fora-da-lei.

Um funcionário da East India Company, Richard Glasspoole, foi capturado pelos piratas de Ching em setembro de 1809 e mantido até dezembro do mesmo ano. No seu relato, estimou que havia 80 mil piratas sob o comando de Ching e cerca de mil grandes navios e outros 800 menores, além de barcos a remo.

Ching unificou a frota de piratas usando um código de leis. O código era rigoroso: qualquer pirata que desobedecesse às ordens de um superior devia ser decapitado no local. O código era particularmente invulgar nas suas leis relativas à mulheres cativas. Se um pirata violasse uma mulher em cativeiro, seria condenado à morte. Se o sexo entre os dois fosse consensual, ambos seriam con-

denados à morte.

Existem outros relatos do código de Ching que afirmam que, se um pirata tomasse uma mulher em cativeiro, seria obrigado a ser-lhe fiel. "O que quer que pensassem sobre ela, parece claro que os piratas respeitavam e obedeciam a sua autoridade", avalia Dian H. Murray.

A Frota da Bandeira Vermelha sob o domínio de Ching permaneceu invicta, apesar das tentativas dos oficiais da dinastia Qing, da marinha portuguesa e da Companhia das Índias Orientais de a banirem. Após três anos de notoriedade, Ching finalmente retirou-se em 1810, aceitando uma oferta de anistia do governo chinês.

"O que precipitou a rendição parece ter sido um conflito entre as Frotas Negra e Vermelha e os seus líderes, o que levou primeiro à rendição da Frota Bandeira Negra e depois, a frota Bandeira Vermelha", explica. Ching morreu em 1844, com 69 anos. Ela marcou a cultura popular e inspirou uma personagem de um dos filmes 'Piratas do Caribe'.



## Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** anda (2) = passa + elegância (2) = porte - Solução: documento (4) = passaporte. **Charada de hoje:** antes do trabalho (2), tomava uma atitude (2) de atravessar a corrente fluvial (2), para chegar ao local do exame (2 + 2 + 2).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

## Tiras

### O Conde



### Zé Meiota



## Eita!!!



Foto: Divulgação

### # Cientistas e feiticeiros

Muita gente curtiu a infância entre a década de 1990 e os anos 2000 se divertindo com o 'Castelo Rá Tim Bum'. A série infantojuvenil foi transmitida originalmente de 1994 a 1997 na programação da TV Cultura. No entanto, a produção já foi reprisada diversas vezes. O 'Castelo Rá Tim Bum' acompanha a história de Nino, um garoto de 300 anos que mora com seu tio, Doutor Victor, também cientista e feiticeiro, e a tia-avó, Morgana, uma feiticeira de seis mil anos de idade.

### # Morando em São Paulo

Para fugir da solidão, Nino convive com os animais do castelo onde mora em São Paulo e recebe visitas, como seus três amigos humanos e um ET. Para complicar sua vida, o vilão Doutor Abobrinha deseja derrubar o castelo para construir um prédio. O orçamento para a produção de 'Castelo Rá Tim Bum' foi de R\$ 2,5 milhões, valor dividido entre a TV Cultura e a Fiesp.

### # Guerra de travesseiros

Em um dos episódios, houve uma guerra de travesseiros que acabou resultando na internação de Álvaro Petersen Jr., que interpretava o fantoche da cobra Celeste. Plumões dos travesseiros entraram na árvore e resultaram em uma alergia que o deixou internado por três dias. Ao todo, foram gravados 90 episódios, que exigiram a participação de 250 pessoas e em torno de cinco mil horas de gravação.

### # Atores gêmeos confundidos

Os atores Flávio de Souza e Henrique Stroeter eram maquiados como os gêmeos Tibio e Perônio e ficavam tão parecidos que, para não serem confundidos durante as gravações, precisavam se mexer para que conseguissem identificá-los. O cenário de 'Castelo Rá Tim Bum' foi construído em 360 graus. Por isso, a câmera podia passar à vontade sem mostrar os bastidores da produção.

### # Boneco teve nove versões

O boneco Mau foi o mais remodelado do elenco, tendo nove versões anteriores antes de chegar à final, em cinco materiais diferentes. Os traços físicos do relógio do castelo foram inspirados no Chacrinha. O quarto de Nino não estava no planejamento da planta original do castelo. A ideia só surgiu depois e, por isso, como já não havia mais espaço no estúdio, o quarto foi encaixado embaixo da escada.

## 9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Solução

1 - rabo do elefante; 2 - cabelo do elefante; 3 - cinto do rinoceronte; 4 - orelha do elefante; 5 - baba do rinoceronte; 6 - rabo do pássaro; 7 - galho; 8 - bico do toucan; 9 - 9 - 9 - bico de penugem do pássaro.